

Índice

Resumo	5
Abstract	6
Nota Prévia	7
Advertência.....	9
Abreviaturas e Termos Técnicos	10
1 Introdução.....	13
2 Enquadramento Teórico	15
2.1 Quadro de Investigação: A Teoria Generativista, a Teoria de Princípios e Parâmetros e o Programa Minimalista	15
2.2 Sintaxe das orações relativas restritivas em Português Europeu	25
2.2.1 Caracterização das orações relativas	25
2.2.2 Constituintes relativos (ou morfemas- <i>wh</i>) e o movimento de constituintes nas relativas restritivas	31
2.2.3 Características do antecedente da relativa restritiva.....	36
2.2.4 Estratégias de relativização em Português Europeu	37
2.2.5 Estrutura interna do SN relativizado.....	40
2.3 Teorias sobre a aquisição e desenvolvimento linguísticos.....	46
2.3.1 Diferentes perspectivas sobre o processo de aquisição	46
2.3.2 Aquisição das categorias funcionais.....	48
2.3.3 A aquisição do movimento- <i>wh</i>	53
2.3.4 Técnicas experimentais e considerações empíricas relativamente ao estudo das frases relativas	54
2.4 Hipóteses de trabalho.....	59
3 Metodologia.....	61
3.1 Delimitação do campo de trabalho.....	61
3.2 Construção do estímulo	63
3.2.1 Modelos de teste	63
3.2.1.1 Teste 1 – Enunciação de juízos de gramaticalidade	63
3.2.1.1.1 A estratégia resumptiva	66

3.2.1.1.2	A estratégia cortadora	68
3.2.1.1.3	A estratégia pseudo-resumtiva.....	69
3.2.1.1.4	A estratégia canónica	71
3.2.1.2	Teste 2 - Transformação de duas frases simples numa frase relativa e Teste 3 - Completamento de frases apoiado na visualização de imagens	72
3.3	Seleccção do vocabulário.....	77
3.4	Etapas da aplicação dos testes	77
3.4.1	Aplicação dos testes-piloto.....	77
3.4.2	Aplicação dos testes definitivos e procedimentos de recolha	79
3.5	Seleccção dos sujeitos	80
3.6	Critérios para o tratamento dos dados	81
3.6.1	Teste 1 (Juízos de gramaticalidade)	81
3.6.1.1	Erro de tipo 1 – Supressão de palavras da frase	84
3.6.1.2	Erro de tipo 2 – Transformação de uma frase relativa cortadora numa relativa canónica, por alteração da classe dos verbos.....	84
3.6.1.3	Erro de tipo 3 – Adição/Alteração de palavras	85
3.6.1.4	Erro de tipo 4 – Transformação da frase por substituição do pronome (alteração ± humano) ou por alteração da função sintáctica	85
3.6.1.4.1	Alteração da função sintáctica do pronome para um NP (SU ou OD)	86
3.6.1.4.2	Alteração da função sintáctica do pronome para um PP (OI ou OBL)	86
3.6.1.4.3	Alteração da função sintáctica do pronome para GEN.....	87
3.6.1.4.4	Substituição do pronome ± HUM.....	87
3.6.1.5	Erro de tipo 5 – Alteração da ordem dos constituintes na frase.....	88
3.6.1.6	Erro de tipo 6 – Construção de uma frase não relativa	88
3.6.1.7	Erro de tipo 7 – Anulação da estrutura completiva.....	88
3.6.1.8	Erro de tipo 8 – Construção / manutenção de uma frase relativa cortadora (alterações não significativas).....	89
3.6.1.9	Erro de tipo 9 – Construção de uma frase agramatical (por incorrecções na regência dos verbos, alteração de palavras).....	89
3.6.1.10	Erro de tipo 10 – Construção / manutenção de uma frase pseudo-resumtiva (alterações não significativas) ou construção de uma frase resumtiva.....	90
3.6.1.11	Erro de tipo 11 – Alteração de palavras.....	91

3.6.1.12	Erro de tipo 12 – Construção de uma frase gramatical não relativa	91
3.6.1.13	Erro de tipo 13 – Transformação da frase por substituição do pronome (alteração ± humano) ou por alteração da função sintáctica	92
3.6.1.13.1	Alteração da função sintáctica do pronome para um NP (SU ou OD)	92
3.6.1.13.2	Alteração da função sintáctica do pronome para um PP (OI ou OBL)	92
3.6.1.13.3	Alteração da função sintáctica do pronome para GEN.....	92
3.6.1.13.4	Substituição do pronome ± HUM.....	92
3.6.1.14	Erro de tipo 14 – Construção de uma frase relativa cortadora	93
3.6.1.15	Erro de tipo 15 – Supressão da completiva.....	93
3.6.1.16	Erro de tipo 16 – Construção de uma frase agramatical não relativa.....	93
3.6.1.17	Erro de tipo 17 – Construção de uma frase relativa resumptiva.....	93
3.6.1.18	Erro de tipo 18 – Construção de uma frase relativa pseudo-resumptiva.....	94
3.6.2	Testes 2 (Completamento de Frases) e 3 (Completamento de frases a partir da visualização de imagens).....	94
3.6.2.1	Erro de tipo 1 – Alteração do pronome para SU	95
3.6.2.2	Erro de tipo 2 – Alteração do pronome para OD.....	96
3.6.2.3	Erro de tipo 3 – Alteração do pronome para OI.....	96
3.6.2.4	Erro de tipo 4 – Alteração do pronome para OBL	96
3.6.2.5	Erro de tipo 5 – Alteração do pronome para GEN.....	97
3.6.2.6	Erro de tipo 6 – Não respondeu	97
3.6.2.7	Erro de tipo 7 – Alteração de palavras /das funções sintácticas por alteração do verbo	97
3.6.2.8	Erro de tipo 8 – Problema de regência verbal.....	98
3.6.2.9	Erro de tipo 9 – Construção de uma frase não relativa (coordenada, subordinada ou simples)	99
4	Descrição dos dados	100
4.1	Teste dos juízos de gramaticalidade	101
4.1.1	Descrição dos dados do 4.º ano	101
4.1.1.1	Resultados por estratégia.....	101
4.1.1.2	Resultados por função sintáctica do antecedente e do pronome.....	105
4.1.1.3	Resultados por encaixe de construções (inclusão de uma completiva no domínio da frase relativa).....	113

4.1.1.4	Resultados por natureza [± Humano] do constituinte relativizado.....	114
4.1.1.5	Resultado por categoria sintáctica do constituinte relativizado (NP ou PP).	116
4.1.2	Descrição dos dados do 6.º ano	121
4.1.2.1	Resultados por estratégia.....	121
4.1.2.2	Resultados por função sintáctica do antecedente e do pronome.....	125
4.1.2.3	Resultados por encaixe de construções (inclusão de uma completiva no domínio da frase relativa).....	133
4.1.2.4	Resultados por natureza [± humano] do constituinte relativizado	134
4.1.2.5	Resultado por categoria sintáctica do constituinte relativizado (NP ou PP).	135
4.1.3	Comparação de níveis de desempenho relativamente aos resultados obtidos no Teste dos Juízos de gramaticalidade.....	139
4.2	Teste de Completamento de frases	141
4.2.1	Descrição dos dados do 4.º ano	141
4.2.1.1	Resultados por tipo de estratégia de relativização utilizada	141
4.2.1.2	Resultados por tipo de encaixe.....	142
4.2.1.3	Resultados por função sintáctica do antecedente e do pronome.....	143
4.2.1.4	Resultados por natureza [±Hum] do constituinte relativizado	145
4.2.1.5	Resultado por categoria sintáctica do constituinte relativizado (NP ou PP).	146
4.2.2	Descrição dos dados do 6.º ano	147
4.2.2.1	Resultados por tipo de estratégia de relativização utilizada	147
4.2.2.2	Resultados por tipo de encaixe.....	148
4.2.2.3	Resultados por função sintáctica do antecedente e do pronome.....	149
4.2.2.4	Resultados por natureza [±Hum] do constituinte relativizado	151
4.2.2.5	Resultado por categoria sintáctica do constituinte relativizado (NP ou PP).	152
4.2.3	Comparação de níveis de desempenho relativamente aos resultados obtidos no Exercício de Completamento de Frases	152
5	Discussão dos dados	155
6	Conclusão.....	172
	Anexos	177
	Bibliografia.....	201

Resumo

O conhecimento da gramática das frases relativas tem sido tópico de muitos trabalhos sobre aquisição. No entanto, para o Português Europeu, não tem sido feito um estudo sistemático deste tipo de construção na produção escrita. O presente trabalho tem como objectivo estudar a produção de frases relativas restritivas, no registo escrito, em idades compreendidas entre os 10 e os 12 anos, com sujeitos no final do 1.º e 2.º ciclos do Ensino Básico.

As frases relativas restritivas são frases subordinadas que modificam referencialmente uma expressão da frase matriz. O constituinte modificado denomina-se antecedente da relativa e pode desempenhar as funções sintácticas de sujeito, objecto, oblíquo ou genitivo. Ainda que a norma linguística reconheça apenas a estratégia canónica na produção de relativas, existem outras estratégias não canónicas disponíveis na produção deste tipo de estrutura sintáctica: cortadora, resumptiva e pseudo-resumptiva.

O estudo desenvolvido visou determinar que estratégias de relativização são consideradas gramaticais e são preferencialmente utilizadas pelos sujeitos desta fase etária, procurando verificar se os juízos e as produções estão correlacionados com um conjunto de variáveis sintácticas. Para o efeito, foram realizadas experiências de eliciação, assentes num desenho experimental que contempla um teste de enunciação de juízos de gramaticalidade e um teste de produção linguística provocada. Partindo do modelo da Gramática Universal, foi possível observar que a apropriação deste tipo de estruturas é um processo gradual, de acordo com os princípios da gramática disponíveis num dado momento do desenvolvimento linguístico.

Palavras-chave: relativas restritivas, desenvolvimento linguístico, estratégias de relativização, desenho experimental, produção provocada, juízos de gramaticalidade, Português Europeu

Abstract

The knowledge of the grammar of relative clauses has been the topic of several research works in the field of acquisition. However, as far as European Portuguese is concerned, a systematic study on written production is not available. The aim of this dissertation is to study the production of restrictive relative clauses in the written speech, in groups aged between 10 and 12 years, as well as their grammaticality judgements on these structures.

Restrictive relative clauses are subordinate clauses that modify referentially an expression in the matrix clause. The modified constituent is called the head (or filler) of the relative and can play the syntactic role of subject, object, oblique or genitive. Although the canonical strategy for the production of relative clauses is the only one considered in grammars of standard Portuguese, other non canonical strategies are also available, namely: chopping, resumptive and pseudo-resumptive strategies.

The study carried out aims at determining which relativization strategies are judged as grammatical and are preferably used by these group age students, trying to check whether such judgements and production preferences are correlated with syntactic variables. Bearing that in mind, we carried out experiments in elicitation, based on an experimental design that includes a grammatical judgment task of and a test of elicited production. Adopting the model of Universal Grammar, it was possible to see that mastering of the use of this type of structure is a gradual process, in accordance with the principles of grammar available at a given moment in the language development path.

Keywords: restrictive relative clauses, language development, relativization strategies, experimental design, elicited production, grammaticality judgments, European Portuguese

Nota Prévia

Esta nota serve para expressar o meu reconhecimento a algumas pessoas que de uma forma mais ou menos directa influenciaram a concepção deste trabalho.

À minha orientadora, Professora Doutora Inês Duarte, com quem tive o prazer de aprender ainda durante a licenciatura e que me ensinou a gostar de Sintaxe, agradeço a disponibilidade, todos os ensinamentos que me transmitiu e todos os conselhos sempre tão relevantes. Pela crítica construtiva, pelas palavras de apoio e de incentivo nos momentos em que receava não ser capaz de levar por diante este trabalho aqui fica o meu sincero agradecimento.

À Professora Doutora Fernanda Gonçalves agradeço a sua disponibilidade na revisão do primeiro capítulo deste trabalho, as sugestões bibliográficas que me recomendou, bem como os contactos fornecidos aquando da fase-piloto da aplicação do desenho experimental. Reconheço ainda o apoio amigo e as palavras de encorajamento que foram para mim um estímulo na fase inicial deste trabalho.

Destaco ainda o contributo de algumas professoras, pela sua disponibilidade nas escolas que serviram de base a este estudo: à Professora Otília (Escola Superior de Educação), à Professora Anabela (da Escola Básica 2,3 Visconde de Juromenha), à Professora do 4.º ano da Escola Básica dos Castelinhos (do Agrupamento de Escolas Visconde De Juromenha) e à Professora do 4.º ano do colégio São João de Brito.

Aos alunos do 4.º e 6.º anos do Agrupamento de Escolas Visconde de Juromenha e do Colégio São João de Brito estou reconhecida pelo empenho com que realizaram as actividades

que lhe foram propostas. Agradeço o contributo decisivo das suas produções linguísticas e dos juízos que emitiram, fontes imprescindíveis desta investigação.

À Professora Anabela Gonçalves agradeço o contributo dos seus comentários tão atentos e das notas propostas ao capítulo relativo às assunções teóricas.

Aos meus colegas de Mestrado, Pedro Valente e Catarina Espada, pela paciência com que ouviam os meus desabaços, as minhas dúvidas e pelas palavras de conforto que me transmitiram. Ao Pedro agradeço os momentos de trabalho e de discussão que sempre foram enriquecedores e ajudaram a tornar este trabalho menos solitário.

Aos meus amigos, a todos sem excepção, que sempre souberam estar presentes nos momentos mais difíceis. Pelas palavras, pelos silêncios, mas sobretudo pela sua presença na minha vida. Não os nomeando, naturalmente, sabem quem são.

A alguém cuja recente presença na minha vida tem sido essencial na busca de equilíbrio e vontade de enfrentar desafios.

A todos os familiares que acompanharam este projecto com preocupação, que me incentivaram e demonstraram interesse, acreditando em mim, mesmo quando a confiança me faltava.

Por fim, apesar de ter um lugar de primazia, quero reconhecer, com imensa gratidão, a compreensão da minha mãe, fonte inesgotável de força, de coragem e de atitude positiva perante a adversidade. A ela dedico este trabalho.

Uma memória especial, a tantas estrelas que estão no céu, três das quais me acompanham, me protegem e, mesmo na ausência, estão sempre presentes no meu coração.

Advertência

Esta investigação sobre a produção de frases relativas por alunos do primeiro e do segundo ciclos do ensino básico foi também desenvolvida no terceiro ciclo do ensino básico e no ensino secundário na dissertação de mestrado de Pedro Valente. Dado que o tema do trabalho era comum, optou-se por desenvolver alguns aspectos da investigação em equipa. Assim, o desenho experimental e metodologia de análise, bem como a base de dados constituída são comuns às duas dissertações. Por esta razão, o capítulo 1 e as partes do capítulo 2 referentes aos quatro grupos de alunos são também comuns.

Abreviaturas e Termos Técnicos

Apresenta-se em seguida uma lista de abreviaturas e termos técnicos utilizados nesta dissertação.

Abreviaturas	Termo Linguístico
A	Argumento
A'	Não-argumento
ACUS	Acusativo
AgrP	Sintagma de concordância
AP	Sintagma Adjectival
AdvP	Sintagma Adverbial
C _{HL}	Sistema Computacional da Linguagem Humana
COMP	Complementador
CP	Sintagma do Complementador
CP _{rel}	Oração relativa
D	Determinante
DP	Sintagma do Determinante
[e]	Categoria vazia/Lacuna Parasita
EC	Encaixe ao Centro
ED	Encaixe à direita
EPP	Princípio de Projecção Alargado
FI	Princípio de Interpretação Plena
FinP	Sintagma da Finitude
G ₀	Faculdade da Linguagem
GB	Government and Binding
GEN	Genitivo
GU	Gramática Universal
HUM	Humano
IP	Sintagma da Flexão
LF	Forma Lógica

LAD	Dispositivo para aquisição da linguagem
N	Nome
NP	Sintagma Nominal
OBL	Oblíquo
OD	Objecto Directo
OI	Objecto Indirecto
Op	Operador
PB	Português do Brasil
PE	Português Europeu
PF	Forma Fonética
PM	Programa Minimalista
PP	Sintagma Preposicional
P&P	Teoria dos Princípios e Parâmetros
T	Tempo
TopP	Sintagma de Tópico
TP	Sintagma de temporalidade
<i>Spec</i>	Especificador
<i>Spec CP</i>	Posição de Especificador do Sintagma Complementador
SU	Sujeito
Traços \square	Traços-fi
TRL	Teoria da Regência e da Ligação
V	Verbo
VP	Sintagma Verbal
[+wh]	Traços dos morfema Q

Termos Técnicos	Termo Linguístico
Agree	Concordar
Attract F	Atracção por traços formais
Attraction	Atracção
Checking	Verificação

Critério- Θ	Critério Temático
Cue	Pista
Delete	Apagar
Erased	Erradicar
<i>gap</i>	Lacuna
Last Resort	Último Recurso
Ligação-R	Ligação-R(elativa)
Matching	Emparelhamento / Conformidade
Merge	Compor / Fusão
Move- α	Mover
Overt	Movimento visível (explícito)
Papel- Θ	Papel Temático
<i>Pied piping</i>	Encantamento da Preposição
<i>Pro</i>	Categoria [+pronominal, - anafórica]
Procrastinate	Procrastinar
Select	Seleccionar

1 Introdução

As orações relativas são estruturas introduzidas por elementos, designados genericamente por “pronomes relativos” na gramática tradicional, que não têm, em si, significado próprio, estando a substituir na oração que introduzem um constituinte presente noutra oração, evitando desse modo a repetição agramatical desse mesmo constituinte.

Resumidamente, a construção de uma relativa implica o movimento sintáctico de um constituinte, o constituinte relativo, para uma posição periférica da oração, deixando no seu lugar de origem um vestígio. Esta breve descrição do movimento do constituinte relativo, um movimento-*wh*, dá conta daquilo que se passa na estratégia de relativização canónica, a única considerada “correcta” pela tradição gramatical portuguesa. No entanto, há evidências empíricas que demonstram a crescente importância, tanto na oralidade como na escrita, de estratégias não canónicas de relativização, nomeadamente a estratégia cortadora, a mais produtiva das não canónicas, que difere da estratégia canónica por eliminar a preposição dos constituintes relativos preposicionados. Uma terceira estratégia de relativização, ainda que menos frequente que a cortadora, é a estratégia resumptiva, que se caracteriza por preencher a posição original do constituinte movido com um pronome, o pronome resumptivo, sendo a oração relativa neste caso introduzida por um morfema *que* invariável. No decurso deste estudo, fomos levados a acrescentar às possibilidades anteriores uma quarta estratégia de relativização, que nomeámos pseudo-resumptiva, por estar na origem de um tipo de relativa em que se recorre simultaneamente à estratégia canónica e à resumptiva¹. Estas três últimas estratégias não se encontram atestadas pelas gramáticas, e, apesar de serem produzidas relativas recorrendo a essas estratégias com uma frequência significativa no discurso oral não preparado, as relativas cortadoras, resumptivas e, acrescentamos nós, pseudo-resumptivas

¹ Peres e Mória (1995) incluem este tipo de construções numa secção das relativas intitulada “Duplo preenchimento”, não operando qualquer distinção entre elas e as frases resumptivas. Alexandre (2001) considera que “o elemento que introduz a construção [resumptiva] é sempre a forma invariável *que*” (Alexandre, 2001: 57), embora apresente exemplos no corpus introduzidos por *em que*; de qualquer modo, não é feita referência à particularidade destas construções.

são consideradas estruturas agramaticais, por justamente serem o resultado do recurso a estratégias não canónicas de relativização. Considerando as evidências que mostram a existência de uma mudança em curso no que diz respeito às estratégias de relativização (Telmo & Mória, 1995; Alexandre, 2000; Arim *et al.*, 2005), pretende-se com este estudo analisar justamente as estratégias de relativização mais disponíveis em alunos que se encontram no final de cada um dos ciclos do ensino não superior português – 4º (final do primeiro ciclo do ensino básico), 6º (final do segundo ciclo do ensino básico), 9º (final do terceiro ciclo do ensino básico) e 12º anos (final do ensino secundário)². Tendo em conta que os sujeitos com 15-16 (9º ano) e 17-18 anos (12º ano) de idade já praticamente estabilizaram a gramática adulta, é de esperar que os resultados obtidos com estes sujeitos possam dar conta de uma possível mudança em curso no que diz respeito às estratégias de relativização. Esta parte do trabalho corresponde ao estudo realizado por Pedro Valente.

Num primeiro momento deste trabalho, capítulo 2, apresentam-se o enquadramento teórico desta investigação e a caracterização dos aspectos teóricos relevantes para a descrição das orações relativas. No capítulo 3, faz-se a descrição das questões metodológicas que estiveram na base da recolha e do tratamento dos dados. A descrição dos resultados é apresentada no capítulo 4. A discussão dos mesmos em função das hipóteses formuladas será feita no capítulo 5, ao qual se segue a apresentação de conclusões no capítulo 6.

² No presente trabalho, far-se-á a análise dos grupos de 4º e 6º anos.

2 Enquadramento Teórico

2.1 Quadro de Investigação: A Teoria Generativista, a Teoria de Princípios e Parâmetros e o Programa Minimalista

O estudo realizado parte da observação e descrição de dados linguísticos produzidos por falantes do Português como língua materna. Desta forma, faz sentido que se opte por enquadrar esta análise num programa de investigação cujo “núcleo duro consiste numa teoria selectiva da aquisição da língua” (Duarte, 2003: 4), ou seja, na teoria generativista, que determina que são as propriedades inerentes ao sistema linguístico que desencadeiam a mudança por efeito de um estímulo externo.

Apesar das reformulações teóricas do programa e das alterações no tipo de formalização adoptado, no modelo Government and Binding (GB), na Teoria dos Princípios e Parâmetros (P&P)³ e, mais recentemente, no Programa Minimalista (PM)⁴, a teoria generativista, pela figura mentora de Noam Chomsky, tem procurado caracterizar a Gramática Universal (GU) como um conjunto de princípios, comuns a todas as línguas, e de parâmetros. Mediante um complexo teórico-metodológico pretende-se captar a tensão entre as propriedades universais da linguagem humana e a variação linguística. Neste sentido, os princípios são propriedades universais invariáveis e inatas, responsáveis pela capacidade universal para compreender e produzir linguagem verbal, e os parâmetros são valores ou escolhas fixadas a partir do *input* linguístico, proporcionando a variação interlinguística. O sistema de princípios (regras e operações) designa-se Sistema Computacional da Linguagem Humana (C_{HL} – Computation Human Language) e é universal, o que explica que qualquer ser humano esteja predisposto a adquirir uma qualquer língua. A noção de parâmetro proposta na P&P visa captar a variação reduzida existente entre as línguas. Desta forma, os princípios constituem a G_0 , um estado inicial, também designado faculdade da linguagem ou órgão da

³ Veja-se Chomsky (1981) e Chomsky (1986a, b), respectivamente.

⁴ Veja-se Chomsky (1995).

linguagem, e os parâmetros, princípios abertos, são determinados a partir do *input* de cada língua particular (Duarte, 2003: 4). Assim se explica a razão por que qualquer ser humano tem a competência para adquirir uma ou várias línguas, desde que imerso num ambiente linguístico.

Ao contrário dos investigadores estruturalistas do século XIX, que procuravam encontrar respostas na observação da língua, enquanto produto do processo de aquisição, a teoria generativista procura dar uma resposta unificada, propondo uma teoria selectiva da aquisição, assente na investigação do sistema mental que faz de cada um de nós um ser falante. No âmbito deste programa, a tarefa dos linguistas é caracterizar os aspectos mais relevantes da G_0 que tornam possível a maturação de um sistema de conhecimentos, bem como determinar no *input* os elementos desencadeadores do crescimento linguístico numa dada direcção (Duarte, 2003: 9).

Relativamente à fixação de parâmetros, vários autores têm proposto diferentes parâmetros (veja-se Hyams, 1987; Wexler e Manzini, 1987; Gibson e Wexler, 1993). Na versão do modelo proposta em Dresher (1999), Fodor (1998) e Lightfoot (1999), define-se que associada a cada parâmetro existe uma pista (*cue*). De acordo com Duarte (2003: 10), os parâmetros não são enunciados, mas estruturas gramaticais, que a criança procura quando constrói representações mentais dos enunciados. Ainda que não seja consensual, alguns autores consideram que inicialmente o parâmetro tem um valor zero. Se a criança identifica no *input* linguístico uma pista que lhe permite fixar o valor positivo, fixa-o, caso contrário o parâmetro mantém-se com o valor inicial. Um exemplo concreto da existência de parâmetros é o parâmetro do Núcleo (Travis, 1984), cuja fixação desencadeia a variação na ordem básica de palavras das línguas. Partindo de uma formulação como “o núcleo X pode ser inicial ou final”, se a criança estiver exposta a enunciados com a ordem verbo-complemento, como no Português Europeu (PE), então fixará o valor inicial, caso contrário, fixará uma outra ordem.

Prediz-se que, ao fazer a representação mental do enunciado, a GU fornece à criança uma pista, ou seja, uma estrutura como $[_{VP} V YP]$, que lhe permite produzir enunciados com uma determinada ordem de palavras. Os argumentos da teoria generativista explicam, deste modo, a razão pela qual o processo de aquisição é espontâneo, natural e uniforme, independentemente do sistema linguístico alvo. Assume-se, pois, como fundamental o Princípio da Uniformidade (Chomsky, 1999: 2), segundo o qual as línguas são uniformes e a variedade é restrita e detectável em propriedades dos enunciados. A variação linguística decorre, assim, da diferente fixação dos valores dos parâmetros, caracterizados por Chomsky (1999: 49) como *switches* inicialmente subespecificados por defeito. Os estudos recentes têm visado determinar quais os parâmetros que permitem accionar outros e de que forma se dá este processo. A discussão tem-se centrado também sobre a discriminação de parâmetros desencadeadores (*triggers*⁵) ambíguos e não ambíguos, assumindo-se (Fodor, 1998) que no processo de aquisição a ambiguidade paramétrica é seguramente detectável e que a aquisição é determinada por desencadeadores unívocos. É certo que a questão sobre o processo de fixação dos valores dos parâmetros não está encerrada, mas duas hipóteses se colocam: i) a fixação é lenta e requer muita exposição a experiência relevante, sendo que as reestruturações na gramática da criança podem dever-se à reparametrização, ou seja, à fixação de um novo valor para um mesmo parâmetro; ii) a fixação é rápida e determinística, sendo que as reestruturações seguem um processo de maturação (Rizzi, 1997).

Ainda que muitas questões relativas à forma como se adquire uma língua tenham de ser alvo de investigação – como a relevância da carga genética e do meio, o peso do estímulo ou das correcções explícitas ou o formato das produções iniciais –, há, no entanto, alguns aspectos consensuais: o processo é rápido e acontece até à entrada para o ensino básico, embora o desenvolvimento da linguagem decorra até à adolescência (Menyuk, 1988); não

⁵ Fodor (1998: 19) define *trigger* como “small structure templates that are innate, are stored by the language faculty, and constitute the parametric options offered by UG for languages to make use of if they choose to”.

decorre de um ensino explícito; desenvolve-se por fases; e implica a integração num ambiente linguístico.

As predições do programa de investigação apresentado constituíram ainda uma resposta ao problema lógico da aquisição da linguagem, relacionado com a pobreza do estímulo. Este problema, conhecido como Problema de Platão (Chomsky, 1986b), concretiza-se nos seguintes aspectos: i) a criança produz um número potencialmente ilimitado de estruturas a partir de um *input* limitado e, muitas vezes, degradado; ii) a criança produz estruturas nunca anteriormente ouvidas; iii) a criança tem a capacidade de construir um sistema produtivo, que não é decorrente da imitação; iv) a criança não se baseia em evidência negativa, mas somente em evidência positiva, sendo resistente à correcção linguística explícita; e v) todas as crianças adquirem uma língua num período de tempo aproximado, desde que desenvolvam uma experiência linguística durante o “período crítico” (Leneberg, 1967). A hipótese do período crítico defende que há um período no desenvolvimento humano – entre os dois anos e o início da puberdade – que favorece a aquisição, isto é, um período em que o órgão responsável pela aquisição se encontra completamente activo. Esta hipótese advoga pois uma estreita correlação entre o desenvolvimento da capacidade de aquisição da linguagem e a maturação do cérebro humano. Alguns estudos (caso de Genie, reportado em Curtiss 1977, e dos meninos selvagens) vieram ainda provar que, se durante o período crítico não existir contacto com nenhuma língua, a linguagem não se desenvolve.

Relativamente à experiência que desencadeia a fixação das especificidades de cada língua (parâmetros), e da qual decorre a variação entre as línguas, considera-se que tem de ser positiva, dado que a criança só utiliza informação a partir dos enunciados que ouve, e robusta, uma vez que só a informação suficientemente frequente é utilizada. É com base nestes pressupostos que o programa de investigação apresentado responde ao processo de aquisição de uma língua. Através do modelo exposto não se explicam, porém, alguns aspectos do

conhecimento maduro atingido, tais como a dimensão do léxico de cada falante ou as fórmulas e expressões feitas, os “fósseis linguísticos”, pois o conhecimento adquirido dependerá também de outros condicionalismos, como os sócio-culturais ou o grau de exposição a uma experiência de aprendizagem.

Um outro aspecto crucial do programa generativista é o de que o sistema mental desenvolvido no processo de aquisição é de natureza modular (Fodor, 1983 e 1985), possuindo o módulo linguístico propriedades específicas, das quais se destacam as seguintes: o sistema reconhece um *input* específico (sons da fala); processa de forma rápida e obrigatória a informação decorrente de um estímulo; opera de forma independente de outros módulos cognitivos; gera representações incompletas que implicam a combinação de informação com outros sistemas cognitivos; é constituído por circuitos neuronais que ocupam uma área limitada do néocortex; e apresenta uma natureza inata. A teoria da modularidade procura conciliar os pressupostos inatistas com estudos de natureza anatómica e neurológica, explicando desta forma a propriedade de especificidade de domínio daquilo a que Chomsky designou “órgão mental”. Desta concepção, assume-se que a estrutura biológica do ser humano é uma condição determinante para produzir e compreender linguagem.

Em seguida passam a enunciar-se brevemente alguns pressupostos de análise teórica do referido programa de investigação generativista.

Na Teoria de Princípios e Parâmetros (P&P)⁶ introduziu-se um sistema de representações que enformavam alguns princípios altamente restritivos, como os da Teoria da Regência, da Teoria da Ligação ou da Teoria X-barras. Esta última é reguladora da configuração de categorias gramaticais (lexicais e funcionais) nos diferentes níveis sintáticos (Estrutura-P, Estrutura-S e LF). A Teoria X-barras incorpora parâmetros relacionados com a ordem básica dos constituintes na frase, cuja variação determina a existência de construções de núcleo-inicial ou de núcleo-final, ou seja, determina a existência de línguas VSO (como as celtas), SVO (como as

⁶ Vejam-se os textos nucleares de Chomsky (1981), (1986a) e (1986b).

românicas) e SOV (como o Quechua). Da Estrutura-P para a Estrutura-S actuam a regra mover- α e as operações de sintaxe visível. Desta forma, a sintaxe gera a Estrutura-S (nível onde estão representados os princípios da C_{HL}), a que são atribuídas representações fonéticas na Forma Fonética (PF) e representações semânticas na Forma Lógica (LF), sendo estas duas componentes autónomas do sistema. Alguns princípios actuam em Estrutura-P, como é o caso do Princípio da Projecção, da Teoria X-barras⁷ e da Teoria Temática⁸, que se relaciona com a atribuição de papéis temáticos ou funções semânticas a argumentos, e outros em Estrutura-S, como a Teoria do Caso⁹, a Teoria da Regência¹⁰, a Teoria da Ligação¹¹ e a Teoria dos Nós-Fronteira¹². Nesta fase da teoria, o movimento-*wh*, que nos interessa para este estudo, é entendido como um movimento para a posição *Spec/CP* (Chomsky, 1986a: 5).

O PM, assente no modelo P&P, visa descrever e explicar, com base em evidência empírica, as propriedades conceptualmente necessárias à linguagem humana, através de derivações e representações económicas. Ganham relevância neste programa o nível de interface articulatorio-perceptivo (em PF), que integra sistemas sensorio-motores de produção e recepção, e o nível conceptual-intensional (LF), que se organiza em sistemas de pensamento. Uma das hipóteses colocadas pelo PM é a de que o sistema articulatorio-perceptivo, enquanto responsável pela exteriorização linguística, determina também as designadas “imperfeições” ou desvios na perfeição do sistema computacional. No modelo minimalista, estes são os dois níveis a considerar, o que implica uma reformulação das análises e dos princípios apresentados

⁷ Esta teoria determina a estrutura de cada categoria lexical, sendo alargada às categorias funcionais em Chomsky (1986).

⁸ Segundo Chomsky (1981), cada papel temático determinado em Estrutura-P tem de ser preenchido com um argumento apropriado e cada argumento tem de preencher um papel temático determinado pela sua função gramatical. Estabelece-se assim uma relação entre propriedades de subcategorização e θ -marcação.

⁹ A Teoria do Caso determina que todos os SN têm de satisfazer o Filtro do Caso, ou seja, todos os SN com realização fonética devem ter caso.

¹⁰ A noção de regência relaciona-se com a noção de c-comando, apresentada por Chomsky (1986: 8).

¹¹ Esta teoria impõe requisitos de localidade sobre o movimento e articula-se com a noção de c-comando de tal forma que “ α liga β se α c-comanda β e estiver co-indexado com β ” (Chomsky, 1981: 184-5). Regula a relação entre um constituinte deslocado (antecedente) e o vestígio deixado pelo movimento, pressupondo que o antecedente se encontra numa posição argumental (posição-A). Os princípios desta teoria definem o domínio sintáctico local em que se estabelece a ligação das categorias vazias (anáforas, pronominais e expressões-R) engendradas na base ou resultantes de Mover- α .

¹² Um dos princípios centrais desta teoria é a Condição de Subjacência, que define as condições de localidade sobre o movimento. A noção de nó-fronteira é parametrizável, diferindo de língua para língua. Em PE, os nós-fronteira fixados são CP e NP, como atestam os seguintes exemplos de Duarte (1987: 178): * Que livros conheces as pessoas que ofereceram ao João? e * A quem conheces as pessoas que ofereceram esse livro?.

no modelo P&P. Os níveis de representação anteriormente propostos alteram-se de forma a minimizar a estrutura gramatical. Assim, a Estrutura-P e a Estrutura-S dão origem a *Spell-Out*, que passa a ser entendido não como um nível de representação, mas como uma operação que pode ser aplicada em qualquer ponto da derivação. Associada à alteração na arquitectura das representações, surge uma noção fundamental: a economia nas derivações. O Princípio da Interpretação Plena (*Full Interpretation* (FI)) é um reforço da noção de economia e postula que cada nível de interface só pode conter aquilo que pode interpretar, devendo tudo o resto ser eliminado em níveis anteriores. Neste novo enquadramento, repensa-se o excessivo peso representacional da teoria e propõe-se que as derivações apresentem um menor número possível de passos e que as representações projectem apenas os nós estritamente necessários para que a derivação seja convergente¹³. Relativamente às condições de localidade, a relação Núcleo-Complemento é de todas a mais local e a relação estrutural básica é a que opera entre Especificador-Núcleo-Complemento(s). A noção de economia prende-se com uma outra, a de “menor esforço”: de entre várias derivações possíveis e com um mesmo resultado, deve-se escolher preferencialmente a que é mais económica e elegante, de forma a formar derivações óptimas.¹⁴

Apesar das reformulações teóricas, o PM mantém activos pressupostos da P&P e validam-se os mesmos objectivos: descrever um sistema de regras e procurar hipóteses explicativas que permitam caracterizar a estrutura das línguas, captando o que é universal.

As estruturas linguísticas, segundo este novo enfoque teórico, passam a ser formadas por diferentes operações. A primeira operação do sistema computacional consiste em seleccionar (*Select*) subconjuntos de traços (matrizes de traços fonéticos, semânticos e formais) associados ao Léxico, enquanto sistema de traços sobre os quais se aplicam

¹³ “[...] a derivation D converges if it yields a legitimate SD [structural description] and crashes if it does not [...]” (Chomsky, 1995: 171).

¹⁴ “[...] derivation [of a linguistic expression of L] must be optimal, satisfying certain natural economy conditions: locality of movement, no “superfluous steps” in derivations, and so on. Less economical computations are blocked even if they converge” (Chomsky, 1995: 220).

operações. Os traços (fonológicos, semânticos e formais) associados a cada item lexical são interpretados num nível de interface compatível, estando inacessíveis até esse nível, à excepção dos traços formais, acessíveis no decurso de toda a derivação. São precisamente os traços formais que se distinguem quanto a serem ou não serem interpretáveis. Os traços interpretáveis são interpretados em LF e os não interpretáveis, não estando disponíveis para interpretação em LF, são eliminados antes ou depois de *Spell-Out*. Através da operação *Merge* (Compor), os itens lexicais associam-se a unidades maiores com ramificações binárias (como já era postulado em Kayne, 1984), resultando unidades binárias e assimétricas. Os itens lexicais seleccionados são inseridos sucessivamente em posições vazias de indicadores sintagmáticos (IS). O Movimento (*Move*) é desencadeado pela necessidade de verificação de traços (*Checking Theory*), permitindo deslocar traços formais, com o objectivo de apagar traços não interpretáveis. No caso do movimento-*wh*, o constituinte relativo é movido para a posição de *Spec/CP* para verificação de traços formais do núcleo (COMP) e do próprio constituinte movido, especificando o tipo de estrutura sintáctica. É a operação Atracção (*Attract-F*)¹⁵ que regula o movimento, e é motivada por dois princípios de economia: *Last Resort*¹⁶ (uma derivação mais curta é preferível a uma mais longa e se uma derivação converge sem a aplicação de uma operação então essa operação não é permitida (Raposo, 1999: 284)) e *Minimal Link Condition*¹⁷. A Atracção origina o emparelhamento de traços (*Matching*) e a verificação dos mesmos (traços de concordância e de caso) que, segundo Chomsky, deverá ser feita no domínio de verificação de um núcleo funcional relevante, devendo o movimento respeitar esta condição. Por questões de economia, a operação Mover deve ser evitada sempre que possível e realizar-se apenas para satisfazer requisitos de um constituinte (Princípio da Cobiça (*Greed*)¹⁸), sendo esta uma condição absoluta sobre o movimento.

¹⁵ "K attracts F if F is the closest feature that can enter into a checking relation with a sublabel of K" (Chomsky, 1995: 297)

¹⁶ "Move F raises to target K only if F enters into a checking relation with sublabel of K" (Chomsky, 1995: 280).

¹⁷ " α can raise to target K only if there is no legitimate operation Move β targeting K, where β is closer to K" (Chomsky, 1995: 296).

¹⁸ "(...) Move α applies to an element α only if morphological properties of α itself are not otherwise satisfied" (Chomsky, 1995:201)

Postula-se ainda que a operação de verificação seja preferencialmente realizada em Forma Lógica, uma vez que a sua ocorrência em sintaxe visível implica o arrastamento de material lexical (*Pied Piping*), facto que introduz uma sobrecarga no processamento e constitui uma derivação menos económica. Neste sentido, assume-se um outro princípio de economia natural, que consiste em considerar que um movimento em LF é “menos custoso” do que um movimento visível (Princípio de Procrastinar, *Procrastinate*). Ao estabelecer-se a verificação, os traços não interpretáveis são eliminados pela operação Concordar (*Agree*). Sobre os traços fortes, que obrigam ao movimento explícito (*Overt*), actua a operação Apagar (*Delete*) antes de *Spell-Out*, para que não se tornem visíveis em LF e originem o fracasso da derivação. Os traços fracos são invisíveis em Forma Fonética, sendo apagados após *Spell-Out*. O apagamento de traços¹⁹ torna-os invisíveis para um dado interface, no entanto é desejável que os mesmos sejam erradicados (*Erased*), de forma a impossibilitar qualquer outra operação.

No que concerne ao Princípio da Projecção Alargada (*Extended Projection Principle* (EPP)), o PM concebe-o como um traço (traço-EPP (fraco ou forte)) associado às categorias funcionais. Relativamente a outras formulações teóricas, tais como o conceito configuracional de regência e a Teoria X', são eliminadas em favor do princípio de economia na representação das derivações. Outros instrumentos conceptuais foram refinados e substituídos por outros mecanismos: o Filtro de Caso dá lugar à operação Concordar sobre traços relevantes; o Critério- θ , que postulava que os papéis temáticos fossem accionados em Estrutura-P, passa a ser verificado em Forma Lógica; e os papéis- θ são entendidos como traços semânticos.

Quanto às categorias gramaticais que enformam a estrutura frásica, o PM retoma a distinção entre categorias lexicais e funcionais. No entanto, a motivação para a projecção de categorias na estrutura centra-se em princípios de parcimónia, defendendo-se a “bare phrase

¹⁹ A formulação de apagamento é a seguinte: “a. A checked feature is deleted when possible. b. Deleted α is erased when possible.” (Chomsky, 1995: 280).

structure”²⁰, ou seja, uma estrutura despojada, que projecta somente o que é necessário. Assim sendo, as categorias são entendidas como construções produzidas a partir das propriedades dos itens lexicais, satisfazendo a Condição de Inclusividade, e os níveis barra desaparecem. Entre as primeiras categorias acima referidas encontram-se as seguintes projecções: NP (*Noun Phrase*); VP (*Verb Phrase*); AP (*Adjectival Phrase*); AdvP (*Adverbial Phrase*) e PP (*Prepositional Phrase*). Defende-se, em termos minimalistas, que os traços flexionais da componente lexical são uma propriedade intrínseca, pelo que os itens lexicais se encontram flexionados. Relativamente às categorias funcionais, destacam-se CP (*Complementizer Phrase*) e IP (*Inflectional Phrase*), que inclui AgrP (*Agreement Phrase*) e TP (*Tense Phrase*). Chomsky (2000: 102) identifica C,T e v (núcleo verbal leve de construções transitivas) como categorias funcionais nucleares. Estas categorias funcionais exibem traços- ϕ formais ininterpretáveis, sendo obrigatórios para T e v. As categorias T e v não apresentam caso inerente. Relativamente às propriedades de s-selecção das categorias funcionais defende-se que C é seleccionado por categorias lexicais, v por categorias funcionais e T é seleccionado por C ou V. Quando seleccionado por C, T apresenta um complemento com traços- ϕ , quando seleccionado por V, T é defectivo (T_{def}). As categorias funcionais T e v seleccionam constituintes verbais e v pode seleccionar um NP ou um DP como argumento externo, em *Spec/v*. Postula-se também que a cada categoria funcional está associada uma posição de *Spec* que recebe diferentes constituintes: o *Spec* de C alberga constituintes-*wh* movidos, o de T alberga o sujeito (motivado por EPP), e o de v alberga constituintes elevados pela deslocação do objecto. Considera-se ainda que D apenas se deve projectar quando associado a referencialidade.

Ficam desta forma esboçadas algumas formulações da arquitectura minimalista, determinada pela simplificação da análise e pela economia das derivações. Em suma, os pressupostos do PM não rompem com asunções defendidas nos P&P, antes procuram

²⁰ “Standard X-bar theory is thus largely eliminated in favor of bare Essentials.” (Chomsky, 1995: 398).

resolver a questão da adequação explicativa através de uma disciplina conceptual que visa remover do modelo o que não é estritamente necessário.

2.2 Sintaxe das orações relativas restritivas em Português Europeu

Nesta secção apresentar-se-ão as características principais das frases relativas, sobretudo das estruturas relativas restritivas ou determinativas, que constituem o nosso objecto de estudo. Serão apresentados os constituintes relativos que “encabeçam” uma oração relativa e descrito o movimento dos constituintes numa oração relativa. Descrever-se-á a natureza do antecedente de uma construção relativa e referir-se-ão ainda as posições de relativização disponibilizadas em PE, bem como as estratégias de relativização utilizadas pelos falantes. Serão ainda apresentados aspectos sintácticos das orações, nomeadamente a posição interna do SN relativizado, referindo-se a este propósito alguns trabalhos de investigação desenvolvidos segundo o modelo da gramática generativa.

2.2.1 Caracterização das orações relativas

Uma oração relativa é definida como uma oração subordinada, ligada à frase matriz por morfemas-*wh*, designados tradicionalmente por “pronomes”, “advérbios” ou “adjectivos relativos”. Segundo Mateus *et al.*(2003: 655), as orações relativas são formas de modificação de uma expressão nominal antecedente ou de uma outra oração, como se ilustra, respectivamente, nos exemplos (1 a.) e (1 b.):

- (1) a. O homem [com quem tu falaste] é meu irmão.
b. Tem estado sempre a chover, [o que me desagrada]²¹.

²¹ Ainda que não seja relevante para o presente trabalho, refira-se que alguns autores propõem que neste caso o *o* é o antecedente da oração relativa.

Uma construção relativa assenta pois numa relação entre um constituinte nominal (morfofonologicamente realizado ou não) ou frásico e uma oração que o modifica, ou seja, verifica-se numa construção relativa a relação entre um morfema-*wh* e um antecedente. As orações relativas com antecedente nominal expresso podem ser restritivas (também chamadas determinativas) ou apositivas (também chamadas explicativas). As primeiras restringem o domínio de referência da expressão nominal antecedente, enquanto as segundas acrescentam conteúdo informacional a uma proposição anterior. Registam-se em seguida duas definições que, tradicionalmente, distinguem as orações relativas restritivas das relativas apositivas.

Chamamos restritivas as que servem para delimitar ou definir melhor o seu antecedente e explicativa quando encerra uma simples explicação ou pormenor do antecedente, uma informação adicional de um ser que se acha suficientemente definido, podendo ser omitida sem prejuízo.

[...] a primeira (relativa restritiva) empresta ao antecedente um sentido particular (trata-se de um dentro de uma série) e a segunda um sentido universal (trata-se de um só). (Bechara, 1983: 228)

As restritivas, como o nome indica, restringem, limitam, precisam a significação do substantivo antecedente. São, por conseguinte, indispensáveis ao sentido da frase; e, como se ligam ao antecedente sem pausa, dele não se separam, na escrita, por vírgula.

As explicativas acrescentam ao antecedente uma qualidade acessória, isto é, esclarecem melhor a sua significação [...]. Mas, por isso mesmo, não são indispensáveis ao sentido essencial da frase. Na fala, separam-se do antecedente por uma pausa, indicada na escrita por vírgula. (Cunha e Cintra, 1999: 405-406)

Existe ainda um tipo de relativas que, segundo Mória (1996: 149), se distinguem das outras por “não existir na estrutura em que se inserem um antecedente nominal realizado”, designando-se por isso relativas sem antecedente expresso ou relativas livres, sobre as quais não nos deteremos. No entanto, observem-se, a título de exemplo deste tipo de construções, as frases apresentadas em (2).

- (2) a. [Quem conhece a Maria] sabe que é uma pessoa determinada.
b. O escritor agradeceu [a quem comprou os seus livros].

Tal como em Alexiadou *et al.* (2000: 2), assume-se que as construções relativas com antecedente apresentam duas propriedades que as distinguem de outras construções complexas: i) uma relativa não é um argumento, ou seja, não é seleccionada por um item lexical; ii) uma relativa apresenta uma relação de dependência, marcada pela presença de um morfema-*wh*, que não tem traços interrogativos e que serve para ligar uma posição dentro da oração a uma outra posição fora da oração. A maior parte dos trabalhos desenvolvidos corrobora a propriedade definida em i), considerando que as relativas são instâncias de adjunção que se distinguem de outros tipos de adjunção, ou seja, são formas de modificação de um constituinte nominal ou frásico antecedente. De acordo com a argumentação de Vasconcelos (1991: 46), e segundo Radford (1988), um dos critérios que permite a distinção entre um complemento e um adjunto é a possibilidade de extraposição do segundo. Acrescenta-se, contudo, que há complementos que podem ser movidos²², embora a aceitabilidade desses enunciados dependa também de factores prosódicos. A questão é que em Português Europeu, e em geral nas restantes línguas românicas, ao contrário de outras línguas, como o Inglês, a extraposição não é admitida nas orações relativas restritivas, como se verifica em (3):

(3) *O rapaz é meu amigo [que tu encontraste].

O facto de não se poder separar a relativa do antecedente poderia remeter para uma relação de complementação, contudo não é o que se defende. Considera-se que as construções relativas são adjunções com uma relação de dependência entre dois constituintes. O PE fixa o parâmetro do núcleo com o valor “núcleo à esquerda”, logo as construções relativas ocorrem à direita do núcleo, como uma estrutura de adjunção. A comparação entre

²² Atente-se no seguinte exemplo: O João foi a Paris. Se aplicarmos a extraposição, resulta a frase: A Paris, o João foi. A aceitabilidade da frase é tanto maior quanto existir uma marcação prosódica sobre o constituinte deslocado.

relativas (frase (4)) e completivas (frase (5)) permite clarificar o tipo de relação estabelecida entre modificador e complemento.

(4) A ideia [que me apresentaste] é muito interessante.

(5) A ideia [de que todos somos iguais] é uma utopia.

Como se observa em (4), o pronome relativo *que*, além de funcionar como elemento conectivo, é o complemento objecto directo do verbo *apresentar*, cuja interpretação depende da existência de um antecedente na frase matriz. Além disso, a oração relativa apresenta uma posição vazia, o argumento do verbo *apresentar*, correspondente ao constituinte relativo que retoma anaforicamente a expressão nominal antecedente, *A ideia*. Contrariamente, em (5), o constituinte *que* não desempenha uma função argumental ou adjunta e não se relaciona com qualquer posição vazia interna à oração, nem com um antecedente externo. Conclui-se pois que a frase introduzida pelo complementador *que* é o constituinte que exerce a função de argumento do nome *ideia*. Em (4), a oração entre parêntesis é uma forma de modificação ou adjunção, e trata-se de uma relativa, ao passo que em (5) é uma forma de complementação, logo é um argumento de outro constituinte, e constitui uma oração completiva.

Segundo Mateus *et al.* (2003: 667), as orações relativas com antecedente designam-se também adjectivas por ocuparem posições típicas de adjectivos e por desempenharem uma função de modificador nominal paralelamente aos adjectivos. No entanto, por se tratar de orações, têm propriedades específicas de uma proposição (como predicação própria, tempo e modo), e como tal são diferentes do adjectivo. Podemos inclusive conjugar na mesma construção um adjectivo e uma oração relativa, o que significa que a ocorrência de uma estrutura não inviabiliza ou substitui a outra²³. Aliás, este facto é mesmo esperável, já que é possível concatenar modificadores ao contrário do que acontece com os complementos dos nomes.

²³ A título de exemplo, observe-se a seguinte estrutura: O rapaz alto que tem cabelos louros entrou na sala.

Para formar canonicamente frases relativas restritivas, o PE dispõe de duas possibilidades: i) as relativas com pronomes relativos e ii) as relativas com complementadores²⁴.

No caso enunciado em i), a oração relativa é introduzida por um pronome relativo, ligado a uma categoria vazia deixada na posição de origem, com marcas de Caso, podendo ser precedido ou não por uma preposição. Este tipo de relativas ocorre nas línguas românicas (*cf.* (6)) e no Inglês nas relativas de objecto indirecto (OI), de oblíquo (OBL) e de genitivo (GEN) (*cf.* (7)), bem como em Russo (*cf.* (8)), que, por ter um sistema casual rico, apresenta pronomes relativos em todas as posições sintácticas. Listam-se de seguida exemplos²⁵ que ilustram o uso de diferentes pronomes relativos.

- (6) a. O rapaz [CP a quem dei o livro] é meu irmão. (relativa de OI)
b. Comprei o livro [CP de que tu gostas]. (relativa de OBL)
c. O rapaz [CP cuja mãe foi minha professora] chegou. (relativa de GEN)
d. Le garçon[CP à qui j'ai donné le livre] est mon frère. (relativa de OI)
e. J'ai rencontré la fille [CP avec qui tu as parlé]. (relativa de OBL)
f. Le garçon [CP dont le père a été mon professeur] est venu. (relativa de GEN)
- (7) a. The boy [CP to whom I gave the book] is my brother. (relativa de OI)
b. The girl [CP about which I talked] is outside. (relativa de OBL)
c. The boy [CP whose mother was my teacher] has just arrived. (relativa de GEN)
- (8) a. Devuška, [SU kotoraja prišla]...
rapariga que –NOM chegar
'A rapariga que chegou.'
b. Devuška, [OD kotoruju ja videl]...
rapariga que –ACUS eu ver
'A rapariga que eu vi.'
c. Devuška, [OI kotoroj ja dal knigu]...
rapariga que –DAT eu dar livro
'A rapariga a quem eu dei o livro.'

No que diz respeito ao tipo de relativas com complementadores, o elemento que introduz a relativa é um COMP morfofonologicamente realizado ou não (Alexandre, 2000: 16). Este tipo de construção relativa ocorre, por exemplo, nas línguas românicas, nas relativas de sujeito (SU) e de objecto directo (OD), com a posição de COMP obrigatoriamente preenchida

²⁴ Veja-se Alexandre (2000: 14-17) para outros padrões de relativização possíveis noutras línguas e respectivos exemplos.

²⁵ Estes exemplos e os seguintes são adaptados de Comrie (1981: 149-151).

(*cf.* (9)), em Inglês, nas mesmas posições sintáticas, mas com o preenchimento opcional de COMP nas relativas de OD (*cf.* (10)), e em Coreano (*cf.* (11)), em posições diferentes de OD.

- (9) a. A menina [CP *(que) tem cabelos louros] é irmã do João. (relativa de SU)
 b. La fille [CP *(qui) a des cheveux blonds] est ma soeur. (relativa de SU)
 c. The boy [CP *(that) bought a car] is my brother. (relativa de SU)
 d. A casa [CP *(que) o senhor vendeu] tem um jardim muito bonito. (relativa de OD)
 f. La maison [CP *(que) l’homme a vendu a un jardin magnifique. (relativa de OD)

(10) The house [CP (that) the man sold has an great garden. (relativa de OD)

- (11) [Hyənsik-i k□ kā-l□l ttäli-n] maktäki.
 Hyensik –NOM o cão – ACUS bater- COMP pau
 ‘O pau com que Hyensik bateu no cão’

Em síntese, para formar em PE orações relativas canónicas existe a possibilidade de recorrer a complementadores, para as posições sintáticas menos encaixadas (OD e SU), ou a pronomes relativos com marcação de Caso e/ou preposicionados, para as posições sintáticas mais encaixadas (OI, OBL e GEN). Considerando as cinco posições de relativização que estão disponíveis no PE²⁶, e seguindo a hierarquia sintáctica relativa à facilidade de acesso à formação de relativas proposta por Comrie²⁷, assume-se que SU e OD são as posições de relativização mais acessíveis e que as posições de OI, OBL e, por fim, GEN são as menos acessíveis.

²⁶ Em PE todas as posições sintáticas na hierarquia frásica (argumentais ou não argumentais) permitem formar construções relativas restritivas canónicas, ao contrário de outras línguas do mundo, como o Basco ou o Malgache (*cf.* Alexandre, 2000: 13). Assim sendo, constata-se a existência de relativas de sujeito (SU), de objecto directo (OD), de objecto indirecto (OI), de oblíquo (OBL) e de genitivo (GEN), de que se apresentam exemplos em seguida:

- a. O político [que defende o ambiente] ganhou o prémio Nobel. (SU)
 b. O escritor [que a jornalista entrevistou] escreve sobre animais. (OD)
 c. A jornalista [a quem deram uma medalha] fez uma excelente reportagem. (OI)
 d. O político [de quem te falei] abandonou a entrevista. (OBL)
 e. O escritor [cuja obra estudámos] visitou a nossa escola. (GEN)

²⁷ Segundo o autor (1981: 156), “[...] the hierarchy subject > direct object > non – direct object > possessor defines easy of accessibility to relative clause formation [...]”.

2.2.2 Constituintes relativos (ou morfemas-*wh*) e o movimento de constituintes nas relativas restritivas

Como foi referido anteriormente, o PE forma relativas com morfemas-*wh*. Seguidamente, dar-se-á conta da distribuição desses morfemas.

O morfema *que* tem sido descrito como um pronome invariável em género e número, referindo-se tanto a entidades [\pm animadas] como a entidades [\pm humanas]. Surge frequentemente precedido de preposições, que marcam diferentes funções sintácticas e, nesses contextos, é sensível à natureza [\pm humana] do antecedente, sendo empregue geralmente com antecedente [- humano]. É uniforme morfologicamente quanto ao caso, podendo ocorrer como SU (nominativo), OD (acusativo), OBL ou GEN.

Na perspectiva de Brito (1991), que apoia a sua argumentação em dados históricos e comparativos, nas relativas restritivas de SU e OD, o morfema *que* não é um morfema relativo, mas um complementador, semelhante ao que ocorre nas orações subordinadas completivas. No contexto acima referido, o morfema não apresenta traços ϕ de concordância, e por consequência não é desencadeado o processo de concordância *Spec/Núcleo* e o CP relativo não adquire um estatuto nominal nem requer caso²⁸. Relativamente ao morfema *que* inserido em sintagmas preposicionais (PP), a autora considera-o um morfema relativo nominal sem traços- ϕ de concordância, utilizado geralmente na presença de um antecedente [-humano].

O morfema *quem* é um morfema relativo invariável em género e número, ocorrendo apenas com antecedente [+humano]²⁹. Nas relativas restritivas ocorre sempre inserido em PPs, desempenhando a função sintáctica de OI, OBL ou GEN, mas pode ocorrer na posição de SU e OD em relativas livres. Brito (1991: 158) considera que este morfema relativo apresenta uma natureza nominal e é dotado de traços- ϕ de concordância, que, contudo, não chegam a ter realização morfofonológica, ou seja, é dotado de traços de concordância abstractos. Este

²⁸ Este facto explica a agramaticalidade de frases relativas SU e OD iniciadas pelo morfema *quem*.

²⁹ Na literatura, encontra-se ainda registada a sua ocorrência com qualquer antecedente (cf. Alexandre, 2000: 32-33).

morfema não pode ocorrer em relativas restritivas de SU e OD, dado que o morfema *quem*, movendo-se para *Spec/CP*, partilha os seus traços- ϕ com esta categoria, tornando-a nominal. Sendo uma categoria nominal, necessita de caso, porém, como o núcleo nominal do NP antecedente não é uma categoria atribuidora de caso estrutural, a construção é agramatical. É a violação do Filtro de Caso o argumento que, segundo Brito (1991), sustenta a má formação destas construções. Quando precedido de preposição, o morfema *quem* desloca-se para *Spec/CP* e o PP (“*pied-piped*”) transmite a natureza preposicional a CP, que deixa de necessitar de caso. É desta forma que a autora prediz a gramaticalidade de relativas restritivas com PPs contendo *quem*.

O morfema relativo *o qual* é dotado de traços- ϕ de concordância, dado que é variável em género e número consoante os traços do antecedente. Nas relativas restritivas nunca pode ocorrer como SU ou OD, devido ao processo de Concordância *Spec/Núcleo*, anteriormente descrito para o morfema *quem*. Quando precedido de preposição, desempenha a função de OI ou OBL. Pode também surgir nas relativas apositivas de SU e OD, o que na proposta de Brito (1991: 184) é justificado por uma atribuição de caso específica das posições.

O morfema relativo *onde* é invariável quanto ao género e número e pode ocorrer precedido de preposições, nomeadamente das preposições *a*, *de* e *para*. Este morfema manifesta caso OBL com um valor de locativo (Mateus *et al.*, 2003: 664), e quando precedido das preposições *a* e *de*, produz as formas *aonde* (“lugar a que”) e *donde* (“lugar de que”).

Finalmente, o morfema relativo *cujo* é um morfema variável em género e número dotado de traços- ϕ , marcado casualmente com o genitivo.

Relativamente aos morfemas que introduzem as relativas canónicas, propõe-se que tenham um estatuto de operador, distinguindo-se os que funcionam como operadores *A'*, que resultam do movimento-*wh* de constituintes para *Spec/CP*, e os que são operadores relativos, que são os próprios morfemas-*wh* (Alexandre, 2000: 19).

A gramaticalidade vs. agramaticalidade da ocorrência de morfemas relativos é sustentada, na perspectiva de Brito (1991), com base na Teoria do Caso e nos mecanismos de concordância *Spec/Núcleo* de CP (percolação de traços- ϕ) e, na perspectiva de Vasconcelos (1991), com base nos princípios A, B e C e na noção de regência da TRL (Teoria da Regência e da Ligação). Relativamente aos mecanismos de ligação antecedente-relativo, Brito defende que o NP antecedente rege “por coindexação” o morfema relativo e assume a Regra de Predicação para dar conta da interpretação das relativas, desenvolvida em seguida.

Como forma de dar conta dos mecanismos interpretativos destas construções e do nível em que se estabelece a ligação entre o relativo e o antecedente, a autora discute três hipóteses: i) hipótese da Ligação Anafórica; ii) hipótese de Predicação; e iii) hipótese da Ligação–R. Na hipótese da ligação anafórica³⁰ é proposto que os morfemas relativos sejam analisados como anáforas lexicais, sujeitas ao princípio A³¹ da Teoria da Ligação. Mantendo esta hipótese, e de acordo com a tradição gramatical, Brito (*op. cit.*) sugere uma análise assente no princípio B, considerando os morfemas relativos pronomes. Esta hipótese é rejeitada pelo facto de se considerar (Chomsky, 1981) que a Teoria da Ligação é relevante apenas para constituintes que ocupem posições-A, e os morfemas relativos, enquanto operadores, ocorrem numa posição não argumental (*Spec/CP*). A hipótese da Regra de Predicação (Chomsky, 1981), que toma a relativa como frase aberta, na qual existe um SN sem referência independente que permite uma interpretação anafórica, propõe que a identificação entre o pronome relativo e o seu antecedente se faça não em LF, mas LF'. A coindexação dos índices do operador (constituinte relativo) e do antecedente em sintaxe é livre, no entanto a aplicação da regra de predicação em LF' permite que operador e antecedente apresentem o mesmo índice. A motivação desta hipótese é apresentada por Chomsky com base na inexistência de efeitos de Cruzamento Fraco nas relativas, que se relaciona com a aplicação do

³⁰ Vejam-se autores que subscrevem esta hipótese – Cinque, 1981; Hendrick, 1982; Schroten, 1984; e Brito, 1985.

³¹ Estipula que uma anáfora é ligada na sua categoria de regência.

Princípio da Bijecção³². Como a regra de predicação ocorre num nível posterior (LF') à aplicação do Princípio de Bijecção, que ocorre em LF, o autor considera que não há violação. A hipótese da Ligação-R (Safir, 1986) prediz que a coindexação entre o antecedente e o operador relativo nas relativas restritivas ocorre em LF, e a motivação surge ao considerar-se que a lacuna parasita deixada pelo movimento é legitimada pelo operador e não pelo antecedente. Ao contrário de Chomsky, Brito defende que o SN antecedente não ocupa uma posição-A'.

O movimento-*wh* explícito em PE é obrigatório, ao contrário de outras línguas em que é opcional, como é o caso do Persa, ou em que não existe na sintaxe visível, como é o caso do Chinês (Huang, 1982; Alexandre, 2000: 13). O movimento-*wh* é determinado pela natureza de operador (Op) dos morfemas-*wh*. Estes morfemas ocorrem na posição inicial da frase relativa, mas moveram-se a partir da posição de origem do constituinte relativizado para a posição de *Spec/CP*, deixando na posição de origem do constituinte deslocado um vestígio ou *trace* (*t*), como se representa em (12). Caso o constituinte deslocado seja um DP ou um PP, o movimento de constituintes nas relativas canónicas envolve ainda o “arrastamento” da preposição (*pied piping*), como se verifica, respectivamente, nos exemplos (13) e (14).

(12) O bolo_i [_{Spec/CP} que_i o João comeu [_{t_i}]] era de chocolate.



(13) A senhora [CP [DP cujo carro]_i avariou _{t_i}] entrou em pânico.

(14) O rapaz [CP [PP de quem]_i te falei _{t_i}] acabou de entrar na sala.

A categoria vazia (vestígio) tem sido entendida como uma variável sintáctica, ou seja, um vestígio em posição-A resultante do movimento-*wh*, sendo A-livre, mas ligada-A' por um operador em *Spec/CP* (Alexandre, 2000: 18). A variável necessita ainda de que a sua

³² Este princípio (Koopman e Sportiche: 1981) ocorre em FL e impede que um operador ligue duas variáveis (o vestígio e o pronome). Recorde-se que será necessário ter em consideração este princípio para explicar a agramaticalidade de certas construções como: *O aluno_i [que_i a sua_i mãe castigou_i] entrou na sala cabisbaixo.

interpretação seja determinada pelo antecedente da relativa que liga o operador³³. Vasconcelos (1991) defende que o *gap* da relativa resulta do movimento de um constituinte-*wh* para a posição de *Spec/CP* e assume que os argumentos sustentados por Brito (1988) para o movimento apenas provam a existência de uma categoria vazia.

Brito (1991) apresenta quatro argumentos que mostram a aplicação do movimento-*wh* nas orações relativas, que passamos a expor. O principal argumento é de natureza lexical: na frase “O rapaz a quem eu dei o livro é meu amigo”³⁴, o constituinte *a quem* foi, antes de se mover, gerado sob o nó VP, de modo a que o verbo *dar* lhe atribua nessa posição a relação temática de Recipiente, sem o que não se cumpririam as propriedades de selecção do verbo da relativa. O segundo argumento passa pela análise da concordância verbal: na frase “As raparigas que ele disse que [v] telefonaram são minhas amigas”, a concordância entre o antecedente e o verbo da frase encaixada decorre da presença do vestígio na posição assinalada, “partindo do princípio de que a concordância verbal actua num nível «tardio» da gramática e é limitado a uma oração” (Brito, 1991: 101). Por sua vez, o argumento da interpretação de anáforas assenta no princípio de que os antecedentes de expressões anafóricas não podem estar separados destas através de fronteiras de frase, o que efectivamente aconteceria na ausência de vestígios: numa frase como “Os rapazes que eu penso que [v] andaram à bulha uns com os outros são mesmo traquinas”, o antecedente da expressão anafórica *uns com os outros* não é o constituinte relativo, mas o vestígio, pois só assim se cumpre o Princípio A da Teoria da Ligação, segundo o qual uma anáfora tem obrigatoriamente um antecedente na sua categoria regente. Finalmente, a autora refere ainda o caso das construções de controlo, através do qual se considera que o vestígio do constituinte

³³ Chomsky (1981: 330) começa por definir variável do seguinte modo: “ α it is a variable if and only if is locally A'-bound and in an A-position”. Esta definição desenvolve-se em Chomsky (1986: 85-86) ao considerar que “A variable must not only be bound by an operator [...] but must be bound in a still strong sense: either its range must be determined by its operator, or its value must be determined by an antecedent binds it”.

³⁴ Os exemplos são retirados de Brito, 1991: 100-101.

relativo é o antecedente para PRO: na frase “O rapaz que tu persuadiste [v] a PRO sair é meu amigo.”, o vestígio do constituinte movido é o controlador de PRO da frase complemento.

Brito (1991) considera contudo que as relativas restritivas de SU e OD envolvem, como vimos anteriormente, não o movimento-*wh*, mas movimento de um operador nulo para junto do COMP *que*, com o qual partilha o índice referencial, postulando portanto que o constituinte é basicamente engendrado em COMP. No caso de morfemas-*wh* precedidos de preposição, o morfema tem um estatuto de operador, sendo deslocado para *Spec/CP* por movimento-*wh*.

2.2.3 Características do antecedente da relativa restritiva

O antecedente da oração relativa restritiva, em termos semânticos, é a entidade sobre a qual o conteúdo da oração relativa predica. Brito (1991) defende que nas construções relativas a relação estabelecida entre constituintes relativos e antecedente é uma relação de regência por coindexação, que opera quer a posição *Spec/CP* seja ocupada pelos constituintes-*wh que, quem, o qual*, precedidos de preposição, quer por um operador relativo nulo (nas relativas de SU e OD).

O NP antecedente de uma relativa restritiva é sempre um NP determinado ou quantificado, não sendo admitidas construções com NP com unicidade referencial (*i.e.* nomes próprios e pronomes pessoais). Para além disso, o antecedente pode ser constituído por um N sem um D explícito, por uma expressão nominal quantificada (*i.e.* *tudo, nada*) ou demonstrativa (*i.e.* *aquilo*) ou por determinantes não seguidos de N (*i.e.* *os, aqueles*) (Mateus *et al.*, 2003).

2.2.4 Estratégias de relativização em Português Europeu

Como vimos, o PE insere-se no conjunto de línguas que legitima construções relativas com pronomes relativos e com movimento-*wh* explícito, através do qual um morfema ou um operador relativo é deslocado de uma determinada posição para a posição de *Spec/CP*. Quando os constituintes deslocados envolvem uma preposição, não se admite o abandono da mesma, sendo por isso deslocado em bloco o constituinte PP. Estes são os aspectos sintácticos característicos da estratégia de relativização canónica (*cf.* (15) a.). A par desta estratégia, estão disponíveis duas outras alternativas, que não são reconhecidas pela norma: a estratégia cortadora (*cf.* (15) b.) e a estratégia resumptiva (*cf.* (15) c.). Estas duas estratégias não canónicas são menos frequentes, apesar de haver evidência empírica que atesta a significativa frequência com que são produzidas pelos falantes, tanto na produção oral como na produção escrita.

- (15) a. O cantor [de que te falei] vem a Portugal dar um concerto.
b. O cantor [que te falei] vem a Portugal dar um concerto.
c. O cantor [que o Pedro falou nele ontem] vem a Portugal dar um concerto.

A estratégia cortadora ocorre somente com DPs precedidos de preposições, isto é, com as funções sintácticas de OI, OBL e GEN. Caracteriza-se pela supressão da preposição do constituinte movido, dependendo essa queda do verbo da frase e do conteúdo semântico veiculado pela própria preposição. Vários estudos (Peres & Mória, 1995; Alexandre, 2000; e Arim *et al.*, 2005) comprovam que esta estratégia é preferencialmente utilizada no discurso oral, baseando-se em dados linguísticos produzidos na rádio, na televisão e na imprensa, o que poderá denotar uma mudança em curso relativamente à produção de frases relativas. Da mesma forma, a investigação linguística em Português do Brasil (Bagno, 2001) defende que esta estratégia é tendencialmente utilizada em campanhas publicitárias, uma vez que a simplificação de processamento causa um maior impacto. De acordo com Arim *et al.* (2005),

citando o estudo de Bagno (2001), na produção oral de relativas por parte de brasileiros cultos, em 79,5% dos casos foram produzidas relativas não canónicas, sobretudo cortadoras (94%), e na produção escrita a produção de relativas não canónicas atingiu os 94%, o que poderá sustentar a hipótese de Peres & Mória (1995: 288) de que a maior presença de cortadoras no PE se deve à influência do PB.

No que concerne ao elemento que introduz as relativas cortadoras, o mesmo tem sido encarado (Faria & Duarte, 1989; Brito, 1995) como uma forma de complementador e como tal é especificado com o traço formal [-wh], não desencadeando movimento explícito. Alexandre (2000) considera que não há motivação para o movimento, contrariamente a Brito (1995: 77), que defende o movimento de um operador nulo para *Spec/CP*. Segundo Duarte (1996), esta estratégia simplifica o processamento das relativas, evitando o *pied piping* de elementos sintacticamente pesados (PPs). O constituinte relativizado é apagado na componente fonológica, sendo desta forma suprimida a preposição, na componente fonética.

A estratégia resumptiva, por sua vez, é tida como a mais marcada pelos falantes do PE, apesar de em algumas línguas ser obrigatória em determinadas posições sintácticas. Segundo alguns autores (Peres & Mória, 1995), as relativas resumptivas apresentam um grau de frequência muito elevado, na língua oral, mesmo em estratos mais escolarizados. Uma relativa resumptiva caracteriza-se pelo facto de o constituinte relativizado co-referente do antecedente se encontrar realizado, dentro da oração relativa, através de uma categoria pronominal (*cf.* (16)) ou adverbial (*cf.* (17)), designada resumptivo, como se observa nos seguintes exemplos retirados de Alexandre (2000: 56):

(16) Eles são dois jogadores_i [[_{OB} que] eu os_i vejo partir com tristeza].

(17) Sei um caminho_i [[_{OBL} que] o pai passou por lá_i da outra vez].

O pronome resumptivo recupera semanticamente o conteúdo do seu antecedente, apresenta traços ϕ e de Caso morfofonologicamente realizados, na posição em que, nas relativas canónicas, ocorre uma variável (categoria vazia) deixada pelo movimento-*wh*. O emprego de pronomes resumptivos é considerado, na perspectiva de Tarallo (1985, *apud* Alexandre, 2000: 57), um último recurso para a ligação entre o NP antecedente e uma posição no interior de uma ilha. Segundo pressupostos minimalistas, esta estratégia é relevante para a convergência da derivação, quando as condições que licenciam a estratégia canónica não podem operar. Shlonsky (1992, *apud* Alexandre 2000: 69) assume que esta estratégia, para as línguas que a utilizam como canónica (caso do Hebreu), é uma estratégia de último recurso (*Last Resort*), dado que nem a extracção do interior de DP nem o *pied piping* são permitidas. A argumentação de Alexandre (2000) demonstra que os pronomes resumptivos são variáveis em *Spell-Out*, tal como as variáveis que ocorrem nas relativas canónicas (sujeitas ao princípio C da Teoria da Ligação). Os argumentos aduzidos centram-se em dois fenómenos: a sensibilidade a efeitos de Cruzamento Forte e a legitimação de Lacunas Parasitas³⁵. Por outro lado, a autora defende que a estratégia resumptiva não envolve movimento-*wh*, dado que COMP é especificado com traços formais [-*wh*], e, pelo princípio de economia minimalista, o movimento é bloqueado. Assim, sustenta-se a hipótese de que o constituinte *que* em *Spec/CP* é um operador nulo inserido por *Merge*, o qual liga A' o pronome resumptivo. Relativamente à tipologia do operador (Op) nulo que serve de antecedente ao resumptivo, assume-se que é PRO e que é integrado numa cadeia, sendo a cabeça o Op (em posição - A') e a cauda a variável (em posição -A). A forma como o Op recebe referência é através da Ligação-R(elativa) (Safir, 1986), transmitindo posteriormente o seu índice ao pronome resumptivo. Dado que a proposta de Safir não permite a legitimação de lacunas parasitas, contrariamente às relativas resumptivas em PE, Alexandre (2000) apresenta uma reformulação de pronome resumptivo,

³⁵ A título de exemplo, vejam-se as seguintes frases que ilustram os dois fenómenos, respectivamente: *"Está aqui a senhora_i que o médico_i pedia o favor de examinar t_{ij}."; "Aqui tem o artigo_i [_{CP} que eu agradecia que fizesse o favor de ler t_i [sem alterar e_i.]]".

que abrange o estatuto pronominal e adverbial do resumptivo, a ligação a uma posição-A' e a Ligação-R. Este tipo de construção é sensível aos movimentos longo e sucessivamente cíclico, uma vez que é possível encontrar resumptivos dentro de ilhas ligados referencialmente a constituintes nominais que se encontram fora delas, e não licencia o *pied piping* de DPs e PPs, pois o pronome resumptivo é precedido da preposição subcategorizada pelo V do CP_{rel}, como se verifica pela construção relativa resumptiva (18) (exemplo dado em Alexandre (*op.cit*: 78)):

(18) Acho que é uma questão [_{CP} que agora não devíamos perder muito tempo com ela].

Como dissemos anteriormente, acrescentámos no âmbito deste estudo uma terceira estratégia de relativização, a pseudo-resumptiva (19). Esta estratégia resulta do recurso, em simultâneo, à estratégia resumptiva e à estratégia canónica. Não se encontra descrita nos trabalhos existentes, pelo que assumimos aqui que nela ocorre, por um lado, o movimento-*wh* tipicamente canónico, descrito anteriormente, e, por outro lado, o preenchimento da posição deixada vazia pelo constituinte relativo através de um pronome resumptivo, também anteriormente descrita. De referir ainda que esta estratégia não se distingue da estratégia resumptiva quando o constituinte movido é um SU ou um OD, já que nesses contextos o complementador assume a forma *que* tanto nas frases resumptivas como nas frases pseudo-resumptivas.

(19) Está ali o rapaz a quem a professora lhe deu os parabéns.

2.2.5 Estrutura interna do SN relativizado

Relativamente à posição que ocupa na estrutura de constituintes, uma construção relativa em PE ocorre sempre em posição pós-nominal. Todavia, em vários trabalhos de investigação que se inserem no modelo da gramática generativa, as propostas apresentadas divergem quanto à estrutura interna do NP.

No presente estudo, assume-se a hipótese que descreve a oração relativa como adjunta a NP (Brito, 1991), ou seja, a estrutura em que a oração relativa é o nó irmão de um NP, ainda que determinados argumentos fundamentem outras estruturas.

Seguindo a análise de adjunção à direita proposta por Ross (1967)³⁶, Brito (1991) argumenta a favor da análise [SN F], ou seja, a relativa ocupa uma posição de adjunto a SN (ou NP). Os argumentos que sustentam esta proposta e relegam outras hipóteses apresentadas são de natureza sintáctica, lexical e interpretativa. Centram-se na análise de diferentes construções, como: i) relativas com verbos simétricos e antecedentes coordenados e ii) relativas múltiplas ou “empilhadas”.

Relativamente às construções enunciadas em i), atente-se na seguinte frase, na qual o constituinte relativo recupera anaforicamente a informação dos dois NPs coordenados e a relativa é o nó irmão de NP.

(20) [O rapaz e a rapariga]_i [que]_i se abraçaram estudam na faculdade.

Quanto à análise de construções que incluem relativas múltiplas ou empilhadas (ii), considera-se que a estrutura [NP NP CP] também descreve este fenómeno. Este tipo de relativas consiste na adjunção recursiva de cada um dos CPs ao NP antecedente, como se verifica no seguinte exemplo:

(21) [_{NP} [_{NP} O rapaz] [_{CP} que estuda Direito] [_{CP} que tirou um mestrado]] recebeu uma bolsa.

Neste tipo de construções, o CP mais alto na estrutura tem como antecedente não apenas o NP, formado pela expressão nominal *O rapaz*, como também a oração relativa, que inclui o CP adjunto mais baixo.

Todavia, segundo Brito (1991: 83), a análise apresentada não dá conta da interpretação anafórica de categorias vazias numa frase relativa. Concretizando, uma frase

³⁶ Nesta proposta a oração relativa é irmã do NP que funciona como seu antecedente, sendo projectada a seguinte estrutura: [_{NP} NP S]. Com a aplicação dos pressupostos da Teoria X' às categorias lexicais e funcionais, S (S') passou a ser CP (cf. Chomsky, 1986).

como (21) tem duas leituras possíveis, descritas em (21'), em que a categoria vazia recupera apenas o N, e em (21''), em que a categoria vazia recupera o N e a oração relativa restritiva:

(22) Eu gosto mais desta criança que tem cabelos escuros do que daquela [e].

(21') Eu gosto mais desta [criança]_i que tem cabelos escuros do que daquela [e]_i (que tem cabelos de uma outra cor qualquer).

(21'') Eu gosto mais desta [criança que tem cabelos escuros]_i do que daquela [e]_i (que também tem cabelos escuros).

No entanto, se aceitarmos a representação [_{NP} NP CP], a leitura (21') deixa de ser possível, dado que o NP *criança* e a relativa não formam um constituinte.

A este propósito, a autora, na esteira de Radford (1981), assume que “dois elementos que não formem um constituinte único não podem servir de antecedente a uma anáfora” (Brito, 1991: 84). Além disso, aceitando o pressuposto de que nas orações relativas se aplica a Regra de Predicação (Chomsky, 1982), segundo a qual uma relativa restritiva constitui um predicado em relação ao antecedente, o operador relativo deverá ser coindexado com o antecedente, o que só se verifica se este for um constituinte.

Para dar conta de uma leitura como 21'', a autora sugere uma configuração que combina a análise [DET CP] e a análise [_{NP} NP CP]. Esta análise resulta de um movimento para a direita por adjunção da relativa restritiva ao NP, movimento esse que, segundo Chomsky (1986: 16), viola o Critério- θ , pois o CP relativo encontra-se ligado a um NP argumental. Dentro da análise SDet, Brito problematiza a proposta de Abney (1987), por não respeitar um princípio da Teoria X' (“Hipótese de Ramificação Binária” (Kayne, 1984)). A referida proposta apresenta a configuração [DP [D NP CP]] e é problemática, desde logo, pela estrutura tripartida; em segundo lugar, porque D e N não formam um constituinte e, por consequência, não constituem um antecedente para a categoria vazia interna a CP e, finalmente, porque não apresenta nós intermédios (D'), de acordo com a Teoria X'. Assim, Brito (*op.cit.*: 93) assume

que a oração relativa deve ser projectada como nó irmão de D', o que permite que Det e N formem um constituinte, captando a interdependência entre DETs e CPs.

No estudo de Alexandre (2000: 106) salienta-se no entanto uma desvantagem: o facto de estas estruturas constituírem um movimento de adjunção. No quadro teórico do programa minimalista (Raposo, 1999: 438), a adjunção, apesar de continuar a ser uma opção, tem um domínio muito restrito de aplicação, uma vez que as restrições à adjunção a XP ou YP são muito fortes. A adjunção mais importante considerada nesta abordagem é a adjunção de α a X^0 , em que α é um traço ou um X^0 . Segundo pressupostos minimalistas, a configuração $[_{DP} [_{NP} NP CP]]$ é admitida se supusermos que o CP relativo é inserido na derivação por Compor como ajunto a NP, o qual, sendo um alvo semanticamente vácuo, legitima a operação.

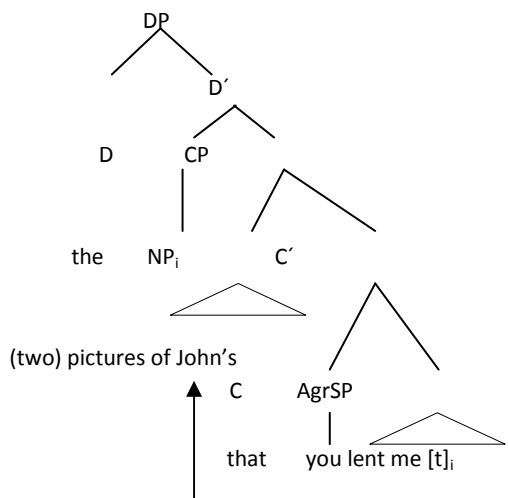
Alexandre (*op.cit.*: 106-109) apresenta as consequências empíricas resultantes da adopção de cada uma das estruturas ($[_{DP} [_{NP} NP CP]]$ e $[_{DP} DP CP]$) aos fenómenos analisados por Brito (1991: 88), considerando que: i) a configuração $[_{DP} [_{NP} NP CP]]$ é capaz de descrever diferentes leituras (21' e 21'') na interpretação anafórica de categorias vazias, dado que N e CP formam um constituinte único, ao contrário do que acontece com a configuração $[_{DP} DP CP]$; ii) a configuração $[_{DP} [_{NP} NP CP]]$ não capta adequadamente relativas com antecedentes coordenados, dado que o CP relativo se liga apenas a um dos elementos coordenados, ao passo que a configuração $[_{DP} DP CP]$ é mais adequada, pois capta a concordância do verbo da oração relativa com o antecedente, aproximando-se da análise $[NP NP CP]$ proposta por Brito (1991: 83); iii) ambas as configurações ($[_{DP} [_{NP} NP CP]]$ e $[_{DP} DP CP]$) se adequam à análise de relativas múltiplas ou "empilhadas", adjungindo recursivamente o CP relativo a NP ou a DP.

No quadro da análise DP, a autora apresenta ainda uma abordagem crítica da proposta de Kayne (1994: 86), segundo a qual um CP pode ser seleccionado por D, sendo preenchida a posição de *Spec* pelo NP antecedente, como se observa na representação (23) correspondente a (22) e adaptada de Kayne (1994: 87). A posição de *Spec* é considerada uma posição de

adjunção a CP³⁷. O autor distingue um CP relativo de um completivo, por este último ser projectado como complemento de N'. Assume que o núcleo da relativa não está presente no NP em *Spec/CP*, mas que se encontra em C⁰ e é um COMP declarativo. Salieta ainda que a posição *Spec/CP* relativo é preenchida por um NP sem traços de [+wh].

(23) The (two) pictures of John's that you lent me.

(24)



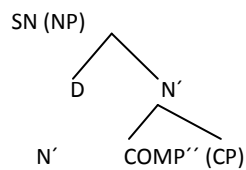
Na perspectiva de Alexandre (*op.cit.*: 111), a análise por elevação defendida por Kayne não apresenta sustentação empírica, quer para as relativas canónicas quer para as resumptivas. A autora apresenta um conjunto de argumentos³⁸ que provam que a análise [_{DP} D⁰ CP] forma derivações não convergentes e considera que a análise viola um dos princípios de economia do programa minimalista, nomeadamente o princípio da cobiça.

Vasconcelos (1991) propõe uma análise distinta, segundo a qual o antecedente da relativa não inclui um determinante, admitindo-se a recursividade de N' (24), facto que permite que o constituinte nominal subcategorize outros modificadores, como uma relativa restritiva.

³⁷ O autor assume que "[...] a specifier is necessarily to be taken as an adjoined phrase [...]" (Kayne, 1994: 17).

³⁸ A este propósito veja-se a argumentação da autora incluída nas pp. 112-135.

(25)



Um argumento a favor desta análise consiste em considerar que esta estrutura dá conta de um comportamento das relativas restritivas: a impossibilidade de pronominalização do antecedente (Mateus *et al.*, 2003: 659). Dado que uma relativa restritiva tem como antecedente uma expressão nominal que não é dotada de referência por si só, o antecedente não se pode pronominalizar. Na configuração apresentada, o determinante e o N não formam um constituinte, daí a impossibilidade de pronominalização, como atesta o seguinte exemplo:

(26) Os rapazes que entraram na sala eram muito altos.
*Eles que entraram na sala eram muito altos.

A estrutura apresentada em (24) também é capaz de captar construções com relativas múltiplas ou “empilhadas”, como em (26), numa configuração que projecte uma relativa no primeiro nó N' e outra no segundo nó N', bem como a interpretação de certas categorias vazias, como a leitura da frase (21'') descrita anteriormente.

(27) O jornalista que esteve no Iraque que escreveu a reportagem recebeu um prémio.

A proposta de Brito (1991), que se assume no presente trabalho, relaciona-se ainda com a estrutura de topicalização analisada por Duarte (1987), ao admitir que o NP da frase matriz é um tópico acerca do qual se faz uma predicação. A topicalização é a construção de uma estrutura que envolve o tópico e o resto da frase. No entanto, o movimento-*wh* e a topicalização são construções distintas como evidencia o contraste de gramaticalidade de determinadas construções. Segundo Duarte (*op.cit.* : 277), o constituinte tópico é engendrado numa posição-A interna à frase-comentário e movido, na sintaxe, para uma posição A', não

havendo nenhum operador vazio intermédio entre o tópico e a variável em posição-A. Considera ainda que a topicalização é uma instância de adjunção a FLEX'' e que o constituinte topicalizado se eleva para o nó TOP (*op.cit.*: 297). Vasconcelos (1991: 506) defende que o que distingue uma frase relativa de um fenómeno de topicalização é que na relativa falta um constituinte que é argumento da frase matriz e é obrigatoriamente co-indexado com ele, surgindo representado por um morfema-*Wh* ou por um complementador, e o "gap" da frase relativa não corresponde a um vestígio resultante do movimento do NP, ao contrário do "gap" de uma construção de topicalização, que resulta do movimento do próprio constituinte, isto é, é gerado na base.

2.3 Teorias sobre a aquisição e desenvolvimento linguísticos

Referir-se-ão nesta secção diferentes perspectivas sobre o processo de aquisição, salientam-se os aspectos mais consensuais. Posteriormente, será dado especial enfoque ao estudo da aquisição das categorias funcionais do Português, referindo a propósito alguns trabalhos desenvolvidos neste âmbito. Finalmente, serão apresentados alguns resultados empíricos decorrentes de trabalhos de investigação na área da aquisição sobre o tópico em estudo, que nortearam de alguma forma a formulação das hipóteses desta dissertação.

2.3.1 Diferentes perspectivas sobre o processo de aquisição

O estudo da aquisição encontra-se associado, desde a década de 50 do século XX, a estudos desenvolvidos no domínio da psicolinguística. É possível contudo filiar as diferentes teorias em três escolas de pensamento distintas: i) a dos cognitivistas, dos quais se destaca Jean Piaget, que concebe a linguagem como um produto cognitivo global e que defende que o desenvolvimento linguístico depende do desenvolvimento de estruturas cognitivas; ii) os

behavioristas, que enfatizam o peso da relação criança-meio e concebem a linguagem como um comportamento aprendido por imitação e reforço, tendo como figuras de referência Leonard Bloomfield e Skinner; iii) e os inatistas, que entendem a linguagem como uma componente inata. O estudo da aquisição da linguagem associado ao inatismo tem como figuras centrais Noam Chomsky, que dá início à corrente generativista com a resposta a um texto de Skinner, e Lenneberg, que concebe a linguagem verbal como uma capacidade específica do ser humano e como um produto da história genética. Nesta dissertação assumem-se os pressupostos teóricos do generativismo, da Teoria Selectiva da Aquisição, que advoga que a aquisição da linguagem é determinada por princípios restritivos inatos. A linguagem é resultado do funcionamento da mente humana, de uma programação genética designada por Chomsky (1999: 43) como LAD³⁹, que explica a universalidade do processo de aquisição. É pois esta predisposição inata que possibilita que todas as línguas naturais partilhem um conjunto de propriedades e que todas as crianças, perante um determinado *input* linguístico (língua específica), dominem precocemente padrões sintácticos dessa língua. A divergência desses padrões é determinada pela diferente fixação de valores de parâmetros desencadeada por *triggers* presentes no *input*. No âmbito do PM, a criança selecciona apenas os traços que estão presentes na sua língua, produzindo desta forma diferentes estruturas.

A par das diferenças de enfoque, é consensual a aceitação de que as crianças adquirem a linguagem de forma espontânea, sem estarem expostas a contextos de instrução formal⁴⁰, e de que o processo de aquisição é relativamente rápido, estando concluído à entrada para o primeiro ciclo.

³⁹ Language Acquisition Device (dispositivo para aquisição da linguagem).

⁴⁰ Veja-se a este propósito a definição deste processo de Sim-Sim (1998: 28): “processo de apropriação subconsciente de um sistema linguístico, via exposição, sem que para tal seja necessário um mecanismo formal de ensino”.

2.3.2 Aquisição das categorias funcionais

A produção e a compreensão de enunciados de uma língua implicam a mobilização de conhecimento sintáctico dessa língua, que é o resultado da aquisição gradual de estruturas gramaticais de crescente complexidade. O domínio da estrutura sintáctica da língua decorre da conjugação do conhecimento de um conjunto de princípios da linguagem humana, em geral, e de regras específicas dessa língua, em particular. Chomsky (1991) considera que somente os elementos funcionais de uma língua são parametrizados⁴¹, assunção reiterada também no Programa Minimalista.

No âmbito das formulações minimalistas, os parâmetros definem-se em função dos traços morfológicos (ou, mais recentemente, formais), sendo a tarefa relevante da criança especificar a natureza desses traços (fortes ou fracos) de acordo com o *input* linguístico, de modo a estabelecer correctamente a correlação entre sonda e alvo e a determinação das categorias a que está associado um traço EPP.

Não sendo objectivo do trabalho desenvolver as teorias, salienta-se apenas que os estudos feitos sobre o processo de aquisição têm visado determinar o conhecimento linguístico disponível ao longo dos vários estádios de desenvolvimento, procurando ainda captar a variação entre o sistema maduro alvo e a gramática da criança. Mais concretamente, muitos desses estudos têm-se debruçado sobre a forma como surgem as categorias funcionais e como se processa a sua estabilização ou consolidação.

A proposta inovadora de Chomsky veio alterar a concepção dos núcleos funcionais. Em assunções anteriores, defendia-se a adjunção dos itens lexicais aos núcleos funcionais para que aqueles pudessem aceder à morfologia flexional, dado que se concebiam os itens como formas não flexionadas. A partir do momento em que se considera que os traços flexionais são

⁴¹ “[...] Properties of the lexicon too are sharply constrained, by UG or other systems of the mind/brain. If substantive elements (verbs, nouns, and so on) are drawn from an invariant vocabulary, then only functional elements will be parameterized.” (Chomsky, 1991: 419)

uma propriedade intrínseca dos itens lexicais, os núcleos funcionais deixam de ser posições estruturais e são entendidos como locais de verificação de traços. Assume-se que cada categoria funcional tem traços verbais e nominais e a convergência da derivação ocorre sempre que esses traços forem coincidentes com os traços dos itens lexicais. Assim sendo, da correspondência entre os traços morfológicos das categorias nucleares e os dos constituintes com os traços das categorias funcionais resulta o apagamento, podendo a derivação prosseguir. Como já foi referido anteriormente, o movimento é gerado para verificação das propriedades morfológicas. Com esta proposta, defende-se que a variação linguística é motivada pela natureza fraca ou forte dos traços formais associados às categorias funcionais.

Nas produções iniciais da criança, encontram-se muitos fenómenos gramaticais que atestam a presença de categorias funcionais – como a utilização da morfologia temporal e de concordância sujeito-verbo, a posição do sujeito ou a realização de estruturas com movimento-*wh*.

O presente trabalho ocupa-se do estudo de estruturas que envolvem a categoria funcional C. Apesar de as produções observadas se relacionarem com um estágio de desenvolvimento linguístico que não é inicial, há evidências empíricas em trabalhos anteriores que permitem afirmar que esta categoria é activada precocemente no processo de aquisição. O estudo do comportamento das categorias funcionais em diferentes estádios do desenvolvimento linguístico torna-se pois essencial para determinar a variação entre a gramática do adulto e da criança.

A estrutura de frase de um adulto é projectada da seguinte forma: [[CP] [IP] [VP]], cindindo-se [IP] em [[AgrP] [TP] [vP]] (Pollock, 1989 e Cinque, 1998). Surge então a questão de saber se a estrutura da frase na fase inicial da criança é a mesma da fase adulta.

As hipóteses abordadas na literatura que explicam o fenómeno da aquisição da língua são duas: a Hipótese da Maturação e a Hipótese da Continuidade. A primeira hipótese admite

que os diferentes módulos da Gramática Universal estão sujeitos a maturação, sendo a emergência de determinados princípios (desenvolvimento da sintaxe) decorrente da evolução biológica. A criança não possui as categorias funcionais desde o início, pois estas vão sendo activadas em estádios específicos de maturação. A segunda hipótese prediz que a gramática da criança e a do adulto dispõem dos mesmos princípios, ou seja, a estrutura do estado adulto é idêntica à da criança. Os princípios da GU estão disponíveis desde o início e permanecem durante todos os estádios do desenvolvimento gramatical. A estrutura básica da gramática inicial da criança justifica-se pela fixação dos valores dos parâmetros ou por factores externos à competência gramatical, nomeadamente a capacidade de processamento. A hipótese da continuidade cinge-se em duas versões: a hipótese da continuidade forte (Hyams, 1986 e 1992; Demuth, 1992; Valian, 1992; Déprez e Pierce, 1994) e a hipótese da continuidade fraca (Clahsen, Eisenbeiss e Vainikka, 1994; Hoekstra e Jodens, 1994; e Powers, 1996). Esta última admite que a representação sintáctica estrutural possa sofrer alterações ao longo das várias etapas do desenvolvimento linguístico, sem que sejam violados os princípios da GU.

Para dar conta da estrutura sintáctica do estado inicial da aquisição, Radford (1986), numa perspectiva maturacional, propõe a hipótese da oração pequena, segundo a qual as frases produzidas aos dois anos de idade correspondem estruturalmente a VP. O mesmo autor (1992) assume que a gramática inicial do Inglês não projecta as categorias TP (omissão dos verbos modais, de “have” perfectivo), AgrP (omissão do morfema de terceira pessoa do singular quer com verbos auxiliares quer com verbos principais) e CP (não são produzidas interrogativas-*wh*) e, como tal, o movimento do verbo é excluído. Esta concepção determina que as categorias funcionais emergem simultaneamente, por volta dos dois anos, depois das categorias lexicais. A criança só não produz correctamente enunciados da língua alvo neste momento, pois faz uma análise desadequada das categorias funcionais. O facto de estas predições serem fundamentadas empiricamente em dados provenientes apenas do Inglês

torna-as pouco sustentáveis (Hyams, 1994), além de não clarificarem a diferença entre o sistema funcional da criança e o do adulto.

A investigação comparada de várias línguas tem vindo a problematizar a referida hipótese, que não explica o contraste de produções linguísticas de crianças de outras línguas, pelo que algumas experiências com crianças alemãs e holandesas (Clashen, 1990; Meisel e Müller, 1992; Poeppel e Wexler, 1993) atestam que determinadas categorias funcionais estão activas desde o início do processo de aquisição. Por exemplo, a hipótese da oração pequena não permite captar a diferente distribuição de verbos finitos e não finitos no que respeita à negação. Nas diferentes línguas, as crianças, tal como os adultos, expressam a distinção morfossintáctica entre verbos finitos e não finitos em termos da subida deste constituinte na hierarquia frásica. Assume-se pois que a gramática inicial contém a projecção de IP, que permite albergar a subida de verbos finitos. Consequentemente, as produções iniciais são IPs.

Grinstead (1998, *apud* Montrul, 2004) sugere que a criança possui conhecimento linguístico, mas não um conhecimento pragmático que lhe permita distinguir informação nova de informação dada/conhecida ou fazer pressuposições. Assim, considera que a projecção tópico-foco está inicialmente inactiva. Em PE, há argumentos que defendem que a topicalização de um constituinte é uma adjunção, não sendo pois motivada a projecção TopP. Grinstead e Elizondo (2001) consideram ainda que FinP e ForceP são os elementos de CP que mais precocemente estão activos. No entanto, os dados recolhidos atestam que a produção de complementadores (núcleos de ForceP) é mais tardia do que a maioria de estruturas nucleares (como imperativos, perguntas sim/não, sujeito pré-verbal com realização lexical, topicalizações, focalização de objectos) e que a produção de relativas é pouco frequente. Segundo estes autores, a activação de CP está relacionada com o grau de encaixe das estruturas em causa. Relativamente à projecção das categorias funcionais TopP, Foc e ForcP em C, Soares (2006) reforça que a activação destas categorias não é motivada em PE,

apresentando argumentos que sustentam esta posição. Segundo a autora, a categoria funcional C pode ser caracterizada por diferentes traços, seguindo pressupostos do programa minimalista.

Há autores (Meisel e Müller, 1992; Clahsen, Penke e Parodi, 1994) que defendem que a estrutura inicial é uma estrutura incompleta, pela ausência de determinadas categorias funcionais. A questão é que nestas propostas fica por esclarecer a forma como uma estrutura truncada dá lugar a uma estrutura funcional preenchida.

A pressuposição da existência de uma estrutura funcional completa desde o início da aquisição coaduna-se com a perspectiva da continuidade. Mesmo que os núcleos funcionais não sejam realizados foneticamente, assume-se que a estrutura está disponível e, portanto, no presente trabalho defende-se que estão presentes inicialmente as categorias CP e IP. Hyams (1992 e 1994), com base em produções linguísticas de crianças italianas, argumenta a favor da existência de IP, considerando que a marcação do sujeito com caso Nominativo, a posição dos clíticos em estruturas com auxiliares e a concordância sujeito-verbo constituem alguns desses argumentos.

Em línguas SOV que não apresentam o efeito V2, considera-se que não há subida do verbo e que I surge em posição final, encontrando-se os complementos de VP à esquerda. Pelo contrário, em línguas SOV com efeito V2 como o alemão, as produções iniciais são evidência de que os verbos são extraídos de I para uma posição mais alta, isto é, para a categoria funcional C. Também em línguas com núcleo inicial (SVO), como o Português, em que o verbo sobe, mas apenas até I, o sujeito ocupa a posição de *Spec*/IP e os complementos encontram-se em VP. Contudo, o facto de, mesmo em línguas SVO, poder ocorrer a sequência complemento-verbo-sujeito, permite rejeitar a hipótese de que verbo possa subir apenas para I. Se aceitarmos que o sujeito se encontra em *Spec*/IP, então, quando ocorre a ordem linear C-V-SU,

o verbo ocorre em C e o complemento em *Spec/CP*, como acontece nas línguas germânicas com efeito V2.

Estas assunções têm levado alguns autores a reiterar o facto de o núcleo funcional CP estar activo, desde cedo, na gramática das crianças. A partir do momento em que se assume o movimento do verbo (em Francês e Italiano, os verbos movem-se para I, em línguas V2 para C e em Inglês permanecem em VP, à excepção dos auxiliares e dos modais, que se movem para I ou são gerados em I), então terá de postular-se a existência de outras categorias funcionais. Desta forma, há evidência empírica que atesta que nem todas as crianças passam pela fase de oração pequena e que as mesmas reconhecem o valor dos parâmetros que rege a estrutura sintáctica da sua língua⁴².

No âmbito deste trabalho, será assumida a hipótese da continuidade, por se revelar mais adequada à descrição dos dados disponíveis. No caso do PE, parte-se do princípio de que a estrutura funcional se encontra completa, na fase inicial, admitindo-se a possibilidade de algumas categorias estarem subespecificadas na gramática da criança, sendo activadas no decorrer do processo de aquisição. Numa perspectiva minimalista, dir-se-á que as propriedades destas categorias entram num processo de verificação (*Checking Theory*), para que os seus traços sejam especificados.

2.3.3 A aquisição do movimento-*wh*

Num estudo com base em produções de crianças canadianas falantes de Francês, com entre 3 a 6 anos, Guasti (2002) mostra que nenhuma produziu relativas envolvendo *pied-piping* preposicional, concluindo que as relativas com *pied-piping* tendem a

⁴² Veja-se Wexler (1999) a propósito do parâmetro do núcleo, do parâmetro do movimento do verbo e do parâmetro V2.

estar ausentes, nestas idades, na produção e a ser rejeitadas na compreensão⁴³. No entanto, dado que as crianças produzem interrogativas com *pied-piping*, conclui-se que o problema não está no processo de *pied-piping* mas sim no facto de, aparentemente, as crianças não construírem relativas com recurso ao movimento-*wh*. A construção de relativas resumptivas é, segundo a mesma autora, frequente também em crianças, e tem sido vista como uma evidência de que o movimento-*wh* não ocorre nessas idades. Considerando a ausência de *pied-piping* e a presença de resumptivas nas produções de crianças até aos 6 anos, Guasti conclui, reportando-se a Labelle (1990), que aparentemente o movimento-*wh* não ocorre nas produções de relativas nessas idades e que a produção de relativas nas crianças é feita exclusivamente a partir de mecanismos semânticos, que depois são substituídos por mecanismos sintácticos (Guasti, 2002: 232). No entanto, Guasti apresenta alguns argumentos em favor da existência de movimento-*wh* nas produções de relativas nas crianças e, conseqüentemente, prova que a gramática das crianças é igual à dos adultos, destacando-se, de entre aqueles, o facto de, na produção de relativas de SU, a concordância do operador em CP demonstrar que ele foi para aí movido. A questão da ausência de *pied-piping* nas produções das crianças é atribuída não à ausência de movimento-*wh*, mas ao facto de as crianças não terem adquirido o leque de pronomes relativos envolvidos neste tipo de construções⁴⁴.

2.3.4 Técnicas experimentais e considerações empíricas relativamente ao estudo das frases relativas

Este trabalho visa estudar as estratégias de relativização e os mecanismos de construção de relativas restritivas, bem como as preferências por determinados padrões de relativização em sujeitos no final de cada ciclo escolar (4.º e 6.º anos). Para se fazer uma

⁴³ "In sum, *pied piping* in relative clauses is not a natural option in child language; it either does not occur or occurs very rarely" (Guasti, 2002: 230).

⁴⁴ "The deviations from the target are a matter of lexical learning: children need to learn the full range of *wh*-operators" (Guasti, 2002: 240).

análise rigorosa dos dados obtidos considerou-se conveniente observar comparativamente resultados obtidos em experiências anteriores em PE e noutras línguas. De entre as várias possibilidades de obter dados sobre as estruturas sintácticas disponíveis num determinado momento, salientam-se: i) tarefas de juízos de gramaticalidade; ii) o discurso espontâneo; iii) o discurso provocado; iv) e a construção de um desenho experimental. No presente trabalho privilegiou-se a construção de actividades de produção provocada⁴⁵, dado que se considera ser o método de acesso mais directo à gramática da criança, além de permitir obter um *corpus* robusto das estruturas em estudo, controlando determinadas variáveis. O discurso espontâneo foi também uma importante fonte de informação, pois serviu para definir o tema em estudo e alguns objectivos do trabalho. Recorreu-se ainda à tarefa de formulação de juízos de gramaticalidade⁴⁶ com o objectivo de identificar a forma como os sujeitos reconhecem e analisam a marginalidade de certas estratégias de relativização, verificando, numa segunda etapa, a detecção do problema e a respectiva correcção efectuadas pelos sujeitos.

O conhecimento linguístico sobre construções relativas, em tarefas de compreensão (“act-out task”) e produção, tem sido o tópico de muitos estudos relacionados com o processo de aquisição (Sheldon, 1974; Tavakolian, 1981; Goodluck e Tavakolian, 1982; Hamburguer e Crain, 1982; Crain, McKee e Emiliani, 1990; Labelle, 1990; Vasconcelos, 1991; Guasti *et al.*, 1996; Crain e Thornton, 1998). Na generalidade, estes estudos postulam o seguinte: i) as crianças e os adultos assumem diferentes representações sintácticas das frases relativas; ii) as crianças produzem e interpretam as frases relativas com base nos princípios que têm activos num dado momento.

⁴⁵Atente-se na definição de Thornton (1998: 77) :“*Elicited production* is an experimental technique designed to reveal children’s grammars by having them produce particular sentence structures”.

⁴⁶Crain and Thornton (1999: 213) consideram que “the truth value judgment task is particularly useful in assessing children’s knowledge of constraints on the meanings that can and cannot be assigned to sentences [...] it enables the experimenter to control both parts of the equation, sentence and meaning.” Este método foi utilizado por alguns investigadores (Villiers & Villiers, 1974; Schlisselberg, 1998; Donaldson, 1982; Gelman, 1982; McDaniel and McKee, 1995) para estudar determinadas estruturas sintácticas.

Os resultados dessas experiências revelaram que certo tipo de frases relativas é compreendido e produzido mais facilmente do que outros, e demonstraram que existe alguma regularidade no desempenho das crianças, no que respeita ao tipo de erro na interpretação de algumas frases relativas. Deve salientar-se que a noção de “erro” remete para a diferença entre a performance da criança e a do adulto. É importante referir também que o facto de os resultados das tarefas de produção linguística não exibirem determinadas estruturas não significa desconhecimento, pois poderão resultar da preferência dos sujeitos por aquela estrutura num determinado contexto e num determinado registo. Assim sendo, na análise dos dados, as transformações feitas pelos sujeitos devem ser entendidas como estruturas mais acessíveis e não como indicador de falta de competência linguística.

Vários estudos centrados em tarefas de produção revelaram que, por volta dos três anos, as crianças já conseguem produzir esporadicamente construções relativas, no entanto o conhecimento estrutural estável destas construções é adquirido em idade escolar. O estudo realizado por Vasconcelos (1991) atesta que, em tarefas de compreensão e produção, as crianças apresentam uma performance distinta em função da posição de encaixe e das funções gramaticais do constituinte relativo. Estas conclusões são válidas tanto para o Inglês como para o Francês, de acordo com os estudos de Slobin (1973), Slobin & Welsh (1973), Cook (1975) e Kail (1975).

Da mesma forma, o estudo de Vasconcelos (1991) revelou que as frases relativas de sujeito são preferenciais, em experiências de produção e compreensão, relativamente a relativas de oblíquo, de acordo com a hierarquia de acessibilidade proposta em Keenan & Comrie (1977). Constata-se que a frequência com que os NPs em determinadas posições sintácticas são relativizados se relaciona com a sua ordem na hierarquia: os NPs sujeito ocorrem mais frequentemente do que os NPs objecto. Esta hierarquia foi explicada em termos de processamento, daí que o facto de as línguas produzirem resumptivas nas posições mais

encaixadas da hierarquia se relacione com a menor “transparência” entre o antecedente e a relativa.

Os trabalhos sobre o estudo de frases relativas tem incidido sobre experiências que observam e analisam o desempenho dos sujeitos em tarefas de compreensão (experiências de imitação/repetição). Os erros cometidos traduzem informação relevante sobre as estratégias linguísticas particulares utilizadas na compreensão de frases relativas. O tardio aparecimento destas construções fica a dever-se à sua complexidade em relação a outro tipo de estruturas. Segundo Diessel (2004:147), as construções relativas mais precoces expressam uma só proposição, como acontece nas frases simples, isto é, são frases relativas intransitivas ligadas por um predicado nominal. Reiterando as conclusões de Goodluck e Tavakolian (1982) e Hamburguer e Crain (1982), o autor refere que as relativas com verbos intransitivos são preferencialmente produzidas, não apenas porque as relativas transitivas seleccionam argumentos que tornam mais pesado o processamento como também porque as relativas de SU intransitivas são motivadas por factores pragmáticos, isto é, ocorrem em contextos “apresentativos”, com a função de caracterizar um núcleo nominal, e por esta razão ocorrem com mais facilidade no discurso dos falantes. As relativas transitivas pressupõem um discurso em curso e, como tal, as crianças têm de armazenar informação relativa a duas proposições, facto que imprime uma sobrecarga no processamento sintáctico. Lambrecht (2000) relaciona também a produção de orações relativas predicativas com as propriedades discursivas envolvidas. Segundo o autor, nestas estruturas o antecedente é o foco da frase matriz, mas simultaneamente é o tópico da frase relativa, que expressa informação nova acerca desse tópico.

Vários estudos, entre os quais se destaca Vasconcelos (1991) para o PE, atestam que as construções relativas com encaixe ao centro ocorrem com pouca frequência, comparativamente às construções com encaixe à direita, o que poderá indiciar uma maior

acessibilidade das relativas com encaixe à direita. Os argumentos apresentados para justificar a dificuldade das frases com encaixe ao centro e as frases com foco noutros constituintes que não o sujeito são a sobrecarga de processamento, para as primeiras, e argumentos (de natureza gramatical) como a alteração da ordem canónica dos constituintes e a existência de movimento de constituintes, para as segundas.

Apresentam-se algumas conclusões de Vasconcelos (1991) que poderão servir de base para a análise dos resultados apresentada mais à frente neste trabalho: a) as frases encaixadas à direita são mais acessíveis do que as frases encaixadas ao centro, dado que estas estão mais presentes no discurso planeado; b) o efeito do foco é mais sensível nas frases de encaixe ao centro do que nas frases de encaixe à direita; c) as frases de encaixe à direita com foco no OD (frases SO) são as mais difíceis; d) as frases de encaixe ao centro com foco no SU (frases OS) são as mais fáceis; e) as frases em que há conformidade categorial entre antecedente e constituinte (NPs: SU/SU; SU/OD) são mais acessíveis do que as frases em que não existe conformidade categorial (PPs: SU/OI; SU/OBL); f) a produção de resumptivos ocorre em posições sintácticas em que não são possíveis na gramática adulta (estudos de Slobin, 1985, para o Hebraico, e Eckman, 1988, para o Sueco); g) em níveis etários mais baixos, as construções relativas construídas aproximam-se de uma estrutura tópico-comentário, como um modo mais pragmático de exprimir a informação, e evidenciam preferência pelas estruturas coordenadas ou justapostas; h) em níveis etários mais altos, as construções relativas (SS, SO, OS e OS) apresentam uma conectividade sintáctica maior, correspondendo a estruturas sujeito-predicado; i) a omissão de elementos de referência e a transformação das frases relativas em sintagmas preposicionais ou sintagmas adverbiais ocorrem preferencialmente em níveis etários mais altos.

Os resultados acima descritos incidem sobre níveis etários até aos 9 anos, pelo que não se conhece uma análise sistemática sobre o desenvolvimento destas estruturas no discurso espontâneo, nem em tarefas de produção escrita em toda a faixa etária em estudo.

2.4 Hipóteses de trabalho

Assumindo nesta investigação pressupostos do modelo da GU, enunciam-se de seguida algumas hipóteses que nortearam este trabalho.

Hipótese 1 – considerando que a produção de frases relativas é sensível ao desenvolvimento linguístico, prevê-se que a taxa de sucesso no desempenho de tarefas seja percentualmente mais baixa nos alunos de 4.º e 6.º anos e mais elevada nos alunos de 9.º e 12.º anos, dado que as estruturas linguísticas em estudo se encontram nestes últimos alunos estabilizadas. Portanto, sabendo que o desenvolvimento linguístico e a exposição ao contexto de instrução explícita determinam uma melhor performance linguística, espera-se que a produção de frases relativas canónicas seja gradualmente mais frequente.

Hipótese 2 – de acordo com os resultados obtidos em experiências anteriores, espera-se que as estruturas relativas com NPs sejam mais acessíveis do que as estruturas com PPs.

Hipótese 3 – de acordo com a hierarquia de funções sintácticas definida para o PE, espera-se que as frases em que o constituinte movido é, em particular, um SU sejam as mais acessíveis, seguidas, por ordem de crescente dificuldade, pelas frases em que esse constituinte é um OD, um OI, um OBL e, finalmente, um GEN.

Hipótese 4 – estando a estratégia de relativização seleccionada correlacionada com a função gramatical desempenhada pelo constituinte relativizado, e admitindo com maior frequência a estratégia resumptiva para as relações gramaticais que ocupam uma posição mais

baixa na hierarquia sintáctica, a estratégia resumptiva será também tanto mais aceitável quanto maior for a distância do pronome resumptivo em relação ao constituinte que serve de antecedente⁴⁷.

Hipótese 5 – uma vez que os pronomes pessoais têm como referentes preferenciais NPs humanos, espera-se que os pronomes resumptivos produzidos sejam preferencialmente referentes a NPs [– hum].

Hipótese 6 – a utilização da estratégia cortadora é particularmente utilizada no discurso oral não planeado. É um tipo de estratégia sensível ao tipo de preposição seleccionada pelo verbo e é admitida mais frequentemente com preposições sem conteúdo semântico. Uma vez que se trata de discurso escrito, espera-se que as frases relativas com recurso à estratégia cortadora sejam pouco frequentes e que sejam sobretudo aceitáveis e produzidas em contextos verbais que seleccionem preposições semanticamente vazias.

Hipótese 7 – considerando os estudos anteriores (Peres e Mória, 1995; Alexandre, 2000; Arim *et al.*, 2005), é de esperar que a estratégia resumptiva (e, talvez, a pseudo-resumptiva), mais marcada, seja muito menos produtiva que a cortadora, apresentando esta já uma presença considerável⁴⁸.

Hipótese 8 – as frases relativas encaixadas à direita serão mais facilmente processáveis que as encaixadas ao centro.

⁴⁷ “Convém notar que [...] o duplo preenchimento se torna tanto mais fácil quanto maior for a distância entre o constituinte relativo e a sua posição de origem” (Peres & Mória, 1995: 307).

⁴⁸ No estudo de Arim *et al.* (2005), a frequência com as diferentes estratégias de relativização ocorrem são as seguintes: canónicas – 71%; cortadoras – 28%; resumptivas – 1%.

3 Metodologia

3.1 Delimitação do campo de trabalho

De acordo com as hipóteses de trabalho apresentadas no final do capítulo anterior, o estímulo construído teve como objectivo desencadear comportamentos linguísticos relevantes para a observação do desempenho de falantes de português como língua materna no que diz respeito às estratégias a que recorrem aquando da construção de frases relativas.

Uma primeira decisão quanto ao campo de trabalho prendeu-se com a opção por trabalhar exclusivamente dados de produção elicitada, que aqui são entendidos como um reflexo directo da gramática dos sujeitos, e não de produção espontânea. Considerámos que, além de complexa, a recolha de dados da produção espontânea seria bastante morosa e, além disso, esses dados poderiam não permitir a análise de todas as variáveis que entendemos serem pertinentes para este trabalho. Desta opção decorre uma consequência inevitável: apesar de a produção controlada a partir de um estímulo nos permitir apresentar resultados sobre diversos contextos de ocorrência de frases relativas, a produção elicitada ignora a frequência com que esses contextos ocorrem efectivamente no dia-a-dia dos falantes, o que evidentemente influenciou a resposta que os sujeitos apresentaram ao estímulo, na medida em que alguns contextos lhes terão parecido naturalmente estranhos.

Apesar de reconhecermos que, no que diz respeito à selecção de estratégias de construção de frases relativas, existe uma diferença significativa entre a produção oral e a produção escrita, decidimos trabalhar unicamente a produção escrita, dado que a construção de um estímulo que induzisse a produção oral de frases relativas nos pareceu extremamente complexa, sobretudo se atendermos ao facto de essa produção ser particularmente relevante quando integrada num discurso e não quando produzida isoladamente. Com efeito, a produção oral isolada de frases relativas seria provocada sensivelmente pelos mesmos estímulos que construímos para a produção escrita – transformação de frases e

completamento de frases a partir de desenhos –, e, por essa razão, pareceu-nos que os resultados seriam semelhantes, acabando portanto por não espelhar a diferença que consensualmente se aceita existir, a este respeito, entre os modos oral e escrito.

No que concerne à selecção dos sujeitos, foram definidos quatro grupos de falantes com frequência dos 4.º e 6.º anos de escolaridade, que correspondem aos finais dos dois primeiros ciclos de ensino não superior. Considerou-se inicialmente a hipótese de aplicar os testes em duas escolas, uma no centro de Lisboa e outra na periferia, de forma a dar conta de um leque variado de sujeitos. Contudo, essa opção implicaria, por um lado, necessariamente a inclusão da variável meio social, e, por outro lado, não tornaria possível a análise da evolução dos alunos num contínuo que vai do primeiro ciclo ao ensino secundário. Neste sentido, optámos por seleccionar apenas sujeitos de uma escola privada de Lisboa, pertencentes à classe média-alta, garantindo desta forma a homogeneidade social dos grupos de sujeitos e, por essa razão, a possibilidade de analisar o desempenho dos sujeitos ao longo dos vários ciclos de ensino. Apesar de ter havido a preocupação de equilibrar o número de sujeitos do sexo masculino e do sexo feminino, decidimos não trabalhar a variável sexo⁴⁹.

Outra decisão prendeu-se com a opção por trabalhar apenas frases subordinadas adjectivas relativas restritivas com antecedente expresso. Pensou-se, desde o início, em construir um estímulo que levasse os sujeitos a produzir frases relativas, e teria sido difícil induzir a produção de frases relativas explicativas, que, dado o seu carácter parentético, não fixam um valor referencial, pois os testes que de forma mais controlada provocam a produção de frases relativas assentam justamente no princípio de que a frase relativa permite distinguir o valor de uma determinada expressão nominal. O teste 3, que conduz os sujeitos à produção de frases relativas a partir de desenhos, teria sido inexecutável, pois os elementos dos desenhos

⁴⁹ Não obstante esta decisão, é possível identificar o sexo dos sujeitos através do código atribuído a cada um, pois desse código, como veremos, faz parte uma letra, F ou M, que identifica, respectivamente, os sujeitos do sexo feminino e os sujeitos do sexo masculino.

que permitem aos sujeitos construir a frase induzem precisamente a produção de relativas restritivas.

Relativamente às estratégias seguidas na construção das frases relativas que constituem o exercício de enunciação de juízos de gramaticalidade, além da estratégia canónica, considerámos inicialmente as estratégias resumptiva e cortadora, seguindo as propostas de estudos já existentes. No entanto, após a aplicação do teste-piloto, acrescentámos, tendo por base a análise dos resultados obtidos, o tratamento de uma terceira estratégia não canónica, a que optámos por chamar pseudo-resumptiva, pois, ainda que esta estratégia apresentasse o pronome duplicado na frase, o que a aproximava da estratégia resumptiva, o pronome que introduzia a frase relativa tinha um comportamento igual ao da estratégia canónica⁵⁰.

Em suma, o presente trabalho incide sobre a produção escrita elicitada de frases subordinadas adjectivas relativas restritivas com antecedente expreso. Para esta análise, foi construído um estímulo organizado em três testes: teste 1 – enunciação de juízos de gramaticalidade acerca de frases relativas; teste 2 – transformação de duas frases simples numa frase relativa; teste 3 – completamento de frases apoiado na visualização de imagens.

3.2 Construção do estímulo

3.2.1 Modelos de teste

3.2.1.1 Teste 1 – Enunciação de juízos de gramaticalidade

Com o teste 1 pretendeu-se analisar sobretudo a aceitabilidade do recurso a estratégias não canónicas para a construção de frases relativas, partindo-se da assunção de que a enunciação de juízos de gramaticalidade é uma forma de aceder à gramática do falante e

⁵⁰ Exemplo: *Este é o aluno a quem o professor lhe deu má nota.*

de que o reconhecimento da gramaticalidade de uns enunciados em detrimento de outros é uma evidência para a estabilização de determinada estrutura linguística. Perante um *corpus* de 148 itens, que inclui não só frases que seguem as estratégias não canónicas (resumptiva, cortadora e pseudo-resumptiva) como também frases que seguem a estratégia canónica, foi pedido aos sujeitos que emitissem um juízo de gramaticalidade acerca de cada uma das frases, sendo àqueles dada a possibilidade de assinalar uma frase como sendo gramatical, agramatical ou duvidosa (nos casos em que os sujeitos tivessem dúvidas acerca da aceitabilidade dos enunciados):

Leia atentamente a lista de frases que encontra nas páginas seguintes e coloque no início de cada uma das frases os seguintes símbolos, respeitando as instruções fornecidas:

- a) Coloque um * (asterisco) no início das frases que considerar erradas;
- b) Coloque um ✓ (certo) no início das frases que considerar correctas;
- c) Coloque um ? (ponto de interrogação) no início das frases sobre as quais tem dúvidas quanto à correcção.

Exemplo:

- * O presente que a Joana mais gostou foi o perfume.
- ✓ A Maria encontrou o livro que o professor recomendou.

De modo a poder ser confirmado o motivo que efectivamente esteve na origem da marcação das frases como sendo agramaticais, pediu-se também aos sujeitos que propusessem alterações às frases que considerassem agramaticais de modo a torná-las gramaticais. Esta instrução foi dada por escrito, num segundo momento da aplicação dos testes:

Corrija as frases que assinalou com um * (asterisco), ou seja, as que considerou incorrectas.

ATENÇÃO:

Não reescreva a frase.

Para corrigir a frase, deve utilizar as seguintes operações:

- acrescentar palavras;
- eliminar palavras;

- alterar a ordem das palavras.

Em algumas frases, poderá utilizar mais do que operação.

Exemplos:

* O presente que a Joana mais gostou foi o perfume.

✓ O presente **de** que a Joana mais gostou foi o filme.

* O Pedro ficou hospedado no hotel que eu acho que já estive lá com o meu pai.

✓ O Pedro ficou hospedado no hotel **em** que eu acho que já estive ~~lá~~ com o meu pai.

Para a realização da tarefa de correcção das frases, além da indicação das operações possíveis na instrução, os sujeitos foram ainda lembrados oralmente das regras que tiveram de seguir nos outros testes⁵¹, pois estas seriam igualmente válidas para esta tarefa: não podiam introduzir conjunções para corrigir as frases, acrescentar sinais de pontuação, repetir palavras e não podiam também alterar o tempo verbal das frases. O objectivo, tal como nos testes 2 e 3, foi o de evitar que os sujeitos recorressem a outras formas de construir frases que não a construção de frases relativas.

Esta necessidade de corrigir as frases consideradas agramaticais foi sentida apenas após a aplicação do primeiro teste-piloto, pois, tendo havido a possibilidade de conversar informalmente com os sujeitos a que esse primeiro teste foi aplicado, rapidamente nos apercebemos de que alguns tinham assinalado frases como sendo agramaticais não por causa da estratégia usada mas devido a outros aspectos da frase⁵², o que poderia invalidar a conclusão de que, relativamente a determinadas frases, era a estratégia usada que potenciava a marcação como agramatical. Ainda que esta instrução tornasse parcialmente este teste num teste também de produção, ela revelou-se crucial, na medida em que apenas as correcções

⁵¹ Temporalmente, como se verificará mais adiante, esta tarefa foi a última a ser desempenhada pelos alunos, ainda que no primeiro teste-piloto tivesse sido a primeira.

⁵² Este dado obtido informalmente pôde ser confirmado posteriormente com a aplicação do teste final. Efectivamente, a marcação das frases como agramaticais nestes testes pode resultar da não aceitação de outros aspectos das frases, como foi o caso de algumas alterações relacionadas com o fenómeno de queísmo (a frase *Os banhistas falavam de um barco que eu tenho a certeza de que ele foi roubado da marina ontem à tarde*, por exemplo, tendo sido assinalada como agramatical, foi corrigida para *Os banhistas falavam de um barco que eu tenho a certeza que ele foi roubado da marina ontem à tarde*).

introduzidas pelos sujeitos permitiram certificar a não aceitabilidade das estratégias, mas também extremamente vantajosa para o trabalho, pois permitiu recolher ainda mais dados, quer em termos de quantidade quer em termos de qualidade, sobre a produção de relativas⁵³.

A aplicação do segundo teste-piloto revelou também a necessidade de, por um lado, se misturar o mais possível as várias estratégias, pois os alunos tenderam nesse segundo teste a assinalar frases que seguem a estratégia canónica como sendo agramaticais aparentemente apenas porque havia sequências muito longas de frases desse tipo, já que as correcções introduzidas nesses casos eram insignificantes. Por outro lado, concluímos que era necessário aumentar o número de frases que seguem a estratégia canónica, de modo a que os sujeitos não sentissem com tanta evidência o desequilíbrio existente entre o número de frases agramaticais e o número de frases gramaticais. Posto isto, construiu-se uma sequência aleatória com as 148 frases, evitando-se no entanto desequilíbrios entre as várias estratégias, nomeadamente no que diz respeito à existência de sequências de três ou mais frases que seguissem a mesma estratégia ou à existência de sequências que apresentassem alguma regularidade. Relativamente ao primeiro teste-piloto, alterou-se também o espaçamento entre as frases, de modo a que os sujeitos pudessem propor a correcção das frases identificadas como agramaticais. A aplicação do teste foi feita através de material fotocopiado.

Apresentam-se de seguida os conjuntos de frases que seguem cada uma das quatro estratégias.

3.2.1.1.1 A estratégia resumptiva

Dado que pretendemos analisar a influência da variável contexto sintáctico na aceitação da estratégia resumptiva, estabelecemos previamente as quatro funções sintácticas

⁵³ Por exemplo, alguns sujeitos assinalaram frases relativas que seguem a estrutura resumptiva como sendo agramaticais, mas, no momento da correcção, recorreram à estratégia pseudo-resumptiva e não à canónica. A detecção deste fenómeno apenas foi possível com esta dúplice tarefa do teste 1.

que mais frequentemente ocorrem quer na posição do antecedente quer na posição do pronome, de modo a construir um *corpus* que as contemplasse: sujeito (SU), objecto directo (OD), objecto indirecto (OI) e oblíquo (OBL). Da conjugação destas quatro funções sintácticas em posição de antecedente e em posição de pronome, resultaram 16 contextos sintácticos possíveis, aos quais adicionámos 4 contextos sintácticos na sequência do acrescentamento, tendo por base os resultados da aplicação do primeiro teste-piloto, da função sintáctica de genitivo (GEN)⁵⁴. Às 20 frases construídas de acordo com estes contextos sintácticos, foram ainda acrescentadas frases que tornassem possível a análise da variável [+hum]/[-hum]. Deste modo, construímos duas frases, uma com um antecedente com traço [+hum] e outra com antecedente com traço [-hum], para cada contexto sintáctico em que essa diferença fosse pertinente, ou seja, para os contextos em que o pronome é um OI ou um OBL. Os 28 contextos sintácticos diferentes são, portanto, os seguintes⁵⁵:

SU SU		OD SU		OI SU		OBL SU	
SU OD		OD OD		OI OD		OBL OD	
SU OI [+hum]	SU OI [-hum]	OD OI [+hum]	OD OI [-hum]	OI OI [+hum]	OI OI [-hum]	OBL OI [+hum]	OBL OI [-hum]
SU OBL [+hum]	SU OBL [-hum]	OD OBL [+hum]	OD OBL [-hum]	OI OBL [+hum]	OI OBL [-hum]	OBL OBL [+hum]	OBL OBL [-hum]
SU GEN		OD GEN		OI GEN		OBL GEN	

Os mesmos contextos sintácticos foram repetidos na construção de frases com estruturas completivas colocadas entre o complementador “que” e o pronome duplicado, de forma a dar conta da hipótese de que a distância entre o complementador e o pronome duplicado influencia a aceitação da estratégia resumptiva. No total, são apresentadas aos

⁵⁴ Esta função sintáctica apenas pode surgir no pronome e não no antecedente, razão pela qual se acrescentaram apenas 4 contextos sintácticos, que são o resultado da conjugação da função sintáctica de genitivo no pronome com as 4 funções sintácticas estabelecidas para o antecedente.

⁵⁵ A função sintáctica indicada à esquerda corresponde à função sintáctica desempenhada pelo antecedente e a função sintáctica indicada à direita corresponde à função sintáctica desempenhada pelo pronome.

sujeitos 56 frases que seguem a estratégia resumptiva⁵⁶. De acordo com estas opções, com as frases que seguem a estratégia resumptiva foi possível controlar as seguintes variáveis: a) o contexto sintático; b) a variação [+hum]/[-hum]; e c) a distância entre o complementador e o pronome duplicado.

3.2.1.1.2 A estratégia cortadora

Com as frases que seguem a estrutura cortadora, pretendeu-se analisar sobretudo a propriedade específica deste tipo de construção, a queda da preposição, e assim abandonámos a possibilidade de trabalhar as mesmas variáveis das restantes estratégias, nomeadamente a variável contexto sintático e a variável [+hum]/[-hum], de modo a não alongar demasiado a tarefa e, conseqüentemente, a não complexificar a análise dos dados recolhidos devido ao inevitável cruzamento dessas mesmas variáveis.

As três funções sintáticas do pronome que envolvem o recurso a preposições são OI, OBL e GEN. No entanto, a função sintática de OI apenas envolve o uso da preposição “a”, e por essa razão as frases em que a função sintática envolvida fosse OI não puderam obviamente ser usadas para testar a queda de diferentes preposições. Além disso, pensamos que a preposição “a” nestes contextos apenas é suprimida com alguns verbos e, sobretudo, quando estão envolvidas construções nominais. Por esta razão, e para tentar confirmar a elevada aceitabilidade destes contextos, construimos quatro frases em que o pronome relativo é um OI⁵⁷, recorrendo em duas dessas frases a verbos que tipicamente propiciam a queda da preposição⁵⁸, e, nas outras duas, a construções nominais que surgem geralmente associadas à

⁵⁶ Corresponde a 37,84% do total das frases que constituem o teste.

⁵⁷ Nestes contextos, tentámos seguir o que acontece quando são produzidas cortadoras, tendo por essa razão feito acompanhar a queda da preposição da alteração do pronome com traço [+hum] para um pronome com traço [-hum]. Por exemplo, a frase *Conheci o jogador a quem chamam Mágico* surge no teste com a forma *Conheci o jogador que chamam Mágico*.

⁵⁸ Verbos “falar” (frase 33) e “chamar” (frase 78).

queda da preposição⁵⁹. Inversamente, construímos três frases, nas quais o pronome relativo é igualmente um OI, recorrendo a verbos que não surgem tipicamente associados à queda da preposição⁶⁰, para tentar confirmar a reduzida aceitabilidade de contextos que não os definidos anteriormente.

De modo a confirmar a hipótese de que com alguns verbos é muito elevada, mesmo na escrita, a aceitabilidade da estratégia cortadora, foram também construídas cinco frases com verbos apontados como verbos que tendencialmente surgem em construções cortadoras, de modo a confirmar justamente essa tendência⁶¹.

Finalmente, seleccionámos oito preposições cujo uso não resultasse estranho nem com um pronome relativo GEN nem com um pronome relativo OBL⁶², e construímos 16 frases, 8 para cada uma daquelas funções sintácticas, de modo a podermos verificar se o tipo de preposição se relaciona com a frequência da estratégia cortadora⁶³. No total, surgem 28⁶⁴ frases que seguem a estrutura cortadora. Com as frases que seguem a estrutura cortadora foi, portanto, possível analisar os seguintes aspectos: a) ocorrência da estratégia cortadora em contextos cujo pronome tem a função de OI; b) verbos tendencialmente associados à estratégia cortadora; e c) tipo de preposição.

3.2.1.1.3 A estratégia pseudo-resumtiva

As frases que seguem a estratégia pseudo-resumtiva, como dissemos, apenas foram acrescentadas na sequência da aplicação dos testes-piloto, pois alguns sujeitos nesses testes construíram frases em que recorriam a duas estratégias em simultâneo, a canónica e a

⁵⁹ Estruturas “achar piada a” (frase 99) e “prestar atenção a” (frase 45).

⁶⁰ Verbos “oferecer” (frase 30), “obedecer” (frase 58) e “doar” (frase 128).

⁶¹ Verbos “precisar” (frase 11), “falar” (frase 15), “necessitar” e “gostar” (frases 85 e 122).

⁶² Preposições “a”, “com”, “de”, “em”, “por”, “contra”, “para” e “sobre”.

⁶³ ARIM, RAMILO e FREITAS, 2005, sugerem que as preposições “de”, “a”, “em” e “com”, são, por esta ordem, as preposições que preferencialmente são omitidas nas construções cortadoras.

⁶⁴ Corresponde a 18,92% do total das frases que constituem o teste.

resumptiva. Dada a semelhança entre as duas estratégias, optámos por trabalhar com a estratégia pseudo-resumptiva as mesmas variáveis que tínhamos estabelecido para a estratégia resumptiva. No entanto, apenas se apresentaram frases pseudo-resumptivas em que a função sintáctica do pronome fosse OI, OBL ou GEN, pois é apenas nesses contextos em que inequivocamente se pode falar de uma estrutura pseudo-resumptiva: nos casos em que o pronome da frase é um OD ou um SU, assumindo por essa razão a forma “que”, o pronome não se distingue do complementador “que” tipicamente resumptivo, e por esse motivo optámos por considerar as frases com essa estrutura resumptiva e não pseudo-resumptivas. Deste modo, dos 28 contextos sintácticos estabelecidos para a estratégia resumptiva, excluímos os 8 contextos em que o pronome é um SU ou um OD e mantivemos os restantes, incluindo portanto as frases que permitiam analisar a variável [+hum] / [-hum]. De modo a podermos analisar também a influência da distância entre o complementador e o pronome duplicado, acrescentaram-se 6 frases⁶⁵ com uma estrutura completiva: duas para cada uma das funções sintácticas do pronome – OI, OBL e GEN –, assumindo uma delas um traço [+hum] e a outra um traço [-hum], nos casos em que o pronome é um OI ou um OBL.⁶⁶ No total, surgem 26⁶⁷ frases que respeitam a estratégia pseudo-resumptiva. Portanto, as frases construídas de acordo com a estrutura pseudo-resumptiva permitiram analisar as seguintes variáveis: a) o contexto sintáctico; b) a variação [+hum]/[-hum]; e c) a distância entre o pronome e a sua duplicação.

⁶⁵ Se optássemos por seguir o esquema que definimos para a estratégia resumptiva, acrescentaríamos 20 frases com estrutura completiva, que corresponderiam aos 20 contextos sem estrutura completiva, como acontece nas frases que seguem a estratégia resumptiva. No entanto, pareceu-nos que o teste ficaria demasiado longo, e optámos por acrescentar apenas 6 frases que, apesar de forma incompleta, dariam uma ideia do que acontece com a estratégia pseudo-resumptiva quando se introduz a estrutura completiva entre o complementador e o pronome duplicado.

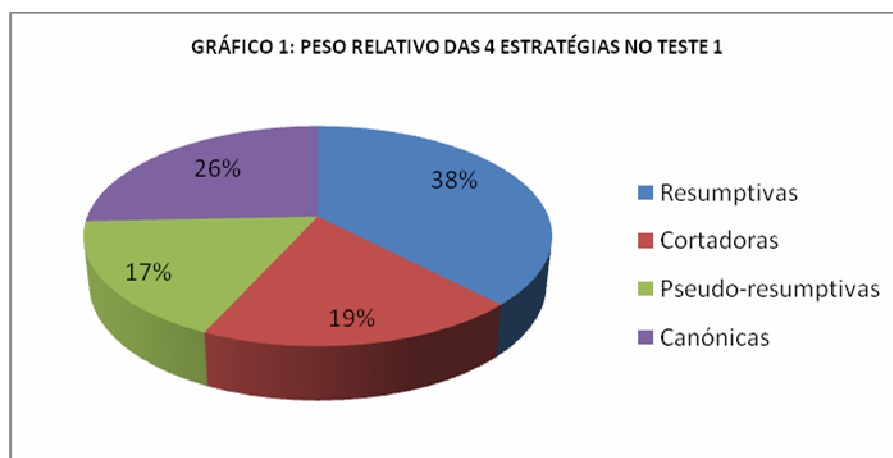
⁶⁶ Mantivemos o mesmo contexto sintáctico quer quando se tratava de um pronome [+hum] quer de um [-hum], de modo a que a variação do antecedente não influenciasse de algum modo os resultados. Relativamente às frases em que o pronome é um GEN, a introdução de uma completiva não produz o efeito pretendido, pois não afasta o pronome do pronome duplicado. Veja-se o exemplo do que acontece à frase *O meu avô ofereceu-me um mealheiro cujo orifício dele é pequeno para as moedas de 2€* depois de se introduzir a frase completiva: *O meu avô ofereceu-me um mealheiro cujo orifício dele eu acho que é pequeno para as moedas de 2€*. De qualquer modo, optámos por acrescentar frases completivas às frases cujo pronome era GEN, para evitar que a sua ausência tivesse alguma influência nas respostas dos sujeitos.

⁶⁷ Corresponde a 17,58% do total das frases que constituem o teste.

3.2.1.1.4 A estratégia canónica

Dado que se trata, predominantemente, de frases-despiste, foram construídas frases que seguem a estrutura canónica com os mesmos 28 contextos sintácticos estabelecidos para a estratégia resumptiva, incluindo portanto as frases que permitem o tratamento da variável [+hum]/[-hum]. Para que este conjunto de frases se assemelhasse ainda mais ao conjunto global, optámos por incluir também frases com uma estrutura completiva. Neste sentido, acrescentámos duas frases daquele tipo por cada uma das cinco funções sintácticas do pronome – SU, OD, OI, OBL e GEN –, assumindo uma delas um traço [+hum] e a outra um traço [-hum], nos casos em que o pronome é um OI ou um OBL⁶⁸. No total, surgem 38⁶⁹ frases que seguem a estratégia canónica.

No gráfico 1, apresenta-se a distribuição das 4 estratégias pelos 148 itens que constituem o teste 1. O desequilíbrio evidente entre as estratégias não canónicas e a estratégia canónica deve-se ao facto de se ter considerado que um aumento das frases que seguem a estratégia canónica viria alongar demasiada e, talvez, desnecessariamente o teste 1.



⁶⁸ À semelhança do que foi decidido para a estratégia pseudo-resumptiva, também aqui apenas incluímos duas frases por cada função sintáctica do pronome para não alongar demasiado o teste.

⁶⁹ Corresponde a 25,68% do total das frases que constituem o teste.

3.2.1.2 Teste 2 - Transformação de duas frases simples numa frase relativa e Teste 3 - Completamento de frases apoiado na visualização de imagens

Com os testes 2 e 3 pretendeu-se verificar quais as estratégias a que os sujeitos mais recorrem aquando da produção escrita de frases subordinadas adjectivas relativas restritivas com antecedente expesso.

No teste 2, foram dadas aos sujeitos duas frases simples que deveriam transformar numa frase única. Dado que se pretendeu trabalhar a variável encaixe (centro e direita), o teste foi dividido em duas partes, uma primeira parte que corresponde às frases que encaixam ao centro e uma segunda parte com as frases que encaixam à direita. Apresentam-se de seguida as instruções que antecederam cada uma destas partes do teste:

Neste exercício deverá transformar conjuntos de duas frases numa frase apenas.

Em primeiro lugar, deverá encaixar a frase 2 dentro da frase 1, tal como nos exemplos seguintes:

- 1) 1 O menino tem cabelo louro.
 2 Esse menino saltou o muro.

O menino **que saltou o muro** tem cabelo louro.

- 2) 1 A menina cantou uma canção.
 2 A mãe abraçou essa menina.

A menina **que a mãe abraçou** cantou uma canção.

- 3) 1 O cantor apresentou uma nova música às fãs.
 2 Escreveu a letra dessa música.

O músico apresentou uma nova música **cuja letra escreveu** às fãs.

Nesta segunda parte do exercício, deverá transcrever a frase 1 e continuá-la com a frase 2, tal como nos exemplos seguintes:

- 1) 1 A menina encontrou o amigo.
 2 Esse amigo ganhou um prémio.

O menino encontrou o amigo **que ganhou um prémio**.

- 2) 1 O jogador passou a bola ao amigo.

2 Os adeptos pediram autógrafos a esse amigo.

O jogador passou a bola ao amigo a quem os adeptos pediram autógrafos.

3) 1 O rapaz de óculos falou com a menina.

2 O amigo jantou com essa menina.

O rapaz de óculos falou com a menina com quem o amigo jantou.

Partindo das respostas aos testes-piloto, criámos algumas regras para a transformação das frases, de modo a evitar que os sujeitos unissem as frases através de outras formas que não a construção de uma frase relativa, as quais passaram a acompanhar as instruções do teste:

ATENÇÃO:

NÃO PODE UTILIZAR “E”, “PORQUE”, “MAS”, NEM QUALQUER OUTRA CONJUNÇÃO PARA UNIR AS FRASES.

NÃO PODE COLOCAR SINAIS DE PONTUAÇÃO ENTRE AS FRASES.

NÃO PODE REPETIR PALAVRAS.

NÃO PODE ALTERAR O TEMPO DOS VERBOS DAS FRASES.

Cada par de frases era acompanhado da frase final com o espaço da frase relativa em branco, para que os sujeitos pudessem justamente centrar-se apenas na construção da frase relativa. Apresentam-se dois exemplos, um relativo ao encaixe à direita e o outro relativo ao encaixe ao centro.

1. O primo do João veio de França ontem. O primo do João é surfista.

O primo do João _____ veio de França ontem.

29. O júri entregou o envelope ao apresentador. Esse apresentador iniciou o concurso.

O júri entregou o envelope ao apresentador _____.

Quanto ao teste 3, era dada aos sujeitos a frase matriz, a qual eles tinham de completar com a frase relativa de acordo com uma figura que lhes era apresentada. Como tarefa prévia à elaboração dos desenhos, construíram-se as frases-estímulo e procurou-se que as acções desenvolvidas fossem facilmente representáveis. Um primeiro problema a resolver prendeu-se com a disposição dos objectos, pois era necessário que se tornasse clara a representação gráfica da frase matriz e da frase relativa, ou seja, a representação do antecedente e do constituinte relativizado. Seguindo o modelo de Vasconcelos (1991), optou-se por representar duas figuras duplicadas quando a produção da frase relativa implicava o uso de verbos estativos, dado que uma das figuras introduzia uma informação nova. No caso das relativas com verbos de acção, decidiu-se representar a relativa no canto superior esquerdo, para dar a noção de anterioridade da acção, relativamente à acção desenvolvida pelo antecedente na frase matriz.

Os desenhos utilizados nos testes-piloto foram elaborados com recurso ao *Microsoft PowerPoint*, e as imagens foram importadas *on-line*, tendo sido posteriormente modificadas em função das construções relativas que se pretendia desencadear. Algumas imagens foram animadas propositadamente, desempenhando acções que deveriam ser descritas pelos sujeitos, pois considerou-se que a visualização da acção em curso desencadearia mais facilmente a produção de uma frase relativa. Após a aplicação do teste-piloto, concluímos que os desenhos não desencadeavam necessariamente as acções previstas, pois os sujeitos, apesar de construírem frases canónicas, poucas vezes recorriam às expressões em que pensámos inicialmente, e portanto as frases apresentavam frequentemente contextos sintácticos e semânticos diferentes daqueles de que estávamos à espera. Com efeito, verificámos posteriormente que em algumas imagens não era respeitada rigorosamente a representação da frase matriz e da frase encaixada. Deste modo, para a aplicação do teste definitivo, foram desenhadas manualmente duas imagens, que reproduziam o conteúdo de frases construídas

previamente pelos experimentadores e que representavam os dois momentos temporais de cada frase, seguindo o modelo de Vasconcelos (1991), fazendo corresponder o desenho maior e central à informação presente na frase matriz e o desenho no canto superior esquerdo à informação relativa a factos temporalmente anteriores (frase relativa, introduzida pelos sujeitos).

Dada a particularidade deste teste, construímos uma instrução um pouco mais extensa e detalhada, aproveitando ainda algumas regras definidas para o teste 2:

Neste exercício, deve observar atentamente as imagens e completar as frases apresentadas nas páginas seguintes.

Cada imagem será projectada cerca de 7 segundos.

Em algumas imagens que vai observar, estão representadas duas acções, uma acção está num tamanho mais pequeno e a outra num tamanho maior. Nestes casos, deve começar por olhar primeiro para a imagem maior e depois para a imagem menor, porque a mais pequena representa uma acção que aconteceu no passado.

Nas imagens em que surge apenas um desenho, deve observar todos os pormenores de modo a construir uma frase que complete o sentido daquela que lhe é dada.

No verso desta folha, encontra dois exemplos daquilo que deverá fazer.

ATENÇÃO:


Não pode utilizar “e”, “porque”, “mas”, nem qualquer outra conjunção para completar as frases.

Não pode colocar sinais de pontuação no meio da frase.

Na frase que construir, deve utilizar sempre um verbo que descreva a acção apresentada na imagem, de tal modo que a frase final possa ser uma legenda da imagem.


No verso da página das instruções, os alunos encontravam os seguintes exemplos, que apresentam um desenho e a respectiva frase para completar semelhantes aos que os sujeitos encontravam posteriormente no teste:

exemplo 1



O cão _____ entrou na casota.
 ↑
 [em que o pai /senhor pegou]

exemplo 2



O polícia levou o ladrão _____ para a cela.
 ↑
 [a quem o menino deu o telemóvel]

Construímos frases-estímulo que propiciassem a produção dos mesmos contextos sintácticos nos dois testes. À semelhança do que fizemos para as frases que seguem a estratégia resumptiva no teste 1, elaborámos um *corpus* com os 28 contextos sintácticos, incluindo portanto as frases que permitem o tratamento da variável [+hum]/[-hum]. Dado que era também nosso objectivo avaliar a variável tipo de encaixe – ao centro e à direita – construímos 28 frases com encaixe à direita e 28 frases com encaixe ao centro. No caso do teste 2, como vimos, foram apresentadas em primeiro lugar as 28 frases que implicavam um encaixe ao centro, e, em segundo lugar, as frases que implicavam um encaixe à direita. No

caso do teste 3, surgem as 56 frases num único momento, sendo os dois tipos de encaixe apresentados de forma intercalada.

Os testes 2 e 3 permitiram portanto analisar o tipo de estratégia a que recorrem os sujeitos na construção de frases relativas, tornando possível o cruzamento dessa análise com as seguintes variáveis: a) contexto sintáctico; b) a variação [+hum]/[-hum]; e c) tipo de encaixe.

Os testes foram policopiados, tendo sido necessário recorrer à projecção dos desenhos na aplicação do teste 3.

3.3 Selecção do vocabulário

Relativamente à selecção vocabular contemplada nas frases que surgem nos testes, utilizou-se um vocabulário variado, incidindo sobre áreas que, pela divulgação da informação, se pensou despertarem o interesse dos sujeitos envolvidos: música, desporto, celebridades, escola e novas tecnologias. Seguindo Vasconcelos (1991), a selecção do tempo verbal recaiu sobre o pretérito perfeito, no caso de verbos de acção, e o pretérito imperfeito ou presente, no caso de verbos estativos. Quanto à dimensão das frases, houve a preocupação de construir frases com extensão semelhante.

3.4 Etapas da aplicação dos testes

3.4.1 Aplicação dos testes-piloto

A aplicação dos testes com os alunos de 4.º e 6.º anos de escolaridade foi realizada com duas turmas de um agrupamento de escolas da periferia de Lisboa. Previamente, os sujeitos foram esclarecidos sobre os objectivos das actividades a realizar, sendo-lhes comunicada a não obrigatoriedade e o anonimato das tarefas em causa. Os testes foram realizados com todos os

elementos da turma, apesar de serem seleccionados *a posteriori* os testes de seis sujeitos, para a partir daí se melhorar o desenho experimental. As turmas de 4.º e 6.º anos eram constituídas por 23 e 22 alunos, respectivamente. A turma de 4.º ano apresentava níveis de leitura reduzidos, com um percurso escolar muito irregular. Da turma de 6.º ano, faziam parte muitos sujeitos com o Português-língua não materna, os quais foram depois excluídos, por razões que se prendem com a natureza do estudo. Em ambas as turmas, alguns alunos não realizaram integralmente as tarefas.

Os testes foram aplicados em três sessões, uma vez que a primeira versão do teste 1 não contemplava a tarefa de reescrita dos enunciados. As etapas de aplicação passam a ser enunciadas: em primeiro lugar, os sujeitos realizaram o teste 1; em segundo lugar, foi aplicado o teste 3 e, em terceiro lugar, foi realizado o teste 2. Por contingências relativas à realização de provas, os professores que colaboram na aplicação dos testes através da cedência de turmas, estipularam períodos mais convenientes, de modo a não perturbar o ritmo das actividades em curso. Depois de alguns ajustamentos, definiu-se que cada sessão deveria ocupar cerca de 60m. e ocorrer com uma semana de intervalo.

A aplicação de cada um dos testes decorreu seguindo uma sequência uniforme definida pelos experimentadores: 1.º Apresentação de cada experimentador; 2.º Distribuição dos questionários; 3.º Leitura da instrução, com reforço da explicação em caso de dúvida. No caso dos alunos de 4.º ano, sobretudo nos testes 2 e 3, houve necessidade de explicitar algum vocabulário e clarificar algumas imagens, tendo o cuidado de não fornecer informação que induzisse o sujeito a uma resposta.

Na globalidade, os sujeitos mostraram-se cooperantes, apesar de um aluno do 6.º ano se recusar a participar. No teste 1, constatou-se que alguns alunos por não quererem reflectir sobre os enunciados marcaram aleatoriamente os enunciados como duvidosos. O teste 2 foi de todos o que suscitou alguma dispersão e cansaço e confirmou-se que a duração estipulada

era insuficiente, ao contrário da aplicação dos outros dois testes. A aplicação dos testes-piloto teve lugar no final do ano lectivo de 2006/2007 (Junho de 2007).

3.4.2 Aplicação dos testes definitivos e procedimentos de recolha

A sequência das tarefas foi redefinida segundo critérios relacionados com a motivação para o desempenho, com grau de dificuldade inerente a cada tarefa e, sobretudo, em função dos resultados obtidos na fase-piloto. Com os alunos de 4.º e 6.º anos de escolaridade, optou-se por aplicar os testes em quatro sessões, sensivelmente com uma semana de intervalo. Em primeiro lugar, foi realizado o teste 3 numa sessão de 90m; em segundo lugar, o teste 1, excluindo a tarefa de produção (correção dos enunciados), numa sessão de 60m.; em terceiro lugar, o teste 2 numa sessão de 90m. e, numa sessão final de 60m., os sujeitos foram levados a completar o teste 1, procedendo à correção dos enunciados considerados agramaticais. Os sujeitos apenas tiveram conhecimento da reescrita dos enunciados que haviam marcado como inaceitáveis, na última sessão, de modo a evitar que, perante o facto de terem de demorar mais tempo, optassem por considerar as frases gramaticais ou duvidosas, como aconteceu aliás na aplicação do teste-piloto. Seguindo o mesmo procedimento da fase-piloto, na aplicação do teste 3, houve a preocupação de esclarecer eventuais dúvidas, clarificando algumas imagens, sobretudo com os sujeitos do 4.º ano. Procurou-se todavia que a informação não condicionasse as respostas dos mesmos. A aplicação da versão definitiva dos testes ocorreu durante o mês de Fevereiro de 2008.

Quanto aos procedimentos de recolha, os dados foram recolhidos nas salas de aula da escola a que os sujeitos pertencem. As tarefas foram desenvolvidas na presença de dois experimentadores e, nalguns casos, na presença do professor dos alunos. À apresentação dos experimentadores na primeira das etapas, seguiu-se a leitura das instruções e à apresentação

dos exemplos. As dúvidas apresentadas foram esclarecidas para todos os alunos e em voz alta. Houve a preocupação de não dar informação que condicionasse as respostas dos sujeitos. Cada teste foi identificado com um código específico, o que permitiu posteriormente a indexação dos três testes. Cada teste foi identificado com um código constituído por uma sequência de três indicadores – sexo, número de aluno e ano de escolaridade⁷⁰ – que permitiu posteriormente a indexação e o relacionamento dos três testes.

3.5 Selecção dos sujeitos

No que concerne à selecção dos sujeitos, seleccionaram-se, como dissemos, sujeitos de uma escola de ensino privado de Lisboa, o Colégio de S. João de Brito, no Lumiar, com alunos da classe média-alta. Aos professores que colaboraram na selecção dos sujeitos foram transmitidos os seguintes critérios: os alunos deveriam ser falantes de português como língua materna, tal como os respectivos pais; deveriam incluir-se na mesma faixa etária; deveriam apresentar níveis de desenvolvimento semelhantes, no que respeita às competências de escrita e de leitura; e não deveriam ter ficado retidos em qualquer ano de escolaridade. Dado que as turmas tinham cerca de 30 alunos, definimos para cada ano uma amostra de 25 sujeitos, de modo a que, não sendo nenhum aluno excluído no momento da resposta, pudessem ser excluídos posteriormente os testes dos alunos que não cumprissem os requisitos definidos previamente⁷¹.

⁷⁰ Dado que na escola em que o teste foi aplicado os alunos têm um número único, não corremos o risco de ter códigos repetidos. Quando for necessário referir uma resposta específica a uma frase, a este código acrescentou-se o número correspondente a essa mesma frase, antecedido de dois pontos. Exemplo de código de uma aluna de 4º ano, com o número 129, relativo à resposta à frase 15: F.129.4: 15.

⁷¹ Foram excluídos os testes dos alunos com necessidades educativas especiais, os testes dos alunos que não completaram as tarefas (quer porque faltaram a uma das sessões quer porque não tiveram tempo), os testes dos alunos que já tinham uma retenção no currículo, e, finalmente, esgotados esses critérios de exclusão, excluíram-se aleatoriamente testes de modo a que a representação masculina e feminina fosse equilibrada.

3.6 Critérios para o tratamento dos dados

Para efeitos de tratamento dos dados, construíram-se ficheiros em formato *Microsoft Excel*, o que nos permitiu cruzar a descrição das frases com os dados obtidos pelas respostas dos sujeitos ao estímulo e desse modo efectuar o cálculo estatístico.

3.6.1 Teste 1 (Juízos de gramaticalidade)

Relativamente ao teste 1, foi, num primeiro momento, feita a caracterização de cada uma das frases, a qual nos permitiu mais tarde analisar os resultados obtidos de acordo com as variáveis que estabelecemos inicialmente. Assim, foi introduzido no ficheiro o número da frase, o tipo de estratégia seguida, o pronome utilizado, o contexto sintáctico (incluindo a distinção do traço [+hum]/[-hum]), a indicação de se se tratava de uma frase relativa a que foi acrescentada uma completiva e a preposição utilizada⁷². Num segundo momento, foram introduzidas as respostas dadas pelos sujeitos a cada uma das frases.

A primeira fase da introdução das respostas dadas dizia respeito aos juízos de gramaticalidade enunciados pelos sujeitos a propósito de cada frase, ou seja, dizia respeito à classificação das frases como gramaticais, agramaticais ou duvidosas. Partindo desses dados iniciais, o próprio ficheiro assinalava automaticamente os casos em que não havia concordância entre a descrição da frase feita inicialmente e a resposta dada pelos sujeitos. Deste modo, foram introduzidas instruções no ficheiro no sentido de que fossem assinalados como erro os seguintes casos: sempre que os sujeitos marcaram uma frase como duvidosa, quer se tratasse de uma frase que seguia a estratégia canónica quer de uma frase que seguia uma das estratégias não canónicas; sempre que os sujeitos marcaram uma frase que seguia a

⁷² Por exemplo, a frase número 12, *Dei positiva ao aluno que julgo que lhe tinha dado negativa no ano passado*, foi descrita do seguinte modo: estratégia – resumptiva; pronome – que/lhe; contexto sintáctico – OI OI [+hum]; introdução de completiva – sim (a indicação que surge no ficheiro é “CX”); preposição – a.

estratégia canónica como sendo agramatical; sempre que os sujeitos marcaram uma frase que seguia uma das estratégias não canónicas como sendo gramatical⁷³.

Ainda no que diz respeito a esta fase, optámos por não respeitar exactamente a marcação feita pelos sujeitos nos casos que passamos a expor. Considerámos que os sujeitos marcaram as frases como duvidosas nos casos em que, não tendo proposto qualquer correcção, as assinalaram como sendo agramaticais, pois este tipo de resposta pareceu-nos enquadrar-se num dos comportamentos que idealizámos justamente para a classificação das frases como duvidosas: os sujeitos consideram a frase agramatical, no entanto não são capazes de identificar o erro e, conseqüentemente, de propor alterações. Pelo contrário, sempre que os sujeitos, não obstante terem marcado as frases como sendo duvidosas ou aceitáveis, introduziram alterações às frases, considerámos que as tinham assinalado como agramaticais. Dado que as instruções que introduziam esta tarefa não referiam a possibilidade de acrescentar sinais de pontuação nem de alterar o tempo dos verbos, ignorámos as transformações das frases relativas restritivas em relativas explicativas e as alterações dos tempos verbais – apenas nos casos em que eram essas efectivamente as únicas alterações –, e considerámos que os sujeitos as tinham assinalado como aceitáveis.

Numa segunda fase, e apenas relativamente às frases assinaladas como sendo inaceitáveis, foi descrita a alteração introduzida pelos sujeitos em termos de adequação. Neste sentido, foram adequadas todas as transformações que deram origem a frases relativas construídas de acordo com a estratégia canónica, quer se tratasse de alterações introduzidas a frases relativas que seguiam estratégias não canónicas quer se tratasse de alterações introduzidas a frases que já respeitavam a estratégia canónica. Considerou-se que ocorreu uma alteração adequada a uma frase relativa que seguia a estratégia canónica quando, por exemplo, os sujeitos eliminaram palavras que não comprometiam o sentido da frase (1) ou

⁷³ Considerámos importante esta noção de erro, como veremos, para calcular as taxas de sucesso globais relativamente às diferentes variáveis, além de ser necessária para calcular a taxa de sucesso dos sujeitos.

introduziram alterações não significativas no que diz respeito a palavras ou pontuação (2) ou a funções sintáticas das frases (3). Consideraram-se ainda adequadas todas as transformações na ortografia das palavras, mesmo quando essas alterações originavam erros ortográficos (4). Nos casos em que os sujeitos, tendo alterado uma estratégia não canónica para uma estratégia canónica, introduziram outras alterações que tornam a frase agramatical, optou-se por classificar essas respostas como adequadas, desde que essa agramaticalidade não estivesse relacionada com a construção da frase relativa (5).

- (1) **Nos últimos jogos olímpicos, foram instituídas novas modalidades sobre as quais eu penso que ainda ninguém falou neste programa.**

Nos últimos jogos olímpicos, foram instituídas novas modalidades sobre as quais eu penso que ainda ninguém falou. (F.239.6:70)

- Recebi uma carta que penso que não é para mim.**

Recebi uma carta que penso que é para mim. (M.136.6: 1)

- Entreguei dez brinquedos àquela instituição de que te tinha falado.**

Entreguei dez brinquedos àquela instituição de que tinha falado. (M.611.4:40)

- (2) **Assim que o concerto terminou, conheci o actor a quem achámos piada.**

Assim que o concerto terminou conheci o actor a quem achámos piada. (M.1399.4:48)

- Comprei bichos-da-seda ao aluno a quem acho que comprei rebuçados no ano passado.**

Comprei bichos-da-seda a um aluno a quem acho que comprei rebuçados no ano passado. (M.134.4:32)

- (3) **Arranquei duas folhas ao caderno ao qual já tinha arrancado as capas.**

Arranquei duas folhas do caderno ao qual já tinha arrancado as capas. (M.994.6: 10)

- (4) **Comprei bichos-da-seda ao aluno a quem acho que comprei rebuçados no ano passado.**

Comprei bichos-da-seda ao aluno a quem acho que comprei rebuçados no ano passado. (M.136.6:32)

- (5) **Os banhistas falavam de um barco que eu tenho a certeza de que ele foi roubado da marina ontem à tarde.**

Os banhistas falavam de um barco que tenho a certeza de que foi roubado da marina ontem à tarde. (F.1292.4: 16)

- O jornal que tu me disseste que as notícias dele são falsas foi processado.**

O jornal que tu me disseste cujas notícias são falsas foi processado. (F.1892.6:29)

Numa terceira fase, e apenas para os casos em que as alterações não deram origem a frases relativas que respeitassem a estratégia canónica, foi descrito, quer para as frases cuja estratégia era não canónica quer para as frases cuja estratégia era canónica, o tipo de erro cometido. Como dissemos mais acima, esta tarefa de correcção tem a vantagem, primordialmente, de podermos verificar se efectivamente é a estratégia não canónica que está na origem da marcação da frase como agramatical e se, sendo essa a origem, os alunos têm sistematizada a estratégia canónica que lhes permite adequar as construções nesse sentido. A tipologia de erros que se apresenta de seguida foi feita a partir de uma análise de conteúdo das respostas dos sujeitos quer nos testes-piloto quer nos testes definitivos. Os erros de tipo 1 a 10 dizem respeito aos erros introduzidos nas frases não canónicas, e os erros de tipo 11 a 16 dizem respeito aos erros introduzidos nas frases canónicas.

3.6.1.1 Erro de tipo 1 – Supressão de palavras da frase

Considerou-se um erro de tipo 1 a supressão de palavras que interferia na compreensão da frase (6) ou que alterava o contexto sintáctico definido (7) e (8).

Exemplos:

(6) **Visitei a quinta cujos milheirais voei a bordo de um balão.**

Visitei a quinta cujos milheirais a bordo de um balão. (M.1221.4:51)

(7) **Teve o acidente o cliente que eu já tinha falado no seguro automóvel.**

Teve o acidente o cliente que já tinha falado no seguro automóvel. (F.248.4:33)

(8) **A lei que tu te manifestaste foi aprovada.**

A lei que tu manifestaste foi aprovada. (M.1905.6:92)

3.6.1.2 Erro de tipo 2 – Transformação de uma frase relativa cortadora numa relativa canónica, por alteração da classe dos verbos.

Neste tipo de erro, incluíram-se somente as transformações operadas nas frases relativas que seguiam a estratégia cortadora. Os sujeitos, por alteração da classe dos verbos,

optaram por construir frases relativas canónicas, respeitando a função sintáctica dos argumentos seleccionados.

Exemplos:

(9) **Conheci um jogador que chamam mágico.**

Conheci um jogador que se chama mágico. (F.447.4:78)

(10) **Foi fechada a casa de banho cuja porta eu empurrei.**

Foi fechada a casa de banho cuja porta eu empurrei. (F.986.4:24)

(11) **Visitei a quinta cujos milheirais voei a bordo de um balão.**

Visitei a quinta cujos milheirais avistei a bordo de um balão. (F.239.6:51)

3.6.1.3 Erro de tipo 3 – Adição/Alteração de palavras

Considerou-se um erro deste tipo o acrescentamento de palavras que tornava as frases agramaticais (12) e (13) ou que não produzia alterações nas frases não canónicas (14) e (15).

Exemplos:

(12) **A velhinha cuja porta tu foste bater é minha avó.**

A velhinha cuja à porta tu foste bater é minha avó. (M.480.4:2)

(13) **Foram encerradas todas as associações às quais o estado não lhes deu apoio financeiro.**

Foram encerradas aquelas todas as associações às quais o estado não lhes deu apoio financeiro. (F.119.6:65)

(14) **Portugal prestou auxílio a um país que eu tinha estado de férias nele.**

Portugal prestou auxílio a um país que eu tinha lá estado de férias nele. (F.800.4:97)

(15) **O clube de futebol que ofereci cinquenta bolas faliu.**

O clube de futebol que eu ofereci cinquenta bolas faliu. (M.994.6:30)

3.6.1.4 Erro de tipo 4 – Transformação da frase por substituição do pronome (alteração ± humano) ou por alteração da função sintáctica

Este tipo de erro engloba alterações relacionadas com o pronome da frase relativa. Sempre que os sujeitos alteraram a função a função sintáctica do pronome ou modificaram incorrectamente a flexão do mesmo (±), considerou-se que produziam um erro de tipo 4.

3.6.1.4.1 Alteração da função sintáctica do pronome para um NP (SU ou OD)

Foram consideradas neste caso todas as correcções que implicavam a alteração do pronome da frase relativa para Sujeito (16) e (17) ou Objecto Directo (18), ainda que tenham ocorrido outras transformações.

Exemplo de alteração do pronome para SU:

- (16) **O professor encontrou-se com um Encarregado de Educação que o director já lhe tinha dado autorização para entrar.**

O professor encontrou-se com um Encarregado de Educação que já estava autorizado para entrar. (F.1930.6:39)

- (17) **O David Beckham apanhou uma bola cuja forma dela eu acho que era defeituosa.**

O David Beckham apanhou uma bola de forma que acho que era defeituosa. (F.301.6:135)

Exemplo de alteração do pronome para OD:

- (18) **Foi comprada ontem a mota que os problemas dela estavam resolvidos.**

Os problemas da mota que comprei ontem estavam resolvidos. (F.1930.6:63)

3.6.1.4.2 Alteração da função sintáctica do pronome para um PP (OI ou OBL)

Exemplo de alteração do pronome para OBL:

- (19) **Foi comprada ontem a mota que os problemas dela estavam resolvidos.**

Foi comprada ontem a mota em que os problemas estavam resolvidos. (M.1829.6:63)

Exemplo de alteração do pronome para OI:

- (20) **Em campo está o árbitro que todos os jogadores disseram mal dele.**

Em campo está o árbitro a quem todos os jogadores disseram mal dele. (F.115.6:8)

Exemplo de alteração do pronome OI para OBL:

- (21) **O jornalista falou muito do quadro que eu acho que o júri do concurso do ano passado lhe entregou o primeiro prémio.**

O jornalista falou muito do quadro em que eu acho que o júri do concurso do ano passado lhe entregou o primeiro prémio. (M.820.6:145)

3.6.1.4.3 Alteração da função sintáctica do pronome para GEN

Exemplos:

- (22) **O árbitro discutiu com o jogador que os adeptos acham que a Federação o castigou na época passada.**

O árbitro discutiu com o jogador cujos os adeptos acham que a Federação o castigou na época passada (F.170.4:18).

- (23) **Eu e o dono da fábrica falámos sobre um problema que eu já falei dele muitas vezes a outras pessoas.**

Eu e o dono da fábrica falámos sobre um problema cujo já falei dele muitas vezes a outras pessoas. (M.1221.4:107)

- (24) **Passei por acaso pelo edifício ao qual os ladrões lhe roubaram os azulejos antigos.**

Passei por acaso pelo edifício do qual os ladrões lhe roubaram os azulejos antigos. (F.642.4:116)

- (25) **O Francisco trouxe livros para o aluno que a professora disse que os pais dele tinham pouco dinheiro.**

O Francisco trouxe livros para o aluno cuja professora disse que os pais dele tinham pouco dinheiro. (M.360.4:67)

- (26) **Escrevi uma composição sobre aquela menina que a televisão já falou muito.**

Escrevi uma composição sobre aquela menina cuja televisão já falou muito. (M.994.6:24)

- (27) **Foi premiado pelo Presidente da República o poeta que penso que a Câmara Municipal de Lisboa já lhe tinha dado um prémio.**

Foi premiado pelo Presidente da República o poeta cuja Câmara Municipal de Lisboa já lhe tinha dado um prémio. (M.1915.6:129)

- (28) **O jornal que tu me disseste que as notícias dele são falsas foi processado.**

O jornal cujo me disseste que as notícias são falsas foi processado. (M.1502.6:29)

Este tipo de erro engloba os casos em que os sujeitos alteraram a função sintáctica da frase-estímulo (22 a 27), bem como os casos em que mantiveram o pronome com a função sintáctica de GEN, sem que, no entanto, tenham efectuado outras alterações que tornam a frase gramatical (28).

3.6.1.4.4 Substituição do pronome ± HUM

Exemplos:

- (29) **O músico inglês que eu creio que a rapariga gosta dele toca bateria.**

O músico inglês de que eu creio que a rapariga gosta toca bateria. (F.1924.4:34)

(30) **Conheci o jogador que chamam mágico.**

Conheci o jogador a que chamam mágico. (F.862.6:78)

(31) **A pedra que os turistas lhe deram um pontapé era a ponta de uma seta romana.**

A pedra a quem os turistas deram um pontapé era a ponta de uma seta romana. (F.1911.6:75)

3.6.1.5 Erro de tipo 5 – Alteração da ordem dos constituintes na frase

Exemplos:

(32) **Em campo está o árbitro que todos os jogadores disseram mal dele.**

Em campo está o árbitro que os jogadores todos disseram mal dele. (M.1221.4:8)

(33) **Os jornalistas entrevistaram o jogador que o clube lhe ofereceu um carro.**

Os jornalistas entrevistaram o jogador que o clube ofereceu-lhe um carro. (F.862.6:71)

3.6.1.6 Erro de tipo 6 – Construção de uma frase não relativa

Exemplos:

(34) **O autocarro parou na vila que o meu pai disse que passámos por lá no fim-de-semana passado.**

O autocarro parou na vila e o meu pai disse que passámos por lá no fim-de-semana passado. (M.480.4:6)

(35) **O pai comprou um computador ao filho que a avó já lhe tinha comprado um telemóvel.**

O pai comprou um computador ao filho já que a avó lhe tinha comprado um telemóvel. (F.1911.6:93)

(36) **Os banhistas falavam de um barco que eu tenho a certeza de que ele foi roubado da marina ontem à tarde.**

Os banhistas falavam de um barco. Eu tenho a certeza de que ele foi roubado da marina ontem à tarde. (F.170.4:16)

3.6.1.7 Erro de tipo 7 – Anulação da estrutura completiva

Considerámos que ocorria um erro deste tipo sempre que os sujeitos anulavam a estrutura completiva. Apresentam-se exemplos de situações em que esse fenómeno aconteceu: com a estratégia resumptiva (37) e com a estratégia pseudo-resumptiva (38).

(37) Vimos na televisão a ponte que creio que o nosso primo trabalhou nela.
Vimos na televisão a ponte que o nosso primo trabalhou nela. (M.360.4:23)

(38) O meu avô conhece o general ao qual acho que lhe entregaram uma medalha de ouro durante a cerimónia.
O meu avô conhece o general ao qual lhe entregaram uma medalha de ouro durante a cerimónia. (M.1905.6:62)

3.6.1.8 Erro de tipo 8 – Construção / manutenção de uma frase relativa cortadora (alterações não significativas)

Enquadrámos nesta tipologia de erro os casos em que os sujeitos, partindo de uma frase com uma estratégia diferente da cortadora, construíam uma frase de acordo com a estratégia cortadora. Nos exemplos seguintes, apresenta-se a transformação de uma relativa resumptiva numa cortadora.

(39) Os dois amigos ofereceram uma impressora à associação que o meu pai já lhe tinha oferecido um computador.
Os dois amigos ofereceram uma impressora à associação que o meu pai já tinha oferecido um computador. (F.248.4:96)

(40) O meu amigo foi de férias para um país que os habitantes dele são quase todos muito pobres.
O meu amigo foi de férias para um país que os habitantes são quase todos muito pobres. (M.1089.6:103)

(41) O professor encontrou-se com um Encarregado de Educação que o director já lhe tinha dado autorização para entrar na sala.
O professor encontrou-se com um Encarregado de Educação que o director já tinha dado autorização para entrar na sala. (F.862.6: 39)

3.6.1.9 Erro de tipo 9 – Construção de uma frase agramatical (por incorrecções na regência dos verbos, alteração de palavras)

Classificaram-se com este tipo de erro todas as respostas dos sujeitos que, por razões distintas dos fenómenos em estudo, deram origem a frases agramaticais. O erro mais frequente foi o uso problemático de preposições (42 e 43). Apresenta-se também um exemplo de um outro erro (43) que foi enquadrado neste tipo.

(42) **Afinal, o emprego que tanto lutaste desiludiu-te.**

Afinal, o emprego de que tanto lutaste desiludiu-te. (F.1924.4:19)

(43) **Aplicaram uma pena ao réu que eu sei que muitas pessoas acreditavam nele.**

Aplicaram uma pena ao réu de que eu sei que muitas pessoas acreditavam nele.
(M.1213.4:138)

(44) **Foi fechada a casa de banho cuja porta te empurrei.**

Foi fechada a casa de banho cuja porta lhe empurrei. (M.1926.6:24)

3.6.1.10 Erro de tipo 10 – Construção / manutenção de uma frase pseudo-resumptiva (alterações não significativas) ou construção de uma frase resumptiva

Enquadrámos nesta tipologia de erro os casos em que os sujeitos, partindo de uma frase com uma estratégia diferente da pseudo-resumptiva, construíam uma frase de acordo com a estratégia pseudo-resumptiva. Nos exemplos seguintes, apresentam-se dois tipos de transformação: uma relativa cortadora numa pseudo-resumptiva (45) e uma relativa resumptiva numa pseudo-resumptiva (46).

(45) **Escrevi uma composição sobre aquela menina que a televisão já falou muito.**

Escrevi uma composição sobre aquela menina de que a televisão já falou muito nela.
(F.986.4:15)

(46) **Foi comprada ontem a mota que os problemas dela estavam resolvidos.**

Foi comprada ontem a mota cujos problemas dela estavam resolvidos. (F.301.6:63)

Considerámos que os sujeitos construíram uma pseudo-resumptiva nos casos em que, tendo assinalado uma pseudo-resumptiva como agramatical, introduziram uma alteração que mantém essa estratégia não canónica: alteração não significativa do pronome (47), alteração da ordem das palavras (48) e adição de palavras (49), como se observa nos seguintes exemplos.

(47) **A minha mãe deu um beijo ao actor a quem a minha irmã lhe tinha pedido o autógrafo ontem.**

A minha mãe deu um beijo ao actor ao qual a minha irmã lhe tinha pedido o autógrafo ontem. (F.447.4: 102)

(48) **Gosto muito do actor sobre o qual tu me falaste dele ontem.**

Gosto muito do actor sobre o qual tu me falaste ontem dele. (F.1892.6:41)

(49) **A professora de Ciências mostrou o microscópio ao qual lhe faltava a lente principal.**

A professora de Ciências mostrou o microscópio ao qual acho que lhe faltava a lente principal. (f.1595.6:68)

Integrámos ainda nesta tipologia de erro os casos em que os sujeitos construíram frases resumptivas a partir de frases que apresentavam outra estratégia não canónica: pseudo-resumptiva (50 e 51) ou cortadora (52).

Exemplos:

(50) **Os meus pais visitaram o país em que o terramoto se sentiu com mais intensidade nele.**

Os meus pais visitaram o país que o terramoto se sentiu com mais intensidade nele. (M.790.4:21)

(51) **A minha mãe deu roupa ao menino cujo pai dele está desempregado.**

A minha mãe deu roupa ao menino que o pai dele está desempregado. (M.921.4:17)

(52) **Conheci o jogador que chamam Mágico.**

Conheci o jogador que lhe chamam Mágico. (F.115.6:78)

3.6.1.11 Erro de tipo 11 – Alteração de palavras

À semelhança do erro de tipo 3, referente às frases-estímulo que seguiam uma estratégia não canónica, também se considerou que o acrescentamento ou a alteração de palavras nas frases canónicas seria errado, caso a frase transformada resultasse agramatical.

Exemplo:

(53) **Visitei a quinta cujos milheirais voei a bordo de um balão.**

Visitei a quinta cujos milheirais voam a bordo de um balão. (M.992.4:51)

3.6.1.12 Erro de tipo 12 – Construção de uma frase gramatical não relativa

Exemplo:

(54) **Recebi uma carta que penso que não é para mim.**

Recebi uma carta mas penso que não é para mim. (F.1221.4: 1)

3.6.1.13 Erro de tipo 13 – Transformação da frase por substituição do pronome (alteração ± humano) ou por alteração da função sintáctica

3.6.1.13.1 Alteração da função sintáctica do pronome para um NP (SU ou OD)

Exemplo de alteração do pronome para OD:

(55) **O cantor que entrou na sala deu autógrafos às crianças.**

O cantor que encontrei na sala deu autógrafos às crianças. (F.1924.4:38)

3.6.1.13.2 Alteração da função sintáctica do pronome para um PP (OI ou OBL)

Exemplo de alteração para OI:

(56) **O jogador que o treinador elogiou saiu do campo.**

O jogador ao qual o treinador elogiou saiu do campo. (F.790.4:98)

Exemplo de alteração para OBL:

(57) **O Francisco entrou na escola sem aquele bibe que o Miguel sujou de tinta.**

O Francisco entrou na escola sem aquele bibe de que o Miguel sujou de tinta.
(M.1181.4:131)

(58) **O Presidente da República lançou a pedra que serviu de base ao edifício.**

O Presidente da República lançou a pedra pela qual serviu de base ao edifício.
(F.994.6:13)

3.6.1.13.3 Alteração da função sintáctica do pronome para GEN

Exemplos:

(59) **Arranquei duas folhas ao caderno ao qual já tinha arrancado as capas.**

Arranquei duas folhas ao caderno do qual já tinha arrancado as capas. (F.790.4:10)

(60) **O Francisco entrou na escola sem aquele bibe que o Miguel sujou de tinta.**

O Francisco entrou na escola sem aquele bibe cujo Miguel sujou de tinta. (M.994.6:131)

3.6.1.13.4 Substituição do pronome ± HUM

Exemplo:

(61) **Assim que o concerto terminou, conheci o actor a quem achámos piada.**

Assim que o concerto terminou, conheci o actor a quem achámos piada. (M.820.4:48)

3.6.1.14 Erro de tipo 14 – Construção de uma frase relativa cortadora

Exemplos:

(62) **A cana de pesca à qual o Miguel tirou o anzol não é minha.**

A cana de pesca que o Miguel tirou o anzol não é minha. (M.992.4: 36)

(63) **Entreguei dez brinquedos àquela instituição de que te tinha falado**

Entreguei dez brinquedos àquela instituição que te tinha falado. (M.134.4:40)

(64) **Antes do jogo, os jogadores leram as regras às quais tinham de obedecer.**

Antes do jogo, os jogadores leram as regras que tinham de obedecer. (M.1905.6:86)

(65) **Arranquei duas folhas ao caderno a que já tinha arrancado as capas.**

Arranquei duas folhas ao caderno que já tinha arrancado as capas. (M.1905.6:10)

3.6.1.15 Erro de tipo 15 – Supressão da completiva

Exemplos:

(66) **A escola cujo director eu acho que é simpático apareceu na televisão.**

A escola cujo director é simpático apareceu na televisão. (F.170.4:125)

(67) **Tinha comprado ontem aquela lupa que acho que perdi na escola.**

Tinha comprado ontem aquela lupa que perdi na escola. (M.1926.6: 54)

3.6.1.16 Erro de tipo 16 – Construção de uma frase agramatical não relativa

Exemplos:

(68) **Antes do jogo, os jogadores leram as regras às quais tinham de obedecer.**

Antes do jogo, os jogadores leram as regras tinham de obedecer. (M.921.4:86)

(69) **O jornalista filmou um automóvel cujo condutor eu creio que estava embriagado.**

*O jornalista filmou um automóvel condutor eu creio que estava embriagado.
(M.136.6:66)*

3.6.1.17 Erro de tipo 17 – Construção de uma frase relativa resumptiva

Exemplos:

(70) **Como recordação, fiquei com aquela bússola sem a qual não tínhamos conseguido chegar ao cimo do monte.**

Como recordação, fiquei com aquela bússola que sem ela não tínhamos conseguido chegar ao cimo do monte. (M.360.4:94)

(71)Tinha comprado ontem aquela lupa que acho que perdi na escola.

Tinha comprado ontem aquela lupa que acho que a perdi na escola. (F.1595.6:54)

3.6.1.18 Erro de tipo 18 – Construção de uma frase relativa pseudo-resumptiva

Exemplos:

(72) Comprei bichos-da-seda ao aluno a quem acho que comprei rebuçados no ano passado.

Comprei bichos-da-seda ao aluno a quem acho que lhe comprei rebuçados no ano passado. (F.800.4:32)

(73) Nos últimos jogos olímpicos, foram instituídas novas modalidades sobre as quais eu penso que ainda ninguém falou neste programa.

Nos últimos jogos olímpicos, foram instituídas novas modalidades sobre as quais eu penso que ainda ninguém as falou neste programa. (M.1915.6:70)

3.6.2 Testes 2 (Completamento de Frases) e 3 (Completamento de frases a partir da visualização de imagens)

Relativamente aos testes 2 e 3, foi, tal como aconteceu com o teste 1, feita a caracterização de cada uma das frases, seguindo os mesmos parâmetros, excepto nos casos em que havia diferenças. Assim, não foi introduzido nem o tipo de estratégia nem a indicação de se se tratava de uma frase relativa com completiva, justamente porque estas indicações não se aplicavam a estes testes. Pelo contrário, foi acrescentada a indicação relativa ao tipo de encaixe, dado tratar-se de uma das variáveis a analisar com estes testes.

Num segundo momento, foram introduzidas as respostas dadas pelos sujeitos a cada uma das frases. A primeira fase de introdução de dados prendeu-se com a descrição do tipo de estratégia seguido pelos sujeitos: canónica, resumptiva, pseudo-resumptiva, cortadora ou outra. Para a marcação da estratégia seguida pelos sujeitos, ignoraram-se as alterações não significativas introduzidas nas frases, como é o caso da supressão (74) ou manutenção de palavras que deveriam ser suprimidas, de forma a assegurar a gramaticalidade da frase (75),

alteração de palavras (76) e alteração da função sintáctica das palavras (77). Consideraram-se ainda adequadas todas as transformações na ortografia das palavras, mesmo quando essas alterações originavam erros ortográficos (78).

Exemplos:

(74) **A minha mãe ofereceu o relógio ao meu pai. Eu usei esse relógio na festa de aniversário.**

A minha mãe ofereceu o relógio que eu usei no aniversário ao meu pai. (M.134.4: 5)

(75) **Os raptos fugiram de carro. A fotografia desses raptos foi distribuída.**

Os raptos cuja a fotografia foi distribuída fugiram de carro. (M.1904.6:26)

(76) **A banda cantou a música no final do concerto. Concorreu com essa música ao festival.**

A banda cantou a música com que vai concorrer ao concerto no final do concerto. (F.1595.6: 2)

(77) **A camisola é verde. A mãe comprou essa camisola ao Pedro.**

A camisola que a mãe comprou para o Pedro é verde. (F.986.4: 3)

(78) **Saiu da escola o rapaz. Esse rapaz chegou há pouco tempo a Portugal.**

Saiu da escola o rapaz que chegou á pouco tempo a Portugal. (F.1905.6:36)

Numa segunda fase, introduziu-se uma especificação das respostas classificadas como sendo “outra”, que corresponde à descrição dos erros cometidos pelos sujeitos. Apresentam-se de seguida os tipos de erro definidos para este exercício⁷⁴.

3.6.2.1 Erro de tipo 1 – Alteração do pronome para SU

Exemplos:

(79) **O empresário negociou com o jogador um contrato milionário. O jornalista entrevistou esse jogador.**

O empresário negociou com o jogador que tinha sido entrevistado um contrato milionário. (F.170.4: 14)

(80) **A escola transportou no autocarro os alunos do 6.º ano. Fizeram uma inspeção a esse autocarro.**

A escola transportou no autocarro que foi inspeccionado os alunos do 6.º ano. (M.596.4:7)

⁷⁴ Como se explicará no capítulo seguinte, os resultados relativos ao teste 3 não foram tratados, pelo que esta descrição de erros diz apenas respeito ao teste 2.

3.6.2.2 Erro de tipo 2 – Alteração do pronome para OD

Exemplo:

- (81) **Eu só conheci a rapariga hoje de manhã. O Pedro deu um beijo a essa rapariga na semana passada.**

Eu só conheci a rapariga que o Pedro beijou na semana passada hoje de manhã.
(F.239.6: 17)

3.6.2.3 Erro de tipo 3 – Alteração do pronome para OI⁷⁵

Exemplo:

- (82) **A agência de modelos contratou a jovem. A revista publicou uma notícia sobre essa jovem.**

A agência de modelos contratou a jovem a quem publicaram notícias. (F.170.4: 31)

- (83) **Fugiram da sala de estudo os alunos. Os professores castigaram esses alunos.**

Fugiram da sala de estudo os alunos aos quais os professores castigaram. (F.248.4:44)

- (84) **O empresário negociou com o jogador um contrato milionário. O jornalista entrevistou esse jogador.**

O empresário negociou com o jogador a quem o jornalista entrevistou um contrato milionário. (F.1892.6: 14)

3.6.2.4 Erro de tipo 4 – Alteração do pronome para OBL

Exemplos:

- (85) **Já estreou o filme francês. Os actores desse filme são portugueses.**

Já estreou o filme francês em que os actores são portugueses. (M.611.4:40)

- (86) **A escola transportou no autocarro os alunos do 6.º ano. Fizeram uma inspecção a esse autocarro.**

A escola transportou no autocarro onde fizeram uma inspecção os alunos do 6.º ano.
(F.239.6:7)

⁷⁵ Os exemplos (83) e (84) ilustram o que acontecia em Português arcaico com constituintes OD [+hum] antepostos, que podiam surgir precedidos da preposição *a* com o pronome *quem* (ex. “*Amar a Deus sobre todas as coisas*”), ainda que os sujeitos não tenham produzido este tipo de estrutura com consciência linguística da mesma.

3.6.2.5 Erro de tipo 5 – Alteração do pronome para GEN

Exemplos:

(87) **Explodiu a central eléctrica. Eu trabalhei nessa central eléctrica.**

Explodiu a central eléctrica cuja eu trabalhei. (M.360.4: 51)

(88) **O director da escola ofereceu uma mochila ao aluno. A turma enviou flores a esse aluno.**

O director da escola ofereceu uma mochila ao aluno cuja a turma enviou flores.

(M.1181.4:47)

(89) **Os alunos homenagearam a professora. A escola ofereceu uma lembrança a essa professora.**

Os alunos homenagearam a professora cuja escola ofereceu uma lembrança.

(M.1502.6:55)

3.6.2.6 Erro de tipo 6 – Não respondeu

Alguns sujeitos não responderam a algumas frases. Tendo essa ausência sido ainda detectada durante a aplicação do teste final, foi perguntado pelos experimentadores aos sujeitos em causa se o facto de não terem respondido se devia à falta de tempo. Foi respondido por todos os sujeitos que deixaram algumas frase por responder que não tinham respondido por não conseguirem ligar as frases. Dado que resulta de uma incapacidade, as respostas destes alunos foram incluídas no teste.

3.6.2.7 Erro de tipo 7 – Alteração de palavras /das funções sintácticas por alteração do verbo

Consideraram-se erros deste tipo as transformações que implicavam a alteração das palavras da frase-estímulo e, por consequência disto, a alteração das funções sintácticas. Em muitos casos foi a utilização de verbos simétricos (cf. (90), (91) e (92)) aos apresentados nas frases-estímulo que originou a produção de frases relativas com funções sintácticas diferentes daquelas que se pretendia desencadear.

Exemplos:

(90) **Dei ao funcionário o relatório de contas. Ofereci um prêmio a esse funcionário no mês passado.**

Dei ao funcionário que ganhou o prêmio no mês passado o relatório de contas.
(M.596.4:18)

(91) **A escola ofereceu um jantar aos alunos. O escritor entregou cem livros a essa escola.**

A escola que recebeu cem livros ofereceu um jantar aos alunos. (M.1912.6:24)

(92) **Um pintor inglês casou com uma atriz espanhola. Entregaram um prêmio valioso a essa atriz.**

Um pintor inglês casou com uma atriz espanhola que ganhou o prêmio valioso.
(M.134.4: 37)

(93) **Os colecionadores tiraram fotografias aos automóveis antigos. Alguns presidentes viajaram nesses automóveis antigos.**

Os colecionadores tiraram fotografias aos automóveis antigos que levaram alguns presidentes. (M.1181.4:34)

(94) **Os raptos fugiram de carro. A fotografia desses raptos foi distribuída.**

Os raptos sobre os quais foram espalhadas fotos fugiram de carro. (M.1524.6:26)

(95) **A Joana entregou à amiga os apontamentos para o trabalho de grupo. Soube a matéria nova por essa amiga.**

A Joana entregou à amiga que lhe ensinou a matéria os apontamentos para o trabalho de grupo. (M.1829.6:4)

(96) **A banda cantou a música no final do concerto. Concorreu com essa música ao festival.**

A banda cantou a música que usou para concorrer no festival no final do concerto.
(M.1912.6:2)

3.6.2.8 Erro de tipo 8 – Problema de regência verbal

Exemplos:

(97) **A Joana entregou à amiga os apontamentos para o trabalho de grupo. Soube a matéria nova por essa amiga.**

A Joana entregou à amiga de quem soube a matéria nova os apontamentos para o trabalho de grupo. (F.447.4:4)

(98) **Os trabalhadores participaram na manifestação. Aderiram muitas figuras públicas a essa manifestação.**

Os trabalhadores participaram na manifestação em que aderiram muitas figuras públicas. (F.862.6:50)

3.6.2.9 Erro de tipo 9 – Construção de uma frase não relativa (coordenada, subordinada ou simples)

Exemplos:

(99) **A Floribela comprou um presente às duas crianças. Esse presente tinha um cartão autografado.**

A Floribela comprou um presente com um cartão autografado às duas crianças.
(F.170.4: 15)

(100) **O Miguel rasgou o envelope. Esse envelope era da Maria.**

O Miguel rasgou o envelope da Maria. (F.1595.6:45)

4 Descrição dos dados

No capítulo que se inicia far-se-á a descrição dos resultados relativos à aplicação do Teste 1 (Juízos de Gramaticalidade) e do Teste 2 (Completamento de Frases). Inicialmente serão apresentados os dados do 4.º ano, seguidos dos do 6.º ano. Os dados do Teste 3 (Completamento de frases a partir da visualização de imagens) não foram analisados dado o pouco tempo disponível para o estudo que a complexidade das respostas obtidas exigiria.

Antes de se iniciar a descrição, serão apresentadas algumas considerações relativas à marcação dos resultados, bem como sobre aquilo que se considera ser o “erro” em estudos de produção linguística. A noção de erro diz respeito ao desvio relativamente às estruturas que se encontram estabilizadas na gramática adulta. Os resultados obtidos correspondem às estruturas que têm disponíveis no momento, e, neste sentido, são indicadores da etapa em que se encontra a gramática dos sujeitos em estudo.

A par de uma análise estatística ou quantitativa dos resultados obtidos, apresentar-se-á uma análise (qualitativa) do tipo de alteração introduzida pelos sujeitos, no decorrer da etapa correcção dos enunciados que consideraram inaceitáveis, no Teste 1, assim como dos “erros” cometidos na produção de frases relativas, no Teste 2. Para a descrição dos dados, foram analisados os questionários dos 50 sujeitos em estudo, 25 sujeitos do 4.º ano de escolaridade e 25 do 6.º ano de escolaridade, tendo sido analisados, segundo várias variáveis, os 7400 enunciados do exercício dos juízos de gramaticalidade e 2800 enunciados do exercício das frases para ligar. O valor percentual apresentado na descrição é relativo ao total de respostas dadas pelos sujeitos e os valores foram arredondados à décima.

4.1 Teste dos juízos de gramaticalidade

4.1.1 Descrição dos dados do 4.º ano

4.1.1.1 Resultados por estratégia

Relativamente à estratégia canónica, a maior parte dos sujeitos assinalou como aceitáveis as 38 frases formadas por esta estratégia. Do total de respostas dadas, 78,2% marcou como aceitáveis as frases relativas construídas através da estratégia canónica e 21,8% assinalou estas frases, como não aceitáveis ou duvidosas.

No que respeita às estratégias não canónicas, a estratégia pseudo-resumptiva foi considerada a mais aceitável, com 70,9%, seguida da estratégia cortadora, com 66,0%, e da estratégia resumptiva, com 59,9%.

Através da tarefa de correcção das frases canónicas que foram consideradas não aceitáveis (11,4%), foi possível identificar o tipo de alteração preferencial. Do total de respostas obtidas, em 57,4% dos casos as frases foram alteradas para uma relativa não canónica e, em 40,7% dos casos, foram alteradas para frases canónicas, pelo que foram consideradas alterações não relevantes. Da análise das respostas obtidas, registam-se os valores relativos às alterações mais significativas feitas nas frases canónicas:

- a) Alteração da flexão ou da função sintáctica do pronome (50%)
- b) Construção de uma estrutura não relativa gramatical (12,9%)
- c) Utilização de estratégia relativa não canónica: 8,1% para estratégia resumptiva; 8,1% para estratégia cortadora e 3,2% para pseudo-resumptiva.

Verifica-se, desta forma, que o tipo de erro mais frequente na alteração/transformação das frases canónicas relaciona-se com o pronome relativo, pela substituição do mesmo com alteração [+hum]; pela alteração da função sintáctica ou pela alteração da sua flexão, como se observa nas seguintes exemplos:

- (1) **Recebi uma carta que eu penso que não é para mim.**
Recebi uma carta de que eu penso que não é para mim. (F.986.4:1)
- (2) **Arranquei duas folhas ao caderno ao qual já tinha arrancado as capas.**
Arranquei duas folhas ao caderno cujo já tinha arrancado as capas. (F.248.4:10)
- (3) **Comprei bichos-da-seda ao aluno a quem acho que comprei rebuçados no ano passado.**
Comprei bichos-da-seda ao aluno de quem acho que comprei rebuçados no ano passado. (F.447.4:32)
- (4) **A cana de pesca à qual o Miguel tirou o anzol não é minha.**
A cana de pesca cujo o Miguel tirou o anzol não é minha. (F.447.4:36)

Algumas alterações efectuadas nas frases canónicas originaram construções agramaticais não relativas (6,5%), das quais se apresenta um exemplo:

- (5) **Antes do jogo, os jogadores leram as regras às quais tinham de obedecer.**
Antes do jogo, os jogadores leram as regras tinham de obedecer. (M.921.4:86)

Outra alteração menos significativa (3,2%) decorre da supressão da frase completiva encaixada na oração relativa de que é exemplo a frase seguinte:

- (6) **Tinha comprado ontem aquela lupa que acho que perdi na escola.**
Tinha comprado ontem aquela lupa que perdi na escola. (F.248.4:54)

Relativamente às frases construídas por meio de estratégias não canónicas, a estratégia pseudo-resumptiva foi de todas a mais marcada como aceitável ou duvidosa (81,1%), seguida da estratégia cortadora (76,6%) e da estratégia resumptiva (70,7%). Quando foram levados a corrigir os enunciados considerados inaceitáveis, os sujeitos introduziram a maior parte das transformações nas frases pseudo-resumptivas (49,6%), seguindo-se as alterações nas frases resumptivas (27,1%) e nas frases cortadoras (15,2%), construindo frases relativas canónicas.

Nem todas as alterações introduzidas nas relativas não canónicas originaram a construção de uma frase relativa canónica, mantendo-se por vezes a mesma estratégia, outra estratégia não canónica ou mesmo ocorrendo alterações que tornam as frases agramaticais. No caso das frases relativas pseudo-resumptivas, dos 18,9% de sujeitos que marcaram as relativas como não aceitáveis, 49,6% alterou as frases para frases canónicas e 48,8% procederam a uma alteração para uma não canónica. Relativamente às frases cortadoras, dos 23,4% de sujeitos que marcaram como não aceitáveis estas frases, 15,2% construíram relativas canónicas e 84,1% mantiveram uma estratégia não canónica. Quanto às frases resumptivas, de uma percentagem de não aceitabilidade de 29,3%, 27,1% dos sujeitos produziram uma relativa canónica e 72,0% mantiveram a estratégia não canónica.

Conclui-se pois que de todas as estratégias, aquela que mais facilmente foi alterada para a canónica foi a pseudo-resumptiva e a que menos foi alterada foi a cortadora.

Da tipologia de erros apresentada no capítulo anterior, salienta-se o uso inadequado do pronome relativo (flexão, natureza [\pm Humano], alteração da função sintáctica): 28,3% nas frases pseudo-resumptivas; 29,2% nas frases resumptivas e 18,1% nas frases cortadoras.

No caso das frases relativas que seguem a estratégia resumptiva, 22,4% dos sujeitos recorreram à manutenção do complementador, com supressão do pronome resumptivo, admitindo assim a estratégia cortadora; 29,2% introduziram uma alteração na flexão ou na função sintáctica do pronome; 4,7% alteraram frases resumptivas recorrendo a uma estratégia pseudo-resumptiva ou mantendo a frase resumptiva inicial; 5,8% construíram duas frases simples ou outra frase complexa; 2,7% anularam a completiva total ou parcialmente; 14,2% introduziram alterações nos verbos ou produziram erros de regência verbal, construindo frases agramaticais e 0,7% alterou a ordem/função sintáctica dos constituintes na frase. As outras

alterações relacionam-se com a supressão (6,8%) ou adição de palavras (13,6%), sem alteração da estratégia presente na frase-estímulo.

No caso das frases relativas que seguem a estratégia cortadora, 21% dos sujeitos alteraram o tempo verbal ou introduziram um erro de regência verbal, originando frases agramaticais; 18,1% introduziram uma alteração na flexão ou na função sintáctica do pronome; em 5,8% foi alterada a frase, transformada numa relativa resumptiva ou pseudo-resumptiva; 3,6 % dos sujeitos transformaram a relativa cortadora introduzindo alterações na classe dos verbos, o que deu origem a frases canónicas; 2,9% alteraram a ordem/função sintáctica dos constituintes na frase e 0,7% construiu duas frases simples ou outra frase complexa. As outras alterações relacionam-se com a supressão (27,5%) ou adição de palavras (20,3%), não tendo sido alterada a estratégia de base.

Relativamente às relativas pseudo-resumptivas, 28,3% dos sujeitos introduziram uma alteração na flexão ou na função sintáctica do pronome; 20% dos sujeitos ou mantiveram a estratégia pseudo-resumptiva ou recorreram à estratégia resumptiva; 10% introduziram alterações nos verbos ou produziu erros de regência verbal, construindo frases agramaticais; 1,7 anularam, total ou parcialmente, a completiva; 1,7% construíram duas frases simples ou outra frase complexa; 1,7% alteraram a ordem/função dos constituintes na frase. As restantes alterações relacionam-se com a supressão (23,3%) ou adição de palavras (10%), sem alteração da estratégia presente na frase-estímulo.

Das frases que foram alteradas para relativas canónicas, salientam-se as frases pseudo-resumptivas (49,6%), seguidas das relativas resumptivas (27,1%) e das relativas cortadoras (15,2%).

As relativas cortadoras foram alvo de maior percentagem de transformações para frases que não seguem a estratégia canónica, isto é, 84,1% das frases foram transformadas em relativas não canónicas resumptivas ou pseudo-resumptivas.

4.1.1.2 Resultados por função sintáctica do antecedente e do pronome

Relativamente a esta variável, constata-se pelos dados observados que a função sintáctica do antecedente não condiciona tanto a aceitabilidade das frases quanto a função sintáctica do pronome. Em seguida, registam-se os valores obtidos por estratégia, cruzando esta variável com as funções sintácticas do antecedente e do pronome.

Quanto à função sintáctica do antecedente, na globalidade das estratégias, a percentagem de erro incide sobre as frases que apresentavam um antecedente com a função sintáctica OD (63,8%), seguida da função sintáctica OBL (62,5%), da de SU (59,4%) e, finalmente, da função sintáctica OI (58,1%).

Apresenta-se, em seguida, um quadro com os valores obtidos por estratégia/função sintáctica do antecedente. Estes valores correspondem, globalmente, à percentagem de insucesso⁷⁶.

Percentagem sobre o total de cada tipo de frases-estímulo				
Função sintáctica do antecedente	Canónica	Cortadora	Resumptiva	Pseudo-resumptiva
Sujeito	20,4%	73,6%	67,7%	73,6%
Objecto directo	22,7%	78,0%	77,7%	84,4%
Objecto indirecto	22,5%	_____	68,6%	85,6%
Obliquo	21,7%	89,3%	68,9%	78,9%

⁷⁶ No caso da estratégia canónica, diz respeito à percentagem de não aceitabilidade desta estratégia por parte dos sujeitos (quer os sujeitos tenham marcado a frase como não aceitável quer tenham marcado como duvidosa). No caso da estratégia não canónica, diz respeito à percentagem de sujeitos que marcaram esta estratégia como aceitável ou duvidosa.

Quanto à função sintáctica do constituinte relativizado, na globalidade das estratégias, a percentagem de erro mais elevada incide sobre as frases que apresentavam um antecedente com a função sintáctica OI (67,2%), seguida da função sintáctica GEN (63,7%), de OBL (61,6%), de OD (59,7%) e, finalmente, da função sintáctica SU (36,6%).

No quadro abaixo apresentado, surgem discriminados os valores obtidos por estratégia/função sintáctica do pronome relativo. Tal como para o antecedente, estes valores correspondem globalmente à percentagem de insucesso.

Percentagem sobre o total de cada tipo de frases-estímulo				
Função sintáctica do pronome	Canónica	Cortadora	Resumptiva	Pseudo-resumptiva
Sujeito	18,0%	_____	50,5%	_____
Objecto directo	33,3%	_____	79,5%	_____
Objecto indirecto	20,8%	73,7%	79,3%	89,6%
Oblíquo	19,2%	85,7%	66,3%	67,6%
Genitivo	20,0%	66,7%	74,0%	89,3%

Passam, de seguida, a enunciar-se as alterações feitas nas frases relativas, cruzando a variável função sintáctica do constituinte relativo com a estratégia de relativização utilizada.

a) Pronome com a função sintáctica Sujeito

Nas frases relativas canónicas, em 12,7% de respostas não aceitáveis, 47,4% dos sujeitos procederam a uma alteração originando relativas canónicas e 52,6% transformaram a frase numa relativa não canónica. Apresentam-se os tipos de erros mais significativos.

Tipos de erros mais significativos	
Introdução de alterações na flexão/função sintáctica do pronome	31,6%
Construção de uma estrutura gramatical não relativa	21,1%

Nas relativas resumptivas, em 49,5% de respostas não aceitáveis, 73,7% dos sujeitos procederam a uma alteração originando frases canónicas e 25,3% mantiveram uma estratégia não canónica. Registam-se no quadro as alterações efectuadas.

Tipos de erros mais significativos	
Introdução de alterações na flexão/função sintáctica do pronome	52,0%
Construção de uma estrutura gramatical não relativa	16%
Anulação total ou parcial da completiva	8%

b) Pronome com a função sintáctica Objecto Directo

Nas frases relativas canónicas, em 18,7% de respostas não aceitáveis, 35,7% dos sujeitos procederam a uma alteração originando frases canónicas e 60,7% transformaram a frase numa frase não canónica. De entre esta última transformação, destacam-se os tipos de erros mais significativos.

Tipos de erros mais significativos	
Introdução de alterações na flexão/função sintáctica do pronome	25%
Construção de uma estrutura gramatical não relativa	14,3%
Construção de uma relativa resumptiva	14,1%

Nas relativas resumptivas, em 20,5% de respostas não aceitáveis, 58,5% dos sujeitos procederam a uma alteração originando frases canónicas e 39,0 % mantiveram uma estratégia não canónica. Neste último caso, 56,3% introduziram alterações inadequadas no pronome.

Verifica-se que nas frases relativas de SU e OD a percentagem de não aceitabilidade é mais elevada com a estratégia resumptiva do que com a estratégia canónica. Quanto às alterações efectuadas nas frases, quando têm de alterar frases canónicas, os sujeitos

produzem maioritariamente frases não canónicas. Ao alterarem frases relativas resumptivas introduzem, muito frequentemente, alterações que desencadeiam frases relativas canónicas.

c) Pronome com a função sintáctica Objecto Indirecto

Apresenta-se em seguida um quadro que ilustra a percentagem de não aceitabilidade de frases relativas de OI por estratégia.

Estratégia de relativização	% de não aceitabilidade	Alteração para estratégia canónica	Alteração para estratégia não canónica
Canónica	9,6%	33,3%	62,5%
Pseudo-resumptiva	10,4%	38,5%	57,7%
Resumptiva	20,8%	5,2%	91,6%
Cortadora	26,3%	16,9%	78,3%

Constata-se pois que: i) a maior percentagem de não aceitabilidade incide sobre as frases relativas cortadoras; ii) as frases pseudo-resumptivas são as mais frequentemente alteradas para frases canónicas e iii) as frases resumptivas são as mais alteradas para outras frases não canónicas.

Nas frases relativas canónicas alteradas para não canónicas, destacam-se os seguintes tipos de erros.

Tipos de erro mais significativos	
Introdução de alterações na flexão/função sintáctica do pronome	33,3%
Construção de uma estrutura gramatical não relativa	12,5%
Construção de uma relativa cortadora	12,5%
Construção de uma relativa pseudo-resumptiva	4,2%

Nas frases relativas pseudo-resumptivas são as seguintes as alterações mais relevantes.

Tipos de erros mais significativos	
Introdução de alterações na flexão/função sintáctica do pronome	40%
Manutenção de uma relativa pseudo-resumptiva /Construção de uma relativa resumptiva	33,3%

Nas frases relativas resumptivas alteradas para outras frases não canónicas, registam-se as seguintes transformações.

Tipos de erros mais significativos	
Introdução de alterações na flexão/função sintáctica do pronome	34,2%
Manutenção do complementador /Supressão do resumptivo (Estratégia cortadora)	21,1%
Construção de uma estrutura gramatical não relativa	7,9%
Manutenção de uma relativa resumptiva /Construção de uma relativa pseudo-resumptiva	3,9%

Nas frases relativas cortadoras, destacam-se os tipos de erros mais significativos.

Tipos de erros mais significativos	
Introdução de alterações na flexão/função sintáctica do pronome	25%
Construção de uma relativa resumptiva /Construção de uma relativa pseudo-resumptiva	16,7%
Construção de uma relativa canónica, por alteração da classe dos verbos	5,6%

d) Pronome com a função sintáctica Oblíquo

Apresenta-se, em seguida, um quadro que ilustra a percentagem de não aceitabilidade de frases relativas de OBL por estratégia.

Estratégia de relativização	% de não aceitabilidade	Alteração para estratégia canónica	Alteração para estratégia não canónica
Canónica	9,6%	58,3%	41,7%
Cortadora	14,3%	32,6%	67,4%
Pseudo-resumptiva	32,4%	58%	42%
Resumptiva	33,8%	5,2%	94,1%

Pela leitura dos dados constata-se que: i) a percentagem de não aceitabilidade é mais elevada nas frases relativas resumptivas, ii) as relativas pseudo-resumptivas são, entre as estratégias não canónicas, as mais alteradas para frases canónicas e iii) as relativas resumptivas são aquelas em que as transformações originam frequentemente frases não canónicas.

Nas frases relativas canónicas alteradas, destacam-se as seguintes transformações.

Tipos de erros mais significativos	
Introdução de alterações na flexão/função sintáctica do pronome	20,8%
Construção de uma relativa cortadora	8,3%
Construção de uma estrutura agramatical não relativa	4,2%
Construção de uma relativa resumptiva	4,2%
Construção de uma relativa pseudo-resumptiva	4,2%

Nas relativas cortadoras foram introduzidas as alterações abaixo indicadas.

Tipos de erros mais significativos	
Problemas de regência verbal /alteração do verbo	44,8%
Introdução de alterações na flexão/função sintáctica do pronome	6,9%
Construção de uma relativa resumptiva /Construção de uma relativa pseudo-resumptiva	6,9%

Nas frases relativas pseudo-resumptivas alteradas, destacam-se os tipos de erros mais significativos.

Tipos de erros mais significativos	
Introdução de alterações na flexão/função sintáctica do pronome	23,5%
Supressão de palavras, sem alteração da estratégia da frase-estímulo	32,4%
Problemas de regência verbal /alteração do verbo	17,6%
Manutenção de uma relativa pseudo-resumptiva /Construção de uma relativa resumptiva	17,6%
Construção de uma estrutura gramatical não relativa	2,9%

Nas frases relativas resumptivas, foram introduzidas as transformações indicadas no quadro seguinte.

Tipos de erros mais significativos	
Manutenção do complementador /Supressão do resumptivo (Estratégia cortadora)	26%
Problemas de regência verbal /alteração do verbo	22%
Introdução de alterações na flexão/função sintáctica do pronome	11,8%
Manutenção de uma relativa resumptiva /Construção de uma relativa pseudo-resumptiva	7,1%
Construção de uma estrutura gramatical não relativa	3,9%
Anulação total ou parcial da completiva	3,1%

e) Pronome com a função sintáctica Genitivo

Apresenta-se, seguidamente, um quadro onde se observa a percentagem de não aceitabilidade das frases relativas de OI por estratégia de relativização.

Estratégia de relativização	% de não aceitabilidade	Alteração para estratégia canónica	Alteração para estratégia não canónica
Canónica	8,7%	23,1%	76,9%
Pseudo-resumptiva	10,7%	28%	68,8%
Resumptiva	26%	1,9%	98,1%
Cortadora	33,3%	2,7%	97,3%

Dos dados obtidos, verifica-se que: i) a percentagem de não aceitabilidade é mais elevada nas frases relativas cortadoras, ii) as frases pseudo-resumptivas são, entre as estratégias não canónicas, as mais alteradas para frases canónicas e iii) as frases resumptivas são aquelas em que as transformações originam frequentemente frases não canónicas.

Relativamente às transformações feitas pelos sujeitos nas frases alteradas para estratégia não canónica, destacam-se os tipos de erro discriminados por estratégia.

Nas frases canónicas, observam-se as seguintes alterações.

Tipos de erros mais significativos	
Introdução de alterações na flexão/função sintáctica do pronome	35,8%
Anulação total ou parcial da completiva	7,7%

Nas relativas pseudo-resumptivas, destacam-se os seguintes tipos de erros.

Tipos de erros mais significativos	
Acrescentamento de palavras, sem alteração da estratégia da frase-estímulo	54,5%
Introdução de alterações na flexão/função sintáctica do pronome	27,3%
Manutenção de uma relativa pseudo-resumptiva /Construção de uma relativa resumptiva	9,1%

Nas relativas resumptivas, destacam-se as transformações mais relevantes.

Tipos de erros mais significativos	
Introdução de alterações na flexão/função sintáctica do pronome	45,1%
Manutenção do complementador /Supressão do resumptivo (Estratégia cortadora)	33,3%
Supressão de palavras, sem alteração da estratégia da frase-estímulo	7,8%
Manutenção de uma relativa resumptiva /Construção de uma relativa pseudo-resumptiva	3,9%
Construção de uma estrutura gramatical não relativa	3,9%

Nas relativas cortadoras, foram feitas as seguintes alterações.

Tipos de erros mais significativos	
Introdução de alterações na flexão/função sintáctica do pronome	19,2%
Problemas de regência verbal /alteração do verbo	12,3%
Supressão de palavras, sem alteração da estratégia da frase-estímulo	34,2%
Acrescentamento de palavras, sem alteração da estratégia da frase-estímulo	26%
Construção de uma relativa canónica, por alteração da classe dos verbos	4,1%

4.1.1.3 Resultados por encaixe de construções (inclusão de uma completiva no domínio da frase relativa)

Como exposto no capítulo anterior, o *corpus* concebido apresentava um conjunto de frases que incluíam no domínio da frase relativa uma frase completiva, com o objectivo de determinar se a variável extensão e complexidade influenciava de alguma forma a aceitabilidade das frases, nomeadamente as frases que seguiam a estratégia resumptiva e pseudo-resumptiva.

Assim, as frases relativas pseudo-resumptivas foram aquelas em que esta variável mais condicionou as respostas. Em 83,3% das respostas, esta estratégia foi considerada aceitável ou duvidosa. Nas frases resumptivas, obteve-se um valor percentual de 73,5%. Nas frases canónicas 28,0% dos sujeitos consideraram a frase como não aceitável ou duvidosa. Isto significa que, no caso das frases canónicas, a maioria das respostas (72,0%) marcou como aceitáveis as frases com maior complexidade sintáctica. Quanto às frases que seguem estratégias não canónicas, nomeadamente a resumptiva e pseudo-resumptiva, apenas 26,5% e 16,7 % dos sujeitos, respectivamente, marcaram as frases como não aceitáveis.

Verifica-se assim que os sujeitos, nas frases relativas que apresentam o encaixe de uma completiva e, conseqüentemente, um maior grau de complexidade, tendem a aceitar com grande frequência as frases relativas pseudo-resumptivas, sendo a percentagem de aceitabilidade das resumptivas também muito elevada. Relativamente às frases canónicas, a presença de uma completiva no domínio da frase relativa não parece comprometer a aceitabilidade da mesma, uma vez que há uma elevada percentagem de sujeitos a aceitar este tipo de estrutura.

4.1.1.4 Resultados por natureza [\pm Humano] do constituinte relativizado

No que concerne a esta variável, pretendeu-se verificar se o desempenho dos sujeitos diferia em função da natureza [\pm Hum] do constituinte relativo.

Na globalidade das frases, independentemente da estratégia utilizada, a percentagem de erro incidiu sobre as frases relativas cujo constituinte apresentava a natureza [-Hum], com 67,5%.

Como forma de clarificar os resultados obtidos, apresenta-se um quadro com as percentagens de erro por cada uma das estratégias.

Estratégia de relativização	% de Respostas erradas	
	Constituinte relativo [+HUM]	Constituinte relativo [-HUM]
Canónica	14%	26%
Cortadora	79%	85%
Resumptiva	70%	75,5%
Pseudo-resumptiva	82%	75,2%

Pela leitura do quadro, depreende-se que, no conjunto das frases relativas canónicas, a percentagem de erro incidiu sobre as frases que apresentavam um constituinte [-Hum]. De entre as frases relativas não canónicas, foram as frases cortadoras as mais marcadas como aceitáveis ou duvidosas, na presença de um marcador relativo com a referida natureza, seguidas das resumptivas e das pseudo-resumptivas que apresentam valores percentuais muito próximos.

Nas frases relativas não canónicas, sempre que o pronome apresentava a natureza [+Hum], a percentagem de aceitabilidade ou dúvida (taxa de erro) foi mais elevada nas frases pseudo-resumptivas, seguidas das cortadoras e das resumptivas.

A alteração mais significativa nos dados foi a substituição de um constituinte [-Hum] para um [+Hum], como é possível observar em exemplos apresentados aquando da enunciação dos tipos de erros, no capítulo da Metodologia.

4.1.1.5 Resultado por categoria sintáctica do constituinte relativizado (NP ou PP)

Os dados obtidos foram analisados do ponto de vista da natureza categorial do constituinte relativizado. Ao considerar-se esta variável, pretendeu-se verificar se a sensibilidade linguística dos falantes estava condicionada pela categoria sintáctica envolvida na construção da frase relativa.

Quanto à descrição dos dados relativos à variável NP, não se descrevem as frases relativas cortadoras porque apenas admitem PP's nem as pseudo-resumptivas, uma vez que as pseudo-resumptivas de NP, por apresentarem a forma do complementador *que*, assumem a mesma estrutura de uma frase relativa resumptiva⁷⁷. As frases-estímulo não continham nenhuma pseudo-resumptiva de NP encabeçada por um pronome relativo como “o qual”.

No quadro seguinte, apresentam-se as percentagens de erro em relativas NP e PP com cada uma das estratégias de relativização.

Estratégia de relativização	Constituinte relativizado (NP)	Constituinte relativizado (PP)
Canónica	25,7%	20%
Resumptiva	65%	72,8%
Cortadora	-----	81,3%
Pseudo-resumptiva	-----	78,6%

Pela leitura dos resultados, verifica-se, nas relativas canónicas, a percentagem de erro mais elevada incide sobre as frases que incluem um NP, contrariamente ao que seria esperado. No capítulo seguinte, procurar-se-á aduzir argumentos que justifiquem este facto. Em relação às relativas não canónicas com PP's, a percentagem de erro é predominante nas relativas

⁷⁷ Atente-se no seguinte exemplo de uma frase resumptiva (OD): *O texto que todos os alunos o ouviram, com atenção, falava sobre animais.*

cortadoras, isto é, estas frases são consideradas as mais aceitáveis ou duvidosas no conjunto das restantes relativas não canónicas.

Das percentagens de aceitabilidade, foi possível retirar as seguintes conclusões: as relativas canónicas NP são menos aceitáveis (73,4%) do que as relativas canónicas PP (80%); as relativas resumptivas PP são mais aceitáveis (61,5%) do que as resumptivas NP (55%) e que as relativas cortadoras são mais aceitáveis (73,9%) do que as relativas pseudo-resumptivas (60,9%) e que as resumptivas (61,5%).

No que respeita às alterações efectuadas nas frases canónicas com NP's, em 15,7% de respostas não aceitáveis, 40,4% dos sujeitos procedeu a alterações que mantiveram a frase como canónica, enquanto 57,4% introduziu alterações que originaram uma estratégia não canónica. Registam-se no quadro as alterações mais significativas.

Tipos de erros mais significativos	
Introdução de alterações na flexão/função sintáctica do pronome	48,1%
Construção de uma estrutura gramatical não relativa	29,6%
Construção de uma relativa resumptiva	14,8%

Das alterações efectuadas nas frases canónicas com PP's, em 9,6% de respostas não aceitáveis, 45,8% procedeu a alterações que mantiveram a frase como canónica, enquanto 52,1% introduziu alterações que originaram uma estratégia não canónica. Apresentam-se, seguidamente, as alterações mais relevantes.

Tipos de erros mais significativos	
Introdução de alterações na flexão/função sintáctica do pronome	52%
Construção de uma relativa cortadora	20%
Construção de uma relativa resumptiva	8%

Constata-se pois que, quer os sujeitos tenham alterado uma frase relativa com um constituinte nominal ou preposicional, as transformações introduzidas deram origem a frases relativas não canónicas.

Quanto às frases relativas construídas através de estratégias não canónicas, nas frases relativas resumptivas, a percentagem de erro sobre as frases cujo constituinte relativizado apresentava a natureza categorial PP foi de 72,8%, enquanto para as frases cujo constituinte relativizado apresentava a natureza categorial NP foi de 65%, pelo que se evidencia uma maior tendência para aceitar as relativas que apresentam PP's.

No que respeita às alterações introduzidas nas frases resumptivas com NP's, em 35% de respostas não aceitáveis, 69,3% dos sujeitos procederam a alterações que produziram uma frase canónica, enquanto 29,3% produziram relativas não canónicas.

Relativamente às alterações efectuadas nas frases resumptivas com PP's, em 27,3% de respostas não aceitáveis, apenas 6% dos sujeitos procedeu a alterações que produziram uma relativa canónica, enquanto 93,1% das respostas introduziram alterações que originaram uma relativa não canónica. De entre as transformações feitas, registam-se os valores percentuais dos erros mais significativos.

Tipos de erros mais significativos	
Manutenção do complementador /Supressão do resumptivo (Estratégia cortadora)	24,1%
Introdução de alterações na flexão/função sintáctica do pronome	20,2%
Problemas de regência verbal	17,7%
Manutenção de uma relativa resumptiva /Construção de uma relativa pseudo-resumptiva	5,9%
Construção de uma estrutura gramatical não relativa	5,4%

Constata-se pois que os sujeitos transformam com muita frequência as frases relativas resumptivas NP em relativas canónicas, ao contrário do que acontece quando têm de alterar uma relativa resumptiva PP.

Quanto às alterações efectuadas nas frases cortadoras com PP's, em 18,7% de respostas não aceitáveis, 25,8% dos sujeitos procederam a alterações que produziram uma frase canónica, enquanto 73,9% introduziram alterações que originaram uma relativa não canónica.

Os tipos de erro mais significativos apresentam-se em seguida.

Tipos de erros mais significativos	
Problema de regência verbal/alteração do verbo	30,8%
Introdução de alterações na flexão/função sintáctica do pronome	16,9%
Construção de uma relativa resumptiva/pseudo-resumptiva	12,3%

No que respeita às alterações efectuadas nas frases pseudo-resumptivas com PP's, em 21,4% de respostas não aceitáveis, 53,3% dos sujeitos procederam a alterações que originaram uma frase canónica, enquanto 45,8% produziram uma relativa não canónica. Listam-se, de seguida, os tipos de erros mais significativos.

Tipos de erros mais significativos	
Introdução de alterações na flexão/função sintáctica do pronome	28,6%
Supressão de palavras, sem alteração da estratégia da frase-estímulo	26,5%
Manutenção de uma relativa pseudo-resumptiva /Construção de uma relativa resumptiva	22,4%
Problema de regência verbal/alteração dos verbos	12,2%

Os resultados obtidos com relativas PP que seguem a estratégia cortadora permitiram ainda verificar a preferência dos sujeitos pela omissão de determinadas preposições. A percentagem de aceitabilidade é mais elevada nas frases em que a preposição em falta é “de” (frases 37, 85 e 144), “a” (frases 99, 45 e 112), e “em” (frase 148), em determinados contextos, como é possível observar nas frases seguintes:

Frase 37 - Os alunos encontraram finalmente os materiais que necessitavam para elaborar o trabalho. (96%)

Frase 85 - O pai comprou-me aquele chocolate que eu gosto. (88%)

Frase 144 - O concerto que acabámos de sair foi filmado pela RTP. (88%)

Frase 99 - No fim do espectáculo, encontrei o actor que o público achou muita piada. (92%)

Frase 45 - Há profissões que a sociedade está a prestar cada vez menos atenção. (84%)

Frase 112 - Está esgotado o DVD do concerto que eu fui. (84%)

Frase 148 - O concerto estava a melhorar no momento que eu tive de sair da sala. (92%)

A omissão das preposições “para” (frase 69), “contra” (frase 92), “por” (frase 105) e “com” (frase 117), também é aceite com muita frequência, como é dado observar na percentagem de aceitabilidade das seguintes abaixo transcritas.

Frase 69 - Passei pela escola onde vou no próximo ano. (84%)

Frase 92 - A lei que tu te manifestaste foi aprovada. (92%)

Frase 105 - Afinal, o emprego que tanto lutaste desiludiu-te. (60%)

Frase 117- Emprestámos aquele jogador que não se pode contar. (52%)

Constata-se ainda que os sujeitos admitem, com frequência, a queda da preposição “a” regida por verbos e expressões que seleccionam um complemento OI, como é dado observar na percentagem de aceitabilidade registada no quadro seguinte.

	Contexto	% de aceitabilidade
Frase 99	<i>achar piada a</i>	92%
Frase 45	<i>estar a prestar atenção a</i>	84%
Frase 58	<i>obedecer</i>	72%
Frase 30	<i>oferecer</i>	64%
Frase 128	<i>doar</i>	56%
Frase 33	<i>falar</i>	56%
Frase 78	<i>chamar</i>	40%

4.1.2 Descrição dos dados do 6.º ano

4.1.2.1 Resultados por estratégia

Quanto à estratégia canónica, a maior parte dos sujeitos assinalou como aceitáveis as 38 frases formadas por esta estratégia. Do total de respostas dadas, 81,1% dos sujeitos marcaram como aceitáveis as frases relativas construídas através desta estratégia e 18,9% assinalaram estas frases como não aceitáveis ou duvidosas.

Através da tarefa de correcção das frases canónicas que foram consideradas não aceitáveis (8,5%), foi possível identificar o tipo de alteração preferencial. Do total de respostas obtidas, em 44,4% dos casos, as frases foram alteradas para uma estratégia não canónica e, em 56,6% dos casos, foram alteradas para frases canónicas, pelo que foram consideradas alterações não relevantes. Da análise das respostas obtidas, registam-se os valores relativos às alterações feitas nas frases canónicas:

- a) Alteração da flexão ou da função sintáctica do pronome (36,6%)
- b) Utilização de estratégia relativa gramatical não relativa (9,8%)
- c) Utilização de estratégia relativa não canónica: 7,3% para estratégia resumptiva; 7,3% para estratégia cortadora e 2,4% para pseudo-resumptiva.

O tipo de erro mais frequente na alteração/transformação das frases canónicas relaciona-se com o pronome relativo, pela substituição do mesmo com alteração [\pm Hum], pela alteração da função sintáctica ou pela alteração da sua flexão, como se observa nas seguintes exemplos:

- (1) **Assim que o concerto terminou, conheci o actor a quem achámos piada.**
Assim que o concerto terminou, conheci o actor a que achámos piada. (M.820.6:48)
- (2) **O Ministro entregou aos habitantes da aldeia telemóveis novos cujos cartões estavam bloqueados.**
O Ministro entregou aos habitantes da aldeia telemóveis novos cujos cartões estavam bloqueados.
(M.994.6:131)

Algumas alterações efectuadas nas frases canónicas originaram construções agramaticais não relativas (19,5%), das quais se apresenta um exemplo:

- (3) **A Carlota apanhou um bocado de neve que depois o João atirou para cima do carro.**
A Carlota apanhou um bocado de neve depois o João atirou para cima do carro.
(M.820.6:146)

Outra alteração efectuada nas frases canónicas (9,8%) prende-se com a supressão total ou parcial da frase completiva encaixada na oração relativa, de que é exemplo a frase seguinte.

- (4) **Comprei bichos-da-seda ao aluno a quem acho que comprei rebuçados no ano passado.**
Comprei bichos-da-seda ao aluno a quem comprei rebuçados no ano passado.
(6.1926.M:32)

Quanto aos juízos de gramaticalidade relativos às estratégias não canónicas, a estratégia cortadora foi considerada a mais aceitável, com 76%, seguida da pseudo-resumtiva, com 69,7% e da estratégia resumtiva, com 59,2%.

Quando foram levados a corrigir os enunciados considerados inaceitáveis, os sujeitos introduziram a maior parte das transformações nas frases pseudo-resumtivas (66,5%), seguindo-se as alterações nas frases resumtivas (38,9%) e nas frases cortadoras (22,6%), construindo frases relativas canónicas.

Das alterações feitas nas frases não canónicas, nem todas originaram a construção de uma frase relativa canónica, mantendo-se, com frequência, a mesma estratégia da frase-estímulo, outra estratégia não canónica ou mesmo ocorrendo alterações que tornam as frases agramaticais.

No caso das frases relativas pseudo-resumtivas, em 30,3% de respostas não aceitáveis, 66,5% dos sujeitos alteraram as frases para frases canónicas e 32,5% procederam a alterações para uma estratégia não canónica. Quanto às frases resumtivas, de uma percentagem de não aceitabilidade de 40,8%, 38,9% dos sujeitos produziram uma frase canónica e 59,5% mantiveram a estratégia não canónica. Relativamente às frases cortadoras, dos 24% de respostas não aceitáveis, 22,6% dos sujeitos construíram frases canónicas e 77,4% mantiveram uma estratégia não canónica.

Da tipologia de erros apresentada, salienta-se ainda o uso inadequado do pronome relativo (flexão, natureza [\pm Humano], alteração da função sintáctica): 14,4% nas frases resumtivas; 6,9% nas frases cortadoras e 6,3% nas frases pseudo-resumtivas. De seguida, apresentam-se os valores percentuais dos erros mais significativos em cada uma das estratégias de relativização.

No caso das frases relativas resumptivas, 37,9% dos sujeitos recorreram à manutenção do complementador, com supressão do pronome resumptivo, o que originou uma relativa cortadora; 11,8 % introduziram alterações nos verbos ou produziram erros de regência verbal, construindo frases agramaticais; 5% dos sujeitos recorreram a uma estratégia pseudo-resumptiva ou mantiveram a frase resumptiva inicial; 3,8% anularam a completiva total ou parcialmente e 3,2% construíram duas frases simples ou outra frase complexa não relativa. As restantes alterações relacionam-se com a supressão ou adição de palavras, facto que não altera a estratégia da frase-estímulo.

No caso das frases relativas cortadoras, em 28,5% das respostas foi alterado o tempo verbal ou foi introduzido um erro de regência verbal; 15,4% dos sujeitos acrescentaram palavras que não alteraram a estratégia da frase-estímulo, 3,8% transformaram a relativa cortadora introduzindo alterações na classe dos verbos, o que deu origem a frases canónicas; 2,3% dos sujeitos alteraram a frase, utilizando a estratégia resumptiva ou pseudo-resumptiva; 1,5% dos sujeitos construiu duas frases simples ou outra frase complexa não relativa.

Relativamente às frases relativas pseudo-resumptivas, 28,1% dos sujeitos ou mantiveram a estratégia pseudo-resumptiva ou recorreram à estratégia resumptiva, 3,1% construíram duas frases simples ou outra frase complexa, 7,8% introduziram alterações nos verbos ou produziram erros de regência verbal, construindo assim frases agramaticais.

Verifica-se pois que das frases que foram alteradas para frases canónicas, salientam-se as frases relativas pseudo-resumptivas (66,5%), seguidas das resumptivas (38,9%) e das cortadoras (22,6%). Mesmo sendo as relativas cortadoras as mais aceitáveis entre as relativas não canónicas, as cortadoras não aceitáveis foram alvo de maior percentagem de transformações para frases não canónicas (77,4%).

4.1.2.2 Resultados por função sintáctica do antecedente e do pronome

Tal como nos dados obtidos no 4.º ano, constata-se que a função sintáctica do pronome é mais relevante na aceitabilidade das frases do que a função sintáctica do antecedente. Em seguida, registam-se os valores obtidos por estratégia, cruzando esta variável com as funções sintácticas do antecedente e do pronome.

Quanto à função sintáctica do antecedente, na globalidade das estratégias, a percentagem de erro mais elevada incide sobre as frases que apresentavam um antecedente com a função sintáctica OD (57,2%), seguida da função sintáctica OBL (55,6%), da de SU (51,8%) e, finalmente, da função sintáctica OI (50,2).

Registam-se no quadro seguinte com os valores obtidos por estratégia/ função sintáctica do antecedente, que correspondem, globalmente, à taxa de insucesso.

Percentagem sobre o total de cada tipo de frases-estímulo				
Função sintáctica do antecedente	Canónica	Cortadora	Resumptiva	Pseudo-resumptiva
Sujeito	13,1%	71,5%	52,3%	68,8%
Objecto directo	21,1%	83,5%	66,9%	67,1%
Objecto indirecto	25,0%	_____	57,4%	70,4%
Oblíquo	17,7%	81,3%	60,3%	73,1%

Quanto à função sintáctica do constituinte relativizado, na globalidade das estratégias, a percentagem de erro mais elevada incide sobre as frases que apresentavam um antecedente com a função sintáctica OI (56,7%), seguida da função sintáctica GEN (56,6%), de OBL (56,0%), de OD (46,0%) e, finalmente, da função sintáctica SU (31,1).

No quadro abaixo apresentado, surgem discriminados os valores (percentagem de insucesso) obtidos por estratégia/função sintáctica cruzando esta variável com a função sintáctica do pronome.

Percentagem sobre o total de cada tipo de frases-estímulo				
Função sintáctica do pronome	Canónica	Cortadora	Resumptiva	Pseudo-resumptiva
Sujeito	24,7%	_____	36,0%	_____
Objecto directo	26,0%	_____	61,0%	_____
Objecto indirecto	18,8%	77,1%	66,0%	78,4%
Obliquo	11,6%	80,7%	61,5%	62,0%
Genitivo	18,7%	68,9%	62,5%	68,0%

Quanto às alterações efectuadas no pronome destacam-se as seguintes:

1. Pronome com a função sintáctica Sujeito

Nas frases relativas canónicas, em 11,3% de respostas não aceitáveis, 58,8% dos sujeitos procederam a uma alteração originando frases canónicas e 39,4% transformaram a frase numa frase não canónica.

Tipos de erros mais significativos	
Introdução de alterações na flexão/função sintáctica do pronome	23,5%
Anulação total ou parcial da completiva	5,9%

Nas frases relativas resumptivas, em 64% de respostas não aceitáveis, 75,8% dos sujeitos procederam a uma alteração originando frases canónicas e 22,7% mantiveram uma estratégia não canónica. Da tipologia de alterações para frases não canónicas destacam-se as seguintes.

Tipos de erros mais significativos	
Supressão de palavras, sem alteração da estratégia da frase-estímulo	27,6%
Construção de uma estrutura gramatical não relativa	10,3%
Anulação total ou parcial da completiva	10,3%
Introdução de alterações na flexão/função sintáctica do pronome	6,9%

2. *Pronome com a função sintáctica Objecto Directo*

Nas frases relativas canónicas, em 12% de respostas não aceitáveis, 33,3% dos sujeitos procederam a uma alteração originando frases canónicas e 66,7% transformaram a frase numa frase não canónica. De entre essas transformações, registam-se as percentagens mais significativas.

Tipos de erros mais significativos	
Construção de uma estrutura agramatical não relativa	16,7%
Introdução de alterações na flexão/função sintáctica do pronome	14,1%
Anulação total ou parcial da completiva	11,1%
Construção de uma relativa resumptiva	11,1%
Construção de uma estrutura gramatical não relativa	11,1%

Nas frases relativas resumptivas, em 39,0% de respostas não aceitáveis, 83,3% dos sujeitos procederam a uma alteração originando frases canónicas e 15,4% mantiveram uma estratégia não canónica. Das transformações para estratégias não canónicas, salientam-se os seguintes erros.

Tipos de erros mais significativos	
Supressão de palavras, sem alteração da estratégia da frase-estímulo	41,7%
Introdução de alterações na flexão/função sintáctica do pronome	8,3%

Construção de uma estrutura gramatical não relativa	8,3%
---	------

3. Pronome com a função sintáctica Objecto Indirecto

Apresenta-se em seguida um quadro que ilustra a percentagem de não aceitabilidade de frases relativas de OI por estratégia.

Estratégia de relativização	% de não aceitabilidade	Alteração para estratégia canónica	Alteração para estratégia não canónica
Canónica	8,8%	40,9%	59,1%
Pseudo-resumptiva	21,6%	55,6%	44,4%
Cortadora	22,9%	42,5%	52,5%
Resumptiva	34%	13,2%	82,4%

Constata-se pois que: i) a maior percentagem de não aceitabilidade incide sobre as frases relativas resumptivas; ii) as frases pseudo-resumptivas são as mais frequentemente alteradas para frases canónicas e iii) as frases resumptivas são as mais alteradas para outras frases não canónicas.

Das relativas canónicas alteradas para uma frase não canónica, destacam-se os tipos de erros mais significativos.

Tipos de erros mais significativos	
Introdução de alterações na flexão/função sintáctica do pronome	27,3%
Construção de uma relativa cortadora	13,6%
Construção de uma estrutura agramatical não relativa	9,1%
Construção de uma relativa resumptiva	4,5%
Anulação total ou parcial da completiva	4,5%

Nas relativas pseudo-resumptivas são as seguintes as alterações mais relevantes.

Tipos de erros mais significativos	
Manutenção de uma relativa pseudo-resumptiva /Construção de uma relativa resumptiva	20,8%
Introdução de alterações na flexão/função sintáctica do pronome	12,5%
Problemas de regência verbal	12,5%
Anulação total ou parcial da completiva	4,2%

Nas relativas resumptivas, destacam-se as alterações mais relevantes em termos percentuais.

Tipos de erros mais significativos	
Manutenção do complementador /Supressão do resumptivo (Estratégia cortadora)	45,5%
Introdução de alterações na flexão/função sintáctica do pronome	18,8%
Supressão de palavras, sem alteração da estratégia da frase-estímulo	14,3%
Anulação total ou parcial da completiva	6,3%
Problemas de regência verbal/alteração de palavras	4,5%
Manutenção de uma relativa resumptiva /Construção de uma relativa pseudo-resumptiva	3,6%

Nas relativas cortadoras, as alterações mais significativas foram as seguintes.

Tipos de erros mais significativos	
Problemas de regência verbal	23,8%
Acrescentamento de palavras, sem alteração da estratégia da frase-estímulo	28,6%
Alteração da ordem/função dos constituintes na frase	14,3%
Construção de uma relativa resumptiva / pseudo-resumptiva	14,3%

4. Pronome com a função sintáctica Oblíquo

Apresenta-se, seguidamente, um quadro onde se observa a percentagem de não aceitabilidade das frases relativas de OBL por estratégia de relativização.

Estratégia de relativização	% de não aceitabilidade	Alteração para estratégia canónica	Alteração para estratégia não canónica
Canónica	4,4%	54,5%	46,4%
Resumptiva	38,5%	22,1%	77,9%
Pseudo-resumptiva	38%	70,5%	28,4%
Cortadora	19,3%	31%	69%

Pela leitura dos resultados verifica-se que: i) a percentagem de não aceitabilidade é mais elevada nas frases relativas resumptivas e pseudo-resumptivas, ii) as frases pseudo-resumptivas são, entre as estratégias não canónicas, as mais alteradas para frases canónicas e iii) as frases resumptivas são aquelas em que as transformações originam frequentemente frases não canónicas.

Relativamente às transformações feitas pelos sujeitos nas frases alteradas para estratégia não canónica, destacam-se os tipos de erro discriminados por estratégia.

Nas relativas canónicas, destacam-se os tipos de erro mais significativos.

Tipos de erros mais significativos	
Construção de uma estrutura gramatical não relativa	9,1%
Construção de uma relativa pseudo-resumptiva	9,5%
Construção de uma estrutura agramatical não relativa	9,1%

Nas relativas resumptivas, foram introduzidas as seguintes alterações.

Tipos de erros mais significativos	
Manutenção do complementador /Supressão do resumptivo (Estratégia cortadora)	37,8%
Problemas de regência verbal/alteração de palavras	14,2%
Introdução de alterações na flexão/função sintáctica do pronome	11,7%
Manutenção de uma relativa resumptiva /Construção de uma relativa pseudo-resumptiva	9,2%

Nas frases pseudo-resumptivas, destacam-se os tipos de erro mais significativos.

Tipos de erros mais significativos	
Manutenção de uma relativa resumptiva /Construção de uma relativa pseudo-resumptiva	48,1%
Supressão de palavras, sem alteração da estratégia da frase-estímulo	29,6%

Nas relativas cortadoras, foram feitas as seguintes transformações.

Tipos de erros mais significativos	
Problemas de regência verbal	37,5%
Acrescentamento de palavras, sem alteração da estratégia da frase-estímulo	7,5%

5. *Pronome com a função sintáctica Genitivo*

Apresenta-se, seguidamente, um quadro onde se observa a percentagem de não aceitabilidade das frases relativas GEN por estratégia de relativização.

Estratégia de relativização	% de não aceitabilidade	Alteração para estratégia canónica	Alteração para estratégia não canónica
Canónica	8,7%	38,5%	61,5%
Resumptiva	37,5%	10,7%	89,3%
Pseudo-resumptiva	32%	70,8%	27,1%
Cortadora	31,1%	4,3%	98,6%

Pela leitura dos dados verifica-se que: i) a percentagem de não aceitabilidade é mais elevada nas frases relativas resumptivas e pseudo-resumptivas, ii) as frases pseudo-resumptivas são, entre as estratégias não canónicas, as mais alteradas para frases canónicas e iii) as frases cortadoras são aquelas em que as transformações originam frequentemente frases não canónicas.

Nas relativas canónicas, foram introduzidos os seguintes tipos de erro.

Tipos de erros mais significativos	
Introdução de alterações na flexão/função sintáctica do pronome	23,1%
Construção de uma estrutura agramatical não relativa	15,4%

Nas relativas resumptivas, destacam-se as transformações mais relevantes.

Tipos de erros mais significativos	
Manutenção do complementador /Supressão do resumptivo (Estratégia cortadora)	49,3%
Introdução de alterações na flexão/função sintáctica do pronome	16,4%
Supressão de palavras, sem alteração da estratégia da frase-estímulo	14,9%

Nas relativas pseudo-resumptivas, destacam-se os tipos de erro percentualmente mais significativos.

Tipos de erros mais significativos	
Supressão de palavras, sem alteração da estratégia da frase-estímulo	38,5%
Introdução de alterações na flexão/função sintáctica do pronome	7,7%

Registam-se no quadro seguinte as alterações feitas nas relativas cortadoras.

Tipos de erros mais significativos	
Problemas de regência verbal	24,6%
Acrescentamento de palavras, sem alteração da estratégia da frase-estímulo	15,9%
Construção de uma relativa canónica, por alteração da classe dos verbos	7,2%
Introdução de alterações na flexão/função sintáctica do pronome	7,2%

4.1.2.3 Resultados por encaixe de construções (inclusão de uma completiva no domínio da frase relativa).

Esta variável, como já referido anteriormente, apenas foi considerada para as frases resumptivas, pseudo-resumptivas e canónicas. Pretendeu-se verificar, no caso das frases resumptivas e pseudo-resumptivas, se a distância entre a posição do constituinte relativizado e a posição do resumptivo influenciava a aceitabilidade dos enunciados e, no caso das canónicas, identificar se a complexidade sintáctica introduzida pela completiva teria reflexo na aceitabilidade das mesmas. Dos dados obtidos, constata-se que esta variável foi particularmente significativa nas frases que seguiam a estratégia pseudo-resumptiva. Em 71,3% das respostas, esta estratégia foi considerada aceitável ou duvidosa, isto é, a percentagem de erro incidu nas frases pseudo-resumptivas que apresentavam uma

completiva encaixada na frase relativa. Nas frases resumptivas, a aceitabilidade ou dúvida atingiu os 66,1% e, nas frases canónicas, 22,4% dos sujeitos marcaram como não aceitáveis ou duvidosas as frases relativas com encaixe de uma completiva. Deste modo, verifica-se que as frases relativas canónicas com encaixe de uma frase completiva são aceites na globalidade do teste, uma vez que 77,6% dos sujeitos marcaram como aceitáveis as referidas frases.

Assim, na presença desta variável, os sujeitos tendem a aceitar com grande frequência as frases relativas pseudo-resumptivas, sendo a percentagem de aceitabilidade das resumptivas também elevada. Relativamente às frases canónicas, a percentagem de erro não é muito considerável, pelo que se conclui que o encaixe de uma completiva não é determinante para a aceitabilidade das mesmas.

4.1.2.4 Resultados por natureza [\pm humano] do constituinte relativizado

Na globalidade do *corpus*, constata-se que os sujeitos são menos sensíveis à natureza [-hum] do constituinte relativizado, pelo que a percentagem de erro incide precisamente sobre os enunciados que apresentam constituintes relativos [-Hum]: 58% foi a percentagem de erro nas frases com antecedente [-Hum] e 55,9% nas frases com antecedente [+Hum].

Apresenta-se um quadro que ilustra os resultados obtidos por estratégia de relativização.

Estratégia de relativização	% de respostas erradas	
	Constituinte relativo [+HUM]	Constituinte relativo [-HUM]
Canónica	13,2%	17,2%
Cortadora	77%	80,3%
Resumptiva	65%	62%
Pseudo-resumptiva	74,8%	65,6%

No caso das frases relativas canónicas, verifica-se que a percentagem de erro recai sobre as frases que apresentavam um constituinte [-Hum]. Quanto à globalidade das frases relativas não canónicas, a percentagem de erro incide sobre as frases com constituinte [-Hum] apenas quando a estratégia utilizada é a cortadora, pois nas frases resumptivas e pseudo-resumptivas a percentagem de erro recai sobre as frases que apresentam um constituinte relativo [+Hum], se bem que no caso das frases resumptivas não seja uma diferença significativa.

4.1.2.5 Resultado por categoria sintáctica do constituinte relativizado (NP ou PP)

Relativamente à percentagem de erro registada em frases NP e PP de cada uma das estratégias, indicam-se no seguinte quadro os resultados obtidos.

Estratégia de relativização	Constituinte relativizado (NP)	Constituinte relativizado (PP)
Canónica	25,3%	15,2%
Resumptiva	48,5%	63,8%
Cortadora	-----	79,4%
Pseudo-resumptiva	-----	70,2%

Na globalidade do *corpus* esperava-se que a natureza categorial PP do constituinte relativizado originasse uma maior percentagem de erro, o que se verifica no caso das frases que seguem a estratégia resumptiva, mas não a canónica. Os valores obtidos contrariam, assim, as evidências empíricas descritas noutros trabalhos, no entanto, no capítulo da discussão dos dados procurar-se-á encontrar uma explicação para estes resultados.

Das percentagens de aceitabilidade, foi possível retirar as seguintes conclusões: as relativas canónicas NP são menos aceitáveis (74,7%) do que as relativas canónicas PP (84,8%); as relativas resumptivas PP são mais aceitáveis (49,8%) do que as resumptivas NP (38,5%) e que as relativas cortadoras são mais aceitáveis (70,9%) do que as relativas pseudo-resumptivas (56,6%) e que as resumptivas (49,8%).

No que respeita às alterações efectuadas nas relativas canónicas com NP's, em 11,7% de respostas não aceitáveis, 55,7% dos sujeitos procederam a alterações que mantiveram a estratégia canónica, o que significa que grande parte dos sujeitos introduziu transformações não relevantes. A percentagem de erro apresentada refere-se não só às respostas não aceitáveis como também às duvidosas, todavia pelas alterações feitas nas frases não aceitáveis depreende-se que os sujeitos mantiveram a frase NP correspondente à frase-estímulo, isto é, aceitaram uma construção relativa com NP.

No que concerne às alterações efectuadas nas relativas canónicas com PP's, em 6,6% de respostas não aceitáveis, 45,5% dos sujeitos procederam a alterações que mantiveram a estratégia canónica, enquanto 55,5% introduziram alterações que originaram uma relativa não canónica, das quais se destacam as seguintes.

Tipos de erros mais significativos	
Introdução de alterações na flexão/função sintáctica do pronome	35,3%
Construção de uma relativa cortadora	17,6%
Construção de uma relativa resumptiva	5,9%
Construção de uma relativa pseudo-resumptiva	5,9%

Relativamente às alterações efectuadas nas relativas resumptivas com NP's, em 51,5% de respostas não aceitáveis, 78,6% dos sujeitos produziram uma frase canónica, enquanto 19,9% introduziram alterações que originaram uma relativa não canónica. Isto significa que a

maior parte dos sujeitos procedeu à eliminação do pronome resumptivo e construiu uma relativa canónica.

Quanto às alterações introduzidas nas frases resumptivas com PP's, em 36,3% de respostas não aceitáveis, 17,9% dos sujeitos produziram uma relativa canónica, enquanto 80% introduziram alterações que deram origem a uma relativa não canónica. As transformações mais significativas encontram-se registadas seguidamente.

Tipos de erros mais significativos	
Manutenção do complementador /Supressão do resumptivo (Estratégia cortadora)	41,4%
Introdução de alterações na flexão/função sintáctica do pronome	15,1%
Problema de regência verbal	9,5%
Manutenção de uma relativa resumptiva /Construção de uma relativa pseudo-resumptiva	6,5%

No que respeita às alterações efectuadas nas relativas cortadoras com PP's, em 20,6% de respostas não aceitáveis, 35,7% dos sujeitos procederam a alterações que produziram uma frase canónica, enquanto 62,2% introduziram alterações que originaram uma estratégia não canónica. Os erros mais frequentes apresentam-se na tabela seguinte.

Tipos de erros mais significativos	
Problema de regência verbal	32,8%
Introdução de alterações na flexão/função sintáctica do pronome	6,6%

Em relação às alterações efectuadas nas frases pseudo-resumptivas com PP's, em 29,8% de respostas não aceitáveis, 65,1% dos sujeitos produziram uma relativa canónica, enquanto 34,2% introduziram alterações das quais resultou uma relativa não canónica. Registam-se no quadro, os tipos de erro mais significativos.

Tipos de erros mais significativos	
Manutenção de uma relativa pseudo-resumptiva /Construção de uma relativa resumptiva	35,3%
Problema de regência verbal	7,8%
Introdução de alterações na flexão/função sintáctica do pronome	5,9%

A partir dos dados, foi ainda possível determinar as preposições preferencialmente omitidas nas frases relativas PP que seguem a estratégia cortadora. A percentagem de aceitabilidade é mais elevada nas frases em que a preposição em falta é “de” (frases 11, 85 e 115), “a” (frases 99, 45 e 112) e “em” (frase 148), como se observa pelas percentagens de aceitabilidade indicadas nas frases.

Frase 11 - Encontrei a máquina que vou precisar amanhã. (100%)

Frase 85 - O meu pai comprou-me aquele chocolate que eu gosto. (96%)

Frase 99 - No fim do espectáculo, encontrei o actor que o público achou muita piada. (92%)

Frase 45 - Há profissões que a sociedade está a prestar cada vez menos atenção. (80%)

Frase 112- Está esgotado o DVD do concerto que eu fui. (72%)

Frase 148 - O concerto estava a melhorar no momento que eu tive de sair da sala. (80%)

A omissão das preposições “para” (frase 69), “contra” (frase 92), “por” e “com” (frase 117) também é aceite com muita frequência, como é dado observar na percentagem de aceitabilidade das seguintes frases:

Frase 69 - Passei pela escola onde vou no próximo ano. (64%)

Frase 92 - A lei que tu te manifestaste foi aprovada. (62%)

Frase 105 – Afinal, o emprego que tanto lutaste desiludiu-te. (64%)

Frase 117- Emprestámos aquele jogador que não se pode contar. (40%)

Constata-se ainda que os sujeitos admitem a queda da preposição “a” regida por verbos e expressões que seleccionam um complemento OI, como é dado observar na percentagem de aceitabilidade registada no quadro seguinte.

	Contexto	% de aceitabilidade
Frase 99	<i>achar piada a</i>	92%
Frase 128	<i>doar</i>	88%
Frase 45	<i>estar a prestar atenção a</i>	80%
Frase 58	<i>obedecer</i>	72%
Frase 78	<i>chamar</i>	52%
Frase 33	<i>falar</i>	52%
Frase 128	<i>oferecer</i>	44%

4.1.3 Comparação de níveis de desempenho relativamente aos resultados obtidos no Teste dos Juízos de gramaticalidade

Em seguida, apresentar-se-ão de uma forma sistematizada, algumas considerações mais pertinentes sobre os resultados obtidos por cada ciclo de ensino.

Relativamente à *estratégia de relativização* preferencialmente aceite pelos sujeitos de ambos os níveis, as respostas dadas evidenciam que se trata da estratégia canónica. De entre as três estratégias não canónicas descritas, os sujeitos do 4.º ano aceitam preferencialmente as frases relativas pseudo-resumptivas, enquanto os alunos do 6.º ano aceitam preferencialmente as relativas cortadoras. Em ambos os casos, as frases resumptivas são aquelas cujos juízos de gramaticalidade evidenciam uma menor aceitabilidade.

Relativamente à variável *encaixe* (de uma frase subordinada completiva), os juízos de gramaticalidade emitidos são evidência de que a complexidade sintáctica condiciona mais a aceitabilidade das frases nos alunos de 4.º ano do que nos alunos de 6.º ano, sendo um argumento a favor de que as estruturas linguísticas em estudo se encontram mais estabilizadas no nível mais avançado.

Quanto à variável *categoria sintáctica* (NP/PP), constata-se que a percentagem de erro mais elevada, nas frases relativas canónicas, contrariamente ao que se esperava, incide sobre as frases relativas cujo constituinte relativizado é um NP, tanto nos sujeitos de 4.º de ano como nos sujeitos de 6.º ano. Repare-se, contudo, que, nas alterações às relativas canónicas (NP) não aceitáveis a maioria dos sujeitos do 6.º ano mantém a estratégia da frase-estímulo, pelo que as transformações são consideradas pouco relevantes. Inversamente, nas relativas não canónicas resumptivas, em ambos os níveis de ensino, os dados evidenciam que a maior percentagem de erro recai sobre as frases relativas com PP relativizados.

4.2 Teste de Completamento de frases

Com o exercício de completamento de frase, pretendeu-se eliciar a produção de frases relativas, manipulando o encaixe ao centro e o encaixe à direita destas estruturas. As restantes variáveis controladas foram: o tipo de estratégia de relativização, procurando determinar qual a estrutura preferida dos sujeitos; a função sintáctica do pronome e do antecedente, verificando quais as funções sintáticas mais acessíveis; a natureza [\pm Hum] do antecedente e a categoria sintáctica do constituinte relativizado (NP/PP).

Para realizar esta descrição, foram analisados os questionários de 25 sujeitos do 4.º ano e de 25 sujeitos do 6.º ano, num total de 2800 frases. O valor percentual obtido incide sobre o número total de respostas dadas e foi arredondado à décima.

4.2.1 Descrição dos dados do 4.º ano

4.2.1.1 Resultados por tipo de estratégia de relativização utilizada

Pela análise de um *corpus* constituído por 1400 frases, constata-se que a estratégia de relativização preferencialmente utilizada pelos sujeitos na produção de frases relativas é a estratégia canónica. Do total de respostas, apresenta-se um quadro que regista a preferência dos sujeitos relativamente ao tipo de estratégia utilizada na produção de frases relativas.

Tipo de estratégia	% de produção de frases relativas
Canónica	39,7%
Cortadora	20,7%
Resumptiva	10,5%
Pseudo-resumptiva	0,7%
Outro tipo de estrutura	28,6%

4.2.1.2 Resultados por tipo de encaixe

Relativamente a esta variável, verifica-se que a percentagem de erro incide sobre as frases com encaixe à direita (61,6%), ainda que a diferença percentual em relação às frases com encaixe ao centro (59%) não seja significativa.

Quando as frases para ligar apresentavam um contexto de encaixe à direita, 38,4% dos sujeitos produziram correctamente frases relativas canónicas; 25% produziram uma relativa cortadora; 4,6% uma relativa resumptiva e 0,1% uma frase pseudo-resumptiva. Em 31,9% dos casos foram feitas outras alterações que deram origem a outro tipo de estrutura.

Da tipologia de transformações introduzidas nas frases com encaixe à direita, destacam-se as seguintes.

Alteração do pronome para SU	28,7%
Alteração do pronome para OBL	12,6%
Alteração do pronome para OI	11,2%
Alteração do pronome para GEN	5,4%
Alteração do pronome para OD	0,4%
Construção de uma estrutura não relativa (coordenada, outra subordinada ou simples).	19,3%

Quando as frases para ligar apresentavam um contexto de encaixe ao centro, 41% dos sujeitos produziram correctamente frases relativas canónicas; 16,4% produziram uma relativa resumptiva; 15,9% produziram uma relativa cortadora e 1,3% uma frase pseudo-resumptiva. Em 25,4% dos casos foram feitas outras alterações. Registam-se, em seguida, as percentagens de transformações introduzidas nas frases com encaixe ao centro.

Alteração do pronome para SU	25,8%
Alteração do pronome para GEN	7,9%
Alteração do pronome para OBL	7,3%
Alteração do pronome para OI	5,6%
Alteração do pronome para OD	0,6%
Construção de uma estrutura não relativa (coordenada, outra subordinada ou simples).	23%

Das alterações feitas pelos sujeitos, consta-se que quando introduzem alterações às frases-estímulo a função sintáctica preferencial, independentemente do tipo de encaixe, é a função sintáctica SU, sendo a menos preferencial a função sintáctica OD.

4.2.1.3 Resultados por função sintáctica do antecedente e do pronome

No que respeita aos valores obtidos, apresentam-se as percentagens de erro por antecedente e pronome no quadro seguinte.

Função sintáctica	Percentagem de Erro	
	Antecedente	Pronome
Sujeito	55,7%	16%
Objecto Directo	60,3%	29%
Objecto Indirecto	58,9%	67,3%
Oblíquo	66,0%	77,8%
Genitivo	—	87%

Pelos dados recolhidos, constata-se que, na produção de frases relativas cujo pronome apresenta a função sintáctica de SU e OD, a percentagem de erro é inferior relativamente à

produção de frases relativas em que o pronome desempenha a função sintáctica de OI, OBL e GEN.

Relativamente aos pronomes, as respostas obtidas permitiram chegar à conclusão da categoria sintáctica dos pronomes preferencialmente utilizados pelos sujeitos. Na globalidade das respostas, salientam-se os seguintes resultados:

1. Quando o constituinte relativo apresentava a função sintáctica SU, 16% dos sujeitos não utilizou correctamente esta função sintáctica nos contextos que a propiciavam. Em 84% das respostas foi produzida uma relativa canónica; 1% dos sujeitos produziu uma frase resumptiva e 15% dos sujeitos introduziram outras alterações na frase, tendo a maioria (50%) construído uma frase não relativa (coordenada, subordinada ou simples).
2. Quando o constituinte relativo apresentava a função sintáctica OD, 29% dos sujeitos não produziram correctamente esta função sintáctica. Em 71% das respostas foi produzida uma relativa canónica; em 7,5% uma frase resumptiva e em 21,5% dos casos foram introduzidas outras transformações na frase, das quais se destacam a alteração da função sintáctica para SU (34,9%) e construção de uma frase não relativa (coordenada, subordinada ou simples)(30,2%).
3. Quando o constituinte relativo apresentava a função sintáctica OI, 67,3% dos sujeitos não produziram correctamente esta função sintáctica. Em 38,3% das respostas foi produzida uma relativa cortadora; em 32,8% dos casos foi produzida uma relativa canónica; 7,3% dos sujeitos produziram uma frase resumptiva; 1% produziu uma pseudo-resumptiva e 20,8% introduziram outras alterações na frase, tendo alterado a função sintáctica para OBL (16,9%), para GEN (13,3) ou

tendo construído uma frase não relativa (coordenada, subordinada ou simples) (21,7%).

4. Quando o constituinte relativo apresentava a função sintáctica OBL, 77,8% dos sujeitos não produziu correctamente esta função sintáctica. Em 33,3% das respostas foi produzida uma relativa cortadora; em 22,3% foi produzida uma relativa canónica; em 20% uma frase resumptiva; em 0,8% uma pseudo-resumptiva e 23,8% dos sujeitos introduziram outras alterações na frase, tendo construído uma frase não relativa (coordenada, subordinada ou simples) (26,3%), introduzido erros de regência verbal (12,6%) ou alterado o pronome para outras funções sintácticas (OI (11,6%); SU (9,5%)).
5. Quando o constituinte relativo apresentava a função sintáctica GEN, 87% dos sujeitos não utilizaram correctamente esta função sintáctica. Em 13% das respostas foi produzida uma relativa canónica; 10,5% dos sujeitos produziram uma frase resumptiva; 0,8% uma pseudo-resumptiva e 75% dos sujeitos introduziram outras alterações na frase, tendo alterado o pronome para outras funções sintácticas (SU (54%); OI(8,7%) e OBL (6,7%)) ou construído uma frase não relativa (coordenada, subordinada ou simples)(8,7%).

4.2.1.4 Resultados por natureza [\pm Hum] do constituinte relativizado

Do total de respostas, verifica-se que a percentagem de erro incide sobre as frases que apresentavam um constituinte [-Hum], com 75,5%. Por seu lado, 71% dos sujeitos erram na presença de um constituinte com natureza [+Hum].

Quando o constituinte relativo apresenta a natureza [-Hum], 24,4% dos sujeitos produziram relativas canónicas; 41,9% produziram frases relativas cortadoras; 10,1% produziram frases resumptivas, 1,2% produziu pseudo-resumptivas e 22,4% utilizaram outra estrutura não relativa.

Quando o constituinte relativo apresenta a natureza [+Hum], 29% dos sujeitos produziram relativas canónicas; 27% produziram frases relativas cortadoras; 16,5% produziram resumptivas; 0,8% pseudo-resumptivas e 26,8% utilizaram outra estrutura não relativa.

4.2.1.5 Resultado por categoria sintáctica do constituinte relativizado (NP ou PP)

Das respostas dadas pelos sujeitos, constata-se que 22,5% dos sujeitos produzem incorrectamente relativas NP's, enquanto 72,5% erram em relativas com PP. Isto significa que, na produção linguística, uma relativa de Sujeito ou Objecto Directo é mais acessível do que uma relativa de Objecto Indirecto ou Oblíquo. Os dados são evidência de que uma frase relativa cujo antecedente é um constituinte nominal (NP) é mais facilmente produzida do que uma relativa com um constituinte preposicionado (PP).

Foi ainda possível determinar o valor percentual de relativas construídas pelos sujeitos para cada uma das estratégias. Quando as frases continham um constituinte NP relativizado, 77,5% dos sujeitos produziram uma frase relativa canónica, ao passo que, quando o constituinte relativizado era um PP, apenas 27,5% dos sujeitos construíram uma relativa canónica. Em 4,3% dos casos, quando o constituinte a relativizar era um NP, foi construída uma resumptiva e em 18,3% utilizaram outra estrutura não relativa. Nos casos em que o constituinte a relativizar era um PP, a estratégia preferencialmente utilizada foi a cortadora

(35,8%), tendo ainda 13,6% dos sujeitos construído uma resumptiva, 0,9% uma pseudo-resumptiva e 22,3% outra estrutura não relativa.

4.2.2 Descrição dos dados do 6.º ano

4.2.2.1 Resultados por tipo de estratégia de relativização utilizada

No que concerne aos dados dos sujeitos do 6.º ano, constata-se que a estratégia de relativização preferencialmente utilizada na produção de frases relativas é a estratégia canónica. Do total das respostas, registam-se os valores relativamente ao tipo de estratégia preferencialmente utilizada.

Tipo de estratégia	% de produção de frases relativas
Canónica	52,4%
Cortadora	18,2%
Resumptiva	6,6%
Pseudo-resumptiva	0,4%
Outro tipo de estrutura	22,6%

Verifica-se pois que, de entre as estratégias não canónicas disponíveis para construir relativas, a estratégia cortadora é a mais utilizada pelos sujeitos, seguida da resumptiva e da pseudo-resumptiva com percentagens menos significativas.

4.2.2.2 Resultados por tipo de encaixe

Relativamente a esta variável, constata-se que a percentagem de erro mais elevada incide sobre as frases com encaixe à direita (46,9%), ainda que a diferença percentual em relação às frases com encaixe ao centro (48%) não seja significativa.

Quando as frases para ligar exibiam um contexto de encaixe à direita, 53,1% dos sujeitos construíram correctamente frases relativas canónicas; 20,4% produziram uma relativa cortadora; 5,4% produziram uma relativa resumptiva e em 21% das respostas foram produzidas outras estruturas. Registam-se no quadro os tipos de transformações introduzidas nas frases com encaixe à direita.

Alteração do pronome para SU	38,8%
Alteração do pronome para OBL	6,8%
Alteração do pronome para OI	5,4%
Alteração do pronome para GEN	5,4%
Alteração do pronome para OD	1,4%
Construção de uma estrutura não relativa (coordenada, outra subordinada ou simples).	22,4%

No caso das frases que apresentavam um contexto de encaixe ao centro, 51,7% dos sujeitos construíram correctamente frases relativas canónicas; 16% produziram uma relativa cortadora; 7,9% produziram uma relativa resumptiva e 0,7% uma frase pseudo-resumptiva. Em 23,7% das respostas foram feitas outras alterações. No quadro seguinte indicam-se as alterações introduzidas nas frases com encaixe ao centro.

Alteração do pronome para SU	21,1%
Alteração do pronome para GEN	16,9%

Alteração do pronome para OBL	14,5%
Alteração do pronome para OI	5,4%
Construção de uma estrutura não relativa (coordenada, outra subordinada ou simples).	21,7%

Observando as alterações feitas pelos sujeitos, verifica-se que a função sintáctica mais acessível é a função SU, independentemente do tipo de encaixe, sendo que no decorrer dessas alterações não são produzidas relativas OD, nas frases com encaixe a centro.

4.2.2.3 Resultados por função sintáctica do antecedente e do pronome

No que respeita aos valores obtidos nesta variável, apresentam-se as percentagens de erro por antecedente e pronome no quadro seguinte.

Percentagem de Erro		
Função sintáctica	Antecedente	Pronome
Sujeito	44%	8,5%
Objecto Directo	46,9%	22,5%
Objecto Indirecto	47,7%	59,8%
Oblíquo	51,4%	57,8%
Genitivo	—	67%

Os dados demonstram que, na produção de frases relativas cujo pronome apresenta a função sintáctica de SU e OD, a percentagem de erro é inferior relativamente à produção de frases relativas em que o pronome desempenha a função sintáctica de OI, OBL e GEN. Pela análise das respostas dadas, foi possível determinar a função sintáctica preferencialmente

utilizados pelos sujeitos, cruzando esta variável com a variável estratégia de relativização. Descrevem-se, em seguida, os resultados obtidos.

1. Quando o constituinte relativo apresentava a função sintáctica SU, em 91,5% das respostas foi produzida uma relativa canónica; 2% dos sujeitos produziram uma frase resumptiva e 6,5% introduziram outras alterações na frase, tendo a maioria (92,3%) construído uma frase não relativa (coordenada, subordinada ou simples).
2. Quando o constituinte relativo apresentava a função sintáctica OD, 77,5% dos sujeitos produziram uma relativa canónica; 2,5% produziram uma relativa resumptiva e 20% introduziram outras alterações na frase, tendo modificado a função sintáctica para SU (42,5%); para GEN (20%), para OI (17,5) ou tendo construído uma frase não relativa (coordenada, subordinada ou simples)(12,5%).
3. Quando o constituinte relativo apresentava a função sintáctica OI, em 40,3% das respostas foi produzida uma relativa canónica; em 34,5% uma relativa cortadora; em 4,5% uma relativa resumptiva; em 0,5% uma pseudo-resumptiva e em 21% foram introduzidas outras alterações na frase, tendo alterado a função sintáctica para OBL (16%); para GEN (16%) ou construído uma frase não relativa (coordenada, subordinada ou simples)(21%).
4. Quando o constituinte relativo apresentava a função sintáctica OBL, 42,3% dos sujeitos produziram uma relativa canónica; 29% produziram uma relativa cortadora; 11,5% produziram uma resumptiva; 0,3% uma pseudo-resumptiva e 17% introduziram outras alterações na frase, tendo construído uma frase não relativa (coordenada, subordinada ou simples)(32,4%), introduzido erros de regência verbal (14,7%) ou alterado o pronome para outras funções sintácticas (OI (7,4%); GEN (19,1%)).

5. Quando o constituinte relativo apresentava a função sintáctica GEN, 33% dos sujeitos produziu uma relativa canónica; 10% produziram uma relativa resumptiva; 1% uma pseudo-resumptiva e 55,5% dos sujeitos introduziram outras alterações na frase, tendo alterado o pronome para outras funções sintácticas (SU (59,5%); OBL (16,2%)) ou construído uma frase não relativa (coordenada, subordinada ou simples)(11,7%).

4.2.2.4 Resultados por natureza [\pm Hum] do constituinte relativizado

Do conjunto de respostas dadas pelos sujeitos, verifica-se que a percentagem de erro mais elevada incide sobre as frases que apresentavam um constituinte [-Hum], com 60,7%. Por seu lado, 58,8% dos sujeitos erram na presença de um constituinte com natureza [+Hum].

Quando o constituinte a relativizar apresentava a natureza [-Hum], em 39,3% das respostas foi produzida uma relativa canónica; em 34,4% uma cortadora, em 6,4% uma relativa resumptiva e em 0,5% uma pseudo-resumptiva. Nos restantes casos (19,5%) foi produzida uma outra estrutura não relativa.

Quando o constituinte relativo apresenta a natureza [+Hum], em 41,8% das respostas foi produzida uma relativa canónica; em 27% foi seguida a estratégia cortadora, em 9,8% uma relativa resumptiva e em 0,3% uma pseudo-resumptiva. Nos restantes casos (21,3%) foi produzida uma outra estrutura não relativa.

4.2.2.5 Resultado por categoria sintáctica do constituinte relativizado (NP ou PP)

Das respostas dadas pelos sujeitos, constata-se que 15,5% produziram incorrectamente relativas NP's, enquanto 58,8% erraram ao produzir relativas com PP relativizados. Os dados obtidos são evidência de que uma frase relativa “encabeçada” por um constituinte nominal (NP) é mais facilmente produzida do que uma relativa com um constituinte preposicionado (PP), ou seja, uma relativa com a função sintáctica SU ou OD é mais acessível do que uma relativa de OI ou OBL.

Pelas respostas dadas conseguiu determinar-se ainda o valor percentual de frases construídas pelos sujeitos para cada uma das estratégias. Quando o constituinte a relativizar era um NP, 84,5% dos sujeitos produziram uma frase relativa canónica, ao passo que, quando o constituinte era um PP, apenas, 41,3% dos sujeitos o fizeram. Em 2,3% das respostas, quando o constituinte a relativizar era um NP, foi construída uma resumptiva e 13,3% dos sujeitos utilizaram outra estrutura não relativa. Nas frases em que o constituinte a relativizar era um PP, a estratégia preferencialmente utilizada foi a canónica (41,3%), seguida da cortadora (31,8%), tendo ainda 8% dos sujeitos produzido uma frase relativa resumptiva, 0,4% uma pseudo-resumptiva e 18,6% utilizaram outra estrutura não relativa.

4.2.3 Comparação de níveis de desempenho relativamente aos resultados obtidos no Exercício de Completamento de Frases

À semelhança do que foi feito na análise das respostas emitidas à tarefa dos Juízos de Gramaticalidade, apresenta-se em seguida uma síntese dos resultados obtidos nos dois níveis de ensino.

Relativamente à *estratégia de relativização* preferencialmente utilizada pelos sujeitos de ambos os níveis, constata-se que é a estratégia canónica a mais activada em contextos que desencadeiam este tipo de estrutura. Assim, de entre as três estratégias não canónicas possíveis na produção de frases relativas, quer os sujeitos do 4.º ano quer os do 6.º ano utilizam preferencialmente a estratégia cortadora, ainda que os alunos do 4.º ano produzam em maior número relativas cortadoras do que os de 6.º ano. A estratégia resumptiva é a segunda mais utilizada na produção de frases relativas não canónicas, nos dois níveis de ensino, e, por último, os sujeitos produzem um número reduzido de relativas pseudo-resumptivas.

No que respeita à variável de Encaixe ao Centro (EC) / Encaixe à Direita (ED), verifica-se que, quando levados a produzir frases relativas, em contextos de ED, os sujeitos de 4.º e 6.º ano apresentam uma maior percentagem de erro do que em contextos de EC.

Na presença de contextos de ED, ambos os níveis produzem maioritariamente relativas canónicas, seguidas de frases relativas cortadoras. Quanto à estratégia resumptiva, os sujeitos de 6.º ano atingem percentualmente valores um pouco mais elevados. A estratégia pseudo-resumptiva é a menos utilizada pelos sujeitos quando têm de produzir frases relativas com ED.

Na presença de contextos de EC, observa-se a tendência para produzir preferencialmente relativas canónicas, seguidas de resumptivas, no 4.º ano, e de cortadoras no 6.º ano. Relativamente à produção de frases resumptivas, os sujeitos de 4.º ano recorrem mais frequentemente ao uso desta estratégia do que os sujeitos de 6.º ano. A estratégia pseudo-resumptiva também é a menos utilizada pelos sujeitos quando têm de produzir frases relativas com EC.

Quanto à variável *categoria sintáctica* (NP/PP), constata-se que os sujeitos de ambos os níveis atingem uma percentagem de erro mais elevada quando são levados a relativizar um constituinte PP.

Relativamente à produção de frases relativas com NP, em relativas canónicas, os sujeitos de 6.º ano apresentam valores mais elevados do que os sujeitos do 4.º ano, ao passo que os sujeitos de 4.º ano produzem mais relativas resumptivas do que os do 6.º ano, quando o constituinte a relativizar é um NP.

Quando levados a produzir frases relativas com constituintes PP, os sujeitos de 6.º ano produzem preferencialmente relativas canónicas, enquanto os de 4.º ano produzem relativas cortadoras. Os sujeitos de 6.º ano recorrem menos à utilização da estratégia resumptiva do que os do 4.º ano. Os valores obtidos na produção de relativas cortadoras (PP) estão muito próximos nos dois níveis de ensino, o mesmo acontecendo com as pseudo-resumptivas as quais ocorrem em número bastante reduzido.

5 Discussão dos dados

Nesta secção, partindo dos resultados apresentados no capítulo anterior, serão apontados os aspectos mais significativos dos dados obtidos e discutir-se-ão os resultados em função das hipóteses formuladas no capítulo referente ao enquadramento teórico. Tendo em conta a descrição feita, será feita uma análise comparativa do desempenho dos sujeitos dos dois níveis de ensino relativamente às variáveis controladas na concepção do desenho experimental. Será ainda feita uma análise dos tipos de erro mais frequentes, sempre que for pertinente na discussão das hipóteses.

Retomando a **hipótese 1** – *“Considerando que a produção de frases relativas é sensível ao desenvolvimento linguístico, prevê-se que a taxa de sucesso no desempenho de tarefas seja percentualmente mais baixa nos alunos de 4.º e 6.º anos e mais elevada nos alunos de 9.º e 12.º anos, dado que as estruturas linguísticas em estudo se encontram nestes últimos alunos estabilizadas. Portanto, sabendo que o desenvolvimento linguístico e a exposição ao contexto de instrução explícita determinam uma melhor performance linguística, espera-se que a produção de frases relativas canónicas seja gradualmente mais frequente.”*

Os dados obtidos quer na tarefa dos juízos de gramaticalidade quer na tarefa de construção de frases relativas através do completamento permitem confirmar esta hipótese. Os sujeitos do 6.º ano, em 81,1% das respostas, emitiram juízos de aceitabilidade perante uma frase relativa canónica, enquanto os alunos de 4.º ano obtiveram um resultado percentual ligeiramente mais baixo, com 78,2% de aceitabilidade. As alterações efectuadas pelos sujeitos às frases não aceitáveis são também evidência de uma melhor performance linguística dos alunos do 6.º ano, pois das frases relativas canónicas não aceitáveis, 44,4% das respostas forneceram a alteração para uma frase canónica, ao passo que, no 4.º ano, a percentagem foi de 40,7%. Ainda que, de uma forma pouco acentuada, verifica-se a existência de uma curva

ascendente no desempenho do 4.º para o 6.º ano. Pelos resultados obtidos, constata-se que o desempenho dos sujeitos do 6.º ano é percentualmente mais próximo da gramática-alvo do que o dos alunos do 4.º ano, o que vem sustentar a hipótese 1.

Relativamente às estratégias não canónicas, os juízos de gramaticalidade dos sujeitos do 6.º ano também evidenciam um melhor desempenho, confirmado pela percentagem de não aceitabilidade dessas estratégias, que é percentualmente mais elevada do que a dos sujeitos do 4.º ano, conforme se verifica no quadro seguinte.

Estratégias	Percentagem de não aceitabilidade	
	4.º ano	6.º ano
Resumptiva	29,3%	40,8%
Cortadora	23,4%	24%
Pseudo-resumptiva	18,9%	30,3%

Pelos valores apresentados, podemos inferir que, de todas as estratégias não canónicas disponíveis para produzir relativas restritivas, a estratégia cortadora é a mais natural e a mais acessível quer para os sujeitos do 4.º quer para os de 6.º ano. No que respeita às estratégias resumptiva e pseudo-resumptiva, a diferença dos valores percentuais é muito significativa, o que demonstra que a performance linguística é tanto melhor quanto maior for o desenvolvimento linguístico dos sujeitos. Os sujeitos de 6.º ano reconhecem com mais frequência a agramaticalidade de uma relativa resumptiva e de uma pseudo-resumptiva do que os sujeitos de 4.º ano. As relativas resumptivas são consideradas mais marginais do que as pseudo-resumptivas, em ambos os níveis de ensino.

Os resultados obtidos na tarefa de correcção permitiram aferir os tipos de “erro” mais produzidos pelos sujeitos. As alterações introduzidas são sistemáticas quer nas relativas canónicas quer nas não canónicas e, como tal, correspondem a um dado estágio de

desenvolvimento e são coerentes com a gramática que os sujeitos têm disponível. Além disso, estes dados permitem retirar conclusões relativamente ao afastamento ou proximidade da gramática adulta.

As alterações feitas, sobretudo, nas relativas não canónicas que consideraram inaceitáveis, sustentam a formulação da hipótese 1, na medida em que os sujeitos do 6.º ano produziram mais frequentemente frases relativas canónicas do que os sujeitos do 4.º ano, o que atesta um melhor desempenho naquele nível de desenvolvimento linguístico.

Por seu lado, os dados da tarefa de produção de frases (Teste de completamento de frases) corroboram igualmente a hipótese acima formulada, uma vez que os sujeitos de 6.º ano produziram em maior número frases relativas canónicas (52,4% das respostas nos sujeitos do 6.º ano e 39,7% das respostas nos sujeitos do 4.º ano). Relativamente à produção de frases relativas por meio de estratégias não canónicas, os resultados também atestam que os sujeitos de 4.º ano são mais permeáveis ao uso de estratégias não canónicas do que os sujeitos do 6.º ano, o que confirma a tendência para a estabilização e correcção no uso de estruturas linguísticas de crescente complexidade em níveis etários mais elevados. A estratégia preferencialmente utilizada foi a cortadora (20,7% no 4.º ano e 18,2% no 6.º ano), seguida da resumptiva (10,5% no 4.º ano e 6,6% no 6.º ano) e da pseudo-resumptiva, em número reduzido.

Tendo conhecimento dos dados obtidos nas experiências realizadas no 9.º e 12.º anos, e comparando os resultados dos níveis etários mais baixos, conclui-se que o desempenho dos alunos de 6.º ano relativamente à aceitabilidade e produção de relativas canónicas se aproxima percentualmente do dos níveis etários mais elevados, ou seja, da gramática-adulta.

Hipótese 2 – “ De acordo com os resultados obtidos em experiências anteriores, espera-se que as estruturas relativas com NPs sejam mais acessíveis do que as estruturas com PPs.”

Os dados obtidos não são totalmente conclusivos, já que diferem nas tarefas realizadas pelos sujeitos. Assim, na tarefa de enunciação de juízos de gramaticalidade, a percentagem de erro mais elevada, em ambos os ciclos de ensino, contrariamente ao esperado, incide sobre as relativas de NP, ainda que a diferença não seja significativa como se verifica no quadro abaixo apresentado.

Percentagem de erro		
Tipo de constituinte relativizado	4.º ano	6.º ano
Relativa NP	25,7%	25,3%
Relativa PP	20,0%	15,2%

Por outro lado, os resultados obtidos na tarefa de produção (Teste de completamento de frases) vêm confirmar, de forma peremptória, a hipótese 2, isto é, a produção de uma relativa com um constituinte nominal é mais acessível do que a produção de uma relativa com um constituinte preposicionado. A percentagem de erro incide, como tal, sobre as frases relativas PP, como é dado observar no quadro seguinte.

Percentagem de erro		
Tipo de constituinte relativizado	4.º ano	6.º ano
NP	22,5%	15,5%
PP	72,5%	58,8%

A maior percentagem de frases relativas canónicas foi produzida pelos sujeitos, quando o constituinte a relativizar era um NP e, mais frequentemente, em níveis etários mais

elevados, o que corrobora hipóteses já defendidas noutros estudos (Vasconcelos (1991) e Rebelo (2000)).

Produção de frases relativas canónicas		
Tipo de constituinte relativizado	4.º ano	6.º ano
NP	77,5%	84,5%
PP	27,5%	41,3%

A diferença no desempenho dos sujeitos nos dois tipos de teste pode decorrer da concepção do estímulo. A maioria das frases relativas canónicas do teste de enunciação de juízos de gramaticalidade incluía o encaixe de uma frase subordinada completiva, facto que pode ter causado problemas no processamento e, conseqüentemente, levado à não aceitabilidade das mesmas.

O que de facto é de salientar é a produção crescente de frases relativas canónicas do 4.º para o 6.º ano, com uma diferença percentual significativa no que respeita ao constituinte a relativizar. Destaca-se ainda uma tendência generalizada nos dois níveis de ensino para a utilização da estratégia cortadora sempre que o constituinte a relativizar é PP, o que confirma a estabilização da produção de uma dada estratégia em detrimento de outra. Como forma de exemplificar esta tendência, registam-se duas construções produzidas pelos sujeitos.

- (1) **O quadro tinha uma moldura dourada. Eu coleí um autocolante nesse quadro.**
O quadro que eu coleí um autocolante tinha uma moldura dourada. (F.129.4:6)
- (2) **O Sr. João levou o carro à oficina por causa dos travões. O filho trabalha nessa oficina.**
O Sr. João levou o carro à oficina que o filho trabalha por causa dos travões. (M.136.6:21)

Tal como ficou exposto no enquadramento teórico, a hipótese que sustenta estes resultados é que uma relativa preposicionada canónica exige uma maior complexidade do ponto de vista da produção, dado que envolve *pied-pipping*, ou seja, o deslocamento de todo o constituinte preposicionado. Podemos então considerar que sempre que há necessidade de

mover constituintes e deslocar material lexical “mais pesado”, a estratégia canónica, por ser a que envolve maior custo, será aquela em que os sujeitos apresentarão um desempenho mais afastado do padrão. Pelas alterações introduzidas nas frases-estímulo, constata-se que a construção de uma frase não relativa (coordenada, subordinada) é também uma estrutura preferida, sempre que possível, a uma relativa (cf.(3)). Noutros casos, para evitar o arrastamento de itens lexicais, os sujeitos alteram a função sintáctica da frase-estímulo para uma função que lhes é mais acessível, mesmo que isso implique a construção de outra estrutura sintáctica (cf.(4)). Neste último exemplo, a construção de uma passiva parece contribuir para a simplificação estrutural do enunciado.

- (3) **Os alunos deram ao bicho-da-seda folhas de amoreira tenrinhas. O professor ofereceu uma caixa nova a esse bicho-da-seda.**

Os alunos deram ao bicho-da-seda uma caixa nova e folhas de amoreira tenrinhas.
(M.1083.4:15)

- (4) **A escola transportou no autocarro os alunos do 6.º ano. Fizeram uma inspecção a esse autocarro.**

A escola transportou no autocarro que foi inspeccionado os alunos do 6.º ano.
(M.596.4:7)

No que concerne ainda à produção de relativas PP, os dados obtidos evidenciam uma tendência para a utilização incorrecta das preposições decorrente, muito possivelmente, da não estabilização das regências verbais. Os valores obtidos na tarefa dos juízos de gramaticalidade, aquando da correcção de relativas resumptivas e cortadoras PP, atestam muito mais essa dificuldade do que os dados obtidos na tarefa de completamento de frases. Os resultados da tarefa dos juízos denotam uma evolução no desempenho linguístico dos sujeitos do 4.º para o 6.º ano. Enquanto 17,7% dos sujeitos do 4.º ano produzem um erro de regência na correcção de relativas resumptivas, no 6.º ano este erro ocorre, apenas, em 9,5% das respostas. Já na correcção de relativas cortadoras PP, a diferença dos valores percentuais não é significativa: no 4.º ano, 30,8% dos sujeitos utilizam incorrectamente a preposição, enquanto no 6.º ano a percentagem obtida foi de 32,8%.

Hipótese 3 – *“De acordo com a hierarquia de funções sintáticas definida para o PE, espera-se que as frases em que o constituinte movido é, em particular, um SU sejam as mais acessíveis, seguidas, por ordem de crescente dificuldade, pelas frases em que esse constituinte é um OD, um OI, um OBL e, finalmente, um GEN.”*

Os resultados obtidos vêm infirmar, em certa medida, a referida hipótese. De acordo com a hierarquia de acessibilidade proposta por Keenan e Comrie (in Tarallo, 1983), esperava-se que as posições sintáticas mais acessíveis surgissem, num crescendo de complexidade: SU; OD; OI; OBL e GEN.

De facto, na tarefa de enunciação de juízos de gramaticalidade, a percentagem de erro é inferior quando a relativa apresentada é uma relativa SU (20,4% nos sujeitos de 4.º ano e 24,7% nos sujeitos de 6.º ano). De acordo com a evolução do desenvolvimento linguístico, esperava-se que a percentagem de erro no nível etário mais elevado fosse menor, o que não acontece.

Na verdade, apesar de percentualmente mais elevada no 6.º ano, a diferença entre os níveis é aparente, dado que, quando corrigiram a maioria das frases relativas SU, os sujeitos do 6.º ano introduziram alterações pouco significativas em 58,8% dos casos, pelo que mantiveram uma relativa canónica de SU, ao contrário dos sujeitos do 4.º ano, que mantiveram uma relativa canónica em apenas 47,4% das respostas. Analisando qualitativamente as produções dos sujeitos, pode concluir-se que, na maioria das respostas, os sujeitos do 6.º ano apresentam um melhor desempenho na aceitabilidade de relativas canónicas de SU.

Das restantes funções sintáticas, quer nas respostas obtidas no 4.º quer no 6.º ano, as relativas OD são aquelas em que os sujeitos revelam um desempenho menos conforme ao padrão, isto é, uma percentagem de erro mais elevada: 33,3% no 4.º ano e 26% no 6.º ano, o que vem corroborar resultados obtidos noutros estudos sobre relativas. Como é defendido em vários trabalhos (Costa, Lobo e Silva (2008) e Reis (2008)), uma relativa OD é mais difícil de

produzir do que uma relativa SU, dado que aquela implica a não preservação da ordem canónica e esse é um argumento que pode explicar a assimetria existente entre estes dois tipos de relativas. Além disso, os dados obtidos revelam ainda que, em alguns casos, os sujeitos confundem os papéis temáticos dos constituintes e alteram a sua função categorial. É precisamente a presença de dois constituintes nominais que dificulta de algum modo a identificação correcta do *gap* o que, por consequência, origina uma menor destreza na aceitabilidade destas estruturas, comparativamente a relativas “encabeçadas” por constituintes preposicionais. Pode pensar-se que a dificuldade que aquele tipo de estrutura oferece é semelhante ao que sucede com a construção de passivas reversíveis⁷⁸, podendo um mesmo constituinte desempenhar dois papéis temáticos (Diessel, 2004). Assim, para se compreender a dificuldade na produção de relativas canónicas OD podem aduzir-se como argumentos a ordem de palavras e a natureza gramatical dos constituintes envolvidos.

De qualquer forma, os dados também permitem concluir que há uma evolução na produção de relativas OD entre os dois níveis de ensino, uma vez que a percentagem de erro é menor nos dados dos sujeitos de 6.º ano, o que reitera a hipótese de que o desenvolvimento linguístico é contínuo e gradual.

Os valores abaixo apresentados dão conta do desempenho dos sujeitos na presença de relativas OI,OBL e GEN, na tarefa dos juízos de gramaticalidade. As respostas obtidas são evidência de que as relativas OBL são mais aceitáveis do que as relativas OI, ainda que a diferença não seja significativa. As relativas GEN também apresentam percentagens de erro muito próximas das relativas OI.

⁷⁸ Uma passiva semanticamente reversível consiste numa estrutura em que o sujeito possui o traço semântico [+animado], o que satisfaz o requisito semântico de argumentos com papel de agente. Alguns autores (Slobin and Bever (1982); Villiers and de Villiers (1973) propõem que as construções relativas são interpretadas segundo uma estrutura NP V NP. Segundo Townsend and Bever (2001, *apud* Diessel, 2004:122): “the initial NP is interpreted as the actor of the activity expressed by the verb, which affects the second NP functioning as the patient or undergoer”.

Função sintáctica do constituinte relativizado	Percentagem de erro	
	4.º ano	6.º ano
OI	20,8%	18,8%
OBL	19,2%	11,6%
GEN	20,0%	18,7%

Pelas transformações efectuadas nas frases relativas OI, depreende-se que os sujeitos apresentam dificuldades na flexão do pronome, alterando-o muito frequentemente. A razão da não aceitabilidade pode, pois, decorrer do desconhecimento do pronome relativo. Essas alterações ocorrem de forma mais significativa nos dados dos sujeitos do 4.º ano, facto que também era expectável. Sabendo que a produção de frases relativas com pronomes é determinada pelo conhecimento destes itens lexicais, que decorrem de um processo de aprendizagem, poderá supor-se que a performance linguística dos sujeitos nestes ciclos de ensino se encontra, portanto, condicionada por factores morfológicos e lexicais.

Se nos resultados decorrentes da tarefa dos juízos de gramaticalidade a hipótese 3 foi parcialmente infirmada, a verdade é que, na tarefa de produção, os dados atestam de forma clara a hierarquia de acessibilidade acima referida.

Função sintáctica do constituinte relativizado	Percentagem de erro	
	4.º ano	6.º ano
Relativa SU	16,0%	8,5%
Relativa OD	29,0%	22,5%
Relativa OI	67,3%	59,8%
Relativa OBL	77,8%	57,8%
Relativa GEN	87%	67,0%

De facto, a percentagem de erro incide nas relativas que apresentam como marcador relativo um constituinte preposicional e, de forma significativa, nos contextos que propiciavam a produção de um marcador genitivo. Um dos argumentos que pode justificar a baixa ocorrência (13% no 4.º ano e 33% no 6.º ano) deste tipo de relativas na produção linguística dos sujeitos é o facto de o marcador relativo *cuyo* ser uma forma em desuso e, como tal, não se

encontrar presente de uma forma robusta no *input* oral a que estão expostos, tal como outros pronomes relativos (o qual, a qual). Por outro lado, entende-se que a presença dos marcadores relativos pronominais na produção pode ser reforçada pela aprendizagem formal e, como tal, porque estes sujeitos se encontram em ciclos de ensino iniciais, compreende-se que ainda não tenham sistematizado esse conhecimento. O que é esperado é que em níveis etários mais altos e mais escolarizados o desempenho seja substancialmente melhor na produção de frases PP.

Hipótese 4 – *“Estando a estratégia de relativização seleccionada correlacionada com a função gramatical desempenhada pelo constituinte relativizado, e admitindo com maior frequência a estratégia resumptiva para as relações gramaticais que ocupam uma posição mais baixa na hierarquia sintáctica, a estratégia resumptiva será também tanto mais aceitável quanto maior for a distância do pronome resumptivo em relação ao constituinte que serve de antecedente⁷⁹.”*

Os dados corroboram esta hipótese, embora de forma diferente nos dois tipos de tarefa. Partindo da ideia de que o duplo preenchimento numa frase relativa é tanto mais fácil quanto maior for a distância entre o constituinte relativizado e o *gap*, esperava-se que o pronome resumptivo fosse preferencialmente aceite ou produzido em frases relativas com relações gramaticais OI, OBL e GEN do que com funções de sujeito e objecto. Nos resultados decorrentes da aplicação do teste dos juízos de gramaticalidade, a estratégia resumptiva atinge uma percentagem de aceitabilidade elevada nos dois níveis de ensino, 59,9% no 4.º ano e 46,6% no 6.º ano. A diferença percentual é evidência de que os sujeitos do 6.º ano consideram esta estratégia mais marginal do que os do 4.º ano.

Relativamente à aceitabilidade da estratégia resumptiva com as diferentes funções sintácticas, constata-se que a menor percentagem incide sobre a função sintáctica de SU, em

⁷⁹ “Convém notar que [...] o duplo preenchimento se torna tanto mais fácil quanto maior for a distância entre o constituinte relativo e a sua posição de origem” (Peres & Mória, 1995: 307).

ambos os níveis de ensino, com 41% no 4.º ano e 23% no 6.º ano. A maior percentagem de aceitabilidade recai sobre as frases com constituintes relativos com a função sintáctica OI, OBL e GEN, ainda que seja percentualmente inferior nas respostas dos sujeitos de 6.º ano.

Analisando qualitativamente os dados decorrentes das correcções feitas nas frases resumptivas SU e OD não aceitáveis, a maioria dos sujeitos introduz uma alteração que origina uma frase canónica (resumptivas SU: 4.º ano (73,7%) e 6.º ano (75,8%); resumptivas OD: 4.º ano (58,5%) e 6.º ano (83,3%)), isto é, elimina o pronome duplicado. Quando levados a corrigir as frases resumptivas OI, OBL e GEN não aceitáveis, a maioria dos sujeitos não é capaz de construir uma frase canónica, introduzindo alterações que mantêm a frase como não canónica, o que significa que a estratégia resumptiva ou outra estratégia não canónica são mais acessíveis na produção de estruturas com maior complexidade sintáctica. Uma das alterações frequentes nas resumptivas PP não aceitáveis é a supressão do pronome resumptivo e a manutenção do complementador, concluindo-se pois que os sujeitos admitem desta forma a estratégia cortadora.

É de salientar o facto de, na transformação de relativas resumptivas para relativas canónicas, os sujeitos do 6.º ano atingirem melhores níveis de desempenho, como se observa pelas percentagens do quadro seguinte, o que denota um maior conhecimento deste tipo de estruturas.

Estratégia/Função sintáctica	Alteração para frase canónica	
	4.º ANO	6.º ANO
Resumptiva SU	73,7%	75,8%
Resumptiva OD	58,5%	83,3%
Resumptiva OI	7,2%	13,2%
Resumptiva OBL	5,2%	22,1%
Resumptiva GEN	1,9%	10,7%

Os dados do teste de produção, revelaram-se mais precisos relativamente à produção de frases resumptivas com as funções sintácticas OI, OBL e GEN. Não sendo esta a estratégia não canónica preferencialmente utilizada, dado que apenas 10,5% dos sujeitos produzem relativas resumptivas no 4.º ano e 6,6% dos sujeitos no 6.º ano, a sua ocorrência com determinadas funções sintácticas está de acordo com o que era esperado, como se observa nos seguintes resultados.

Estratégia/Função sintáctica	4.º ano	6.º ano
Resumptiva SU	2%	1%
Resumptiva OD	7,5%	2,5%
Resumptiva OI	7,3%	4,5%
Resumptiva OBL	20%	11,5%
Resumptiva GEN	10,5%	10%

Assim, corroborando asserções defendidas em Alexandre (2000), podemos considerar que o facto de a estratégia resumptiva ser utilizada preponderantemente nas posições mais baixas da hierarquia sintáctica é uma forma alternativa de evitar o arrastamento de material lexical (*pied piping*), movimento das relativas canónicas que exige uma maior sobrecarga no processamento da informação.

Hipótese 5 – *“Uma vez que os pronomes pessoais têm como referentes preferenciais NPs humanos, espera-se que os pronomes resumptivos produzidos sejam preferencialmente referentes a NPs [- hum].”*

Esperava-se que os dados demonstrassem que a produção de relativas resumptivas ocorria preferencialmente com constituintes [- hum], no entanto, os resultados obtidos infirmam esta hipótese. Não sendo muito significativa a diferença percentual, a verdade é que

quer no 4.º ano quer no 6.º ano a percentagem de produção de frases relativas é mais elevada com um constituinte [+hum].

Hipótese 6 – *“A utilização da estratégia cortadora é particularmente utilizada no discurso oral não planeado. É um tipo de estratégia sensível ao tipo de preposição seleccionada pelo verbo e é admitida mais frequentemente com preposições sem conteúdo semântico. Uma vez que se trata de discurso escrito, espera-se que as frases relativas com recurso à estratégia cortadora sejam pouco frequentes e que sejam sobretudo aceitáveis e produzidas em contextos verbais que seleccionem preposições semanticamente vazias.”*

Os dados obtidos demonstram que, entre as estratégias não canónicas, a cortadora é a mais aceitável, em ambos os níveis de ensino (66% no 4.º ano e 76% no 6.º ano), sendo também a mais utilizada no teste de produção escrita (20,7% no 4.º ano e 18,2% no 6.º ano).

Como referido na discussão da hipótese 4, as alterações introduzidas nas relativas resumptivas não aceitáveis da tarefa dos juízos provam que a aceitabilidade da estratégia cortadora é muito elevada, mesmo no registo escrito, dado que muitas transformações passaram pela eliminação do resumptivo e manutenção do complementador.

Do que ficou exposto, e considerando estudos anteriores (Peres e Mória (1995); Arim *et al.* (2005)), os resultados confirmam que estratégia cortadora é mais produtiva do que a resumptiva e ocorre com muita frequência na produção escrita dos sujeitos em estudo.

Da descrição dos dados foi ainda possível determinar o desempenho dos sujeitos relativamente ao tipo de preposição preferencialmente omitida. Sabe-se que a estratégia cortadora é sensível ao tipo de preposição seleccionada pelo verbo e é admitida mais frequentemente com preposições sem conteúdo semântico. As respostas dadas pelos sujeitos atestam que a ocorrência da estratégia cortadora não ocorre apenas em contextos verbais que seleccionam preposições semanticamente vazias, como também em contextos que seleccionam preposições com conteúdo semântico, tais como “contra”, “para”, “por” e “com”,

o que infirma parcialmente a hipótese formulada e evidencia a representatividade da estratégia cortadora no discurso dos sujeitos. De facto, em ambos os níveis de ensino, as preposições mais frequentemente omitidas são as preposições “de” e “a” “com verbos tendencialmente associados à estratégia cortadora, como: “precisar”; “falar” e “gostar” e ainda a preposição “em” integrada em expressões como “no momento em que”, como atestam estudos anteriores (Arim e *al.* (2005)). Não obstante, é de salientar uma outra tendência que consiste na aceitabilidade da omissão da preposição “a” quando regida por verbos ou expressões que seleccionam um complemento OI, isto é, que não são considerados tipicamente cortadores, como: “obedecer”, “doar”, “oferecer” e “achar piada a”, “prestar atenção a”. Aliás, as correcções feitas nas relativas canónicas OI não aceitáveis, na tarefa dos juízos, reforçam esta tendência, dado que um dos erros mais significativos é a construção de uma relativa cortadora (12,5% no 4.º ano e 13,6% no 6.º ano). O facto de os sujeitos admitirem frequentemente a omissão da preposição neste contexto é indício de que o conhecimento das relativas não se encontra estabilizado nesta faixa etária e de que o registo oral poderá estar a influenciar largamente a produção escrita dos sujeitos.

Hipótese 7 – *“Considerando os estudos anteriores (Peres e Mória, (1995); Alexandre (2000); Arim et al.(2005)), é de esperar que a estratégia resumptiva (e, talvez, a pseudo-resumptiva), mais marcada, seja muito menos produtiva que a cortadora, apresentando esta já uma presença considerável⁸⁰.”*

Os dados obtidos na tarefa dos juízos permitem concluir que os sujeitos de ambos os níveis de ensino aceitam com mais frequência uma relativa cortadora (76,6% no 4.º ano e 76% no 6.º ano) do que uma relativa resumptiva (70,7% no 4.º ano e 59,2% no 6.º ano). De igual forma, os dados decorrentes do teste de completamento de frases são indicadores da preferência dos sujeitos pela estratégia cortadora na produção de relativas restritivas (20,7%

⁸⁰ No estudo de Arim *et al.* (2005), a frequência com as diferentes estratégias de relativização ocorrem são as seguintes: canónicas – 71%; cortadoras – 28%; resumptivas – 1%.

no 4.º ano e 18,2% no 6.º ano), quando comparados com os resultados relativos à estratégia resumptiva (10,5% no 4.º ano e 6,6% no 6.º ano). Depreende-se assim que a estratégia resumptiva é menos produtiva do que a cortadora, apesar de esta, de acordo com estudos diacrónicos (Tarallo (1985)) ser mais recente, sobretudo no PB, do que a estratégia resumptiva. Sabendo que nas duas estratégias há ausência de movimento-*wh* e que o morfema invariável *que* que as introduz é morfofonologicamente igual ao complementador que introduz frases subordinadas completivas, com o traço[-wh], torna-se importante reflectir sobre a preferência pela estratégia cortadora. De facto, na derivação destas estruturas, a estratégia resumptiva é mais complexa e exige mais passos, dado que implica a produção de um resumptivo, ainda que este funcione como estratégia “*last resort*”. A estratégia cortadora, evitando o *pied piping* de constituintes sintacticamente mais pesados e, apagando na componente fonológica o constituinte relativizado, contribui para um maior simplificação estrutural, sendo por isso preferida pelos sujeitos. Os dados demonstram que há duas gramáticas em competição, no entanto, a estratégia cortadora parece ser preponderante mesmo na produção escrita, muito provavelmente por influência do *input* oral, onde a presença desta estratégia é preponderante. Tendo em conta que os sujeitos em estudo se encontram em ciclos de ensino iniciais, torna-se necessário repensar o peso da aprendizagem formal em contexto escolar, como referem Sim-Sim, Duarte e Ferraz (1997:35): “[compete à escola] contribuir para o crescimento linguístico de todos os alunos estimulando-lhes o desenvolvimento da linguagem e promovendo a aprendizagem das competências que não decorrem do processo natural de aquisição.”

Embora o presente estudo se detenha na análise da produção escrita, é interessante comparar a representatividade da estratégia resumptiva nos dados em análise com um estudo de Veloso (2007) sobre a produção de relativas, num *corpus* de língua falada do PE, onde se evidencia também uma baixa ocorrência da estratégia resumptiva (2%), mesmo em contextos

que favoreciam o seu aparecimento, o que reforça a hipótese de que esta é uma estratégia menos produtiva.

Os dados obtidos permitiram ainda tirar conclusões relativamente à aceitabilidade/ocorrência de uma estratégia que nos pareceu propositado incluir neste estudo: a estratégia pseudo-resumptiva. Tal como ficou exposto anteriormente, nas frases-estímulo, foram contempladas apenas as relativas resumptivas OI, OBL e GEN. Esta estratégia, tal como a resumptiva, permite a retoma da informação anteriormente dada como forma de tornar a estrutura sintáctica mais transparente e mais facilmente processável, no entanto, porque é mais custosa, torna-se também menos produtiva. Repare-se que o recurso a esta estratégia implica o movimento de constituintes em simultâneo com a utilização de pronomes resumptivos, isto é, admite o duplo preenchimento, estando a posição de especificador preenchida com o pronome correspondente à função sintáctica do constituinte movido.

Na tarefa dos juízos de gramaticalidade, ainda que os sujeitos do 4.º ano considerem mais aceitáveis as relativas pseudo-resumptivas e os de 6.º ano as relativas cortadoras, a percentagem de aceitabilidade de pseudo-resumptivas é significativa em ambos os níveis de ensino (70,9% no 4.º ano e 56,8% no 6.º ano). Contrariamente, o teste da produção demonstra que os sujeitos utilizam esta estratégia com muito pouca frequência, para produzir relativas (0,7% no 4.º ano e 0,4% no 6.º ano).

Destes dados, podemos retirar duas ilações: i) os sujeitos são sensíveis ao uso da estratégia, aceitando o mecanismo que duplica o pronome que já se encontra realizado e ii) os sujeitos não são capazes de utilizar a estratégia na produção por duas razões: a presença do movimento de constituintes, o que reforça a tendência para bloquear o *pied piping* e gerar construções económicas, e o conhecimento do sistema de pronomes que ainda não se encontra estabilizado no léxico dos sujeitos.

A diferença percentual dos resultados entre os dois níveis é mais uma vez um indicador de progressão no que respeita ao desenvolvimento linguístico dos falantes e à sua capacidade de correcção relativamente a estruturas agramaticais da língua materna. Aliás, no que concerne à correcção linguística, as alterações feitas nas relativas pseudo-resumptivas não aceitáveis, na tarefa dos juízos, demonstram que os sujeitos do 6.º ano transformam frequentemente as frases pseudo-resumptivas em frases canónicas (66,5% no 6.º ano e 49,6% no 4.º ano), facto que é representativo da preferência por esta estratégia.

Hipótese 8 – *“As frases relativas encaixadas à direita serão mais facilmente processáveis que as encaixadas ao centro.”*

Os dados são evidência de que as relativas EC não são mais difíceis do que as relativas ED, uma vez que a produção de relativas canónicas, nos dois níveis de ensino, é um pouco mais significativa em contextos EC, ainda que as diferenças não sejam muito significativas. Vasconcelos (1991) considera que o facto de não existirem frases EC no discurso das crianças de cinco anos está relacionado com a questão do planeamento do discurso. Assim, podemos pensar que os dados dos sujeitos em análise revelam um maior desenvolvimento cognitivo e linguístico que lhes permite produzir relativas com encaixe ao centro na faixa etária em que se encontram.

6 Conclusão

O presente trabalho de investigação pretendeu dar um contributo para o estudo das orações relativas em PE, tentando determinar as estratégias de relativização mais acessíveis aos sujeitos na faixa etária entre os 10 e os 12 anos e compreender de que forma as preferências de aceitabilidade e produção de frases são indicadores de estádios de desenvolvimento linguísticos distintos.

Das estratégias disponíveis para produzir uma oração relativa, constatou-se que a canónica, aquela que envolve movimento-*wh* e está descrita nas gramáticas, é a que mais expressividade tem no *corpus*, no entanto, das estratégias não canónicas, que se consideram marginais e mais presentes no registo oral, a cortadora é a mais aceite na tarefa de enunciação de juízos e a mais utilizada na tarefa de produção. Conclui-se, pois, que é a estratégia não canónica mais produtiva para os sujeitos em estudo. Retomando Alexandre (2000), assume-se ainda que sendo uma estratégia mais recente tem uma percentagem de frequência na produção escrita muito elevada. Na verdade, esta estratégia é estruturalmente menos complexa e são necessários poucos passos para formar a derivação, assumindo-se como uma derivação económica e menos custosa do que a canónica ou a resumptiva. A resumptiva tem, contudo, a vantagem de tornar a estrutura sintáctica mais transparente, permitindo a recuperação de informação do antecedente por meio da utilização de um constituinte pronominal que duplica morfofonologicamente o antecedente.

O facto de a estratégia cortadora ser muito utilizada pode ser uma evidência de que os pronomes relativos podem estar a ser tendencialmente substituídos por um constituinte que funciona como marcador da subordinação (*que*). O uso desta estratégia na escrita é um indício de que há uma gramática em competição, com fixação diferente nos parâmetros.

Na faixa etária em questão, os dados mostram também que os sujeitos produzem as estruturas que têm disponíveis e aquelas que estão mais presentes no *input* linguístico, além de que os “erros” não podem ser imputados à falta de competência gramatical. A coerência de certo tipo de respostas é evidência de que determinadas estruturas estão mais acessíveis do que outras, num dado momento do desenvolvimento linguístico. Por exemplo, o facto de não produzirem de forma significativa relativas canónicas com pronomes relativos distintos de *que* é uma evidência de que a aquisição do léxico é determinante e funciona como detonador sintáctico. Neste ponto convém referir a utilização de alguns pronomes nas respostas dos sujeitos que provam que há uma mudança efectiva, pois parecem estar a perder a qualidade de se diferenciarem de acordo com a função sintáctica. Um dos exemplos é utilização do pronome locativo “onde” (*A Mariana tirou a tinta à caneta onde depois ofereceu à Catarina.* (M.136.6:74)) que surge com a função de conector indiferenciado. Esta tendência pode contudo ser invertida por meio da reflexão linguística, em contexto de aprendizagem formal. Será importante reflectir sobre a distinção entre competências que decorrem do processo natural de aquisição e desenvolvimento e o que tem de ser explicitamente aprendido. Neste sentido, a explicitação feita em contexto de sala de aula sobre aspectos fundamentais do funcionamento da língua deverá ser entendida como actividade de desenvolvimento e crescimento linguístico.

Uma vez que esta dissertação é resultado de um trabalho conjunto com uma outra, onde se analisam as produções de sujeitos de 9.º e 12.º anos, listam-se em seguida algumas conclusões que ilustram a evolução do desempenho e da competência linguística dos sujeitos relativamente à produção de relativas restritivas.

1. Aceitabilidade / produção de relativas canónicas: a percentagem de aceitabilidade de relativas canónicas aumenta de forma pouco considerável do 4.º (78,2%) para 6.º ano (81,1%), aumenta consideravelmente no 9.º ano (91,2%) e mantém-se com uma alteração pouco significativa no 12.º ano (91,9%); a percentagem de produção

aumenta significativamente do 4.º para o 12.º ano (39,7% no 4.º ano, 52,4% no 6.º ano 77,8% no 9.º ano e 84,9% no 12.º ano).

2. Aceitabilidade de relativas canónicas por função sintáctica do pronome: a percentagem de aceitabilidade de relativas canónicas aumenta gradualmente do 4.º para o 12.º ano, independentemente da função sintáctica do constituinte relativo; a menor percentagem de aceitabilidade incide sobre relativas OD, no 4.º e 6.º, e sobre as relativas SU, no 9.º e 12.º ano; em todos os grupos se evidencia uma elevada taxa de aceitabilidade de relativas OI, OBL e GEN.
3. Aceitabilidade de relativas resumptivas com encaixe de completiva: a percentagem de aceitabilidade diminui gradualmente do 4.º para o 12.º ano (60,4%; 48,6%; 20,9% e 7%) o que significa que a presença de estruturas mais complexas tende a não propiciar a activação desta estratégia na gramática-adulta.
4. Aceitabilidade da relativa resumptiva [\pm hum]: a percentagem de aceitabilidade de resumptivas diminui gradualmente do 4.º para o 12.º ano, independentemente da natureza do constituinte; os sujeitos do 4.º ano tendem a aceitar mais frequentemente a relativa resumptiva com um constituinte [- hum]; no 6.º ano o valor obtido é o mesmo com constituinte [\pm hum]; os sujeitos do 9.º e 12.º anos aceitam preferencialmente resumptivas com constituinte [+ hum].
5. Aceitabilidade de relativas canónicas NP e PP: a percentagem de aceitabilidade aumenta gradualmente do 4.º para o 12.º ano, independentemente da natureza do constituinte relativizado; a percentagem de aceitabilidade é elevada nos quatro grupos e todos tendem a aceitar mais frequentemente as relativas PP.
6. Produção de relativas canónicas por tipo de encaixe (EC/ED): quer em contexto de EC quer em contexto de ED, a produção de relativas aumenta gradualmente de 4.º para

12.º anos; a produção de relativas canónicas EC é mais frequente do que a produção de relativas ED, nos quatro níveis de ensino.

7. Produção de relativas canónicas por função sintáctica do pronome: independentemente da função sintáctica do pronome, a percentagem de produção de relativas canónicas aumenta gradualmente do 4.º para o 12.º ano, ainda que no 12.º ano, a produção de relativas diminua, de forma pouco significativa, com pronome OD e GEN, comparativamente aos resultados do 9.º ano.
8. Produção de relativas canónicas com constituinte [\pm hum]: a produção de relativas é gradual do 4.º para o 12.º ano, independentemente da natureza do constituinte; os sujeitos de 4.º produzem mais relativas canónicas com constituinte [+hum]; as diferenças nos restantes grupos são pouco significativas e esta variável não é determinante na produção de relativas canónicas.
9. Produção de relativas canónicas NP e PP: todos os sujeitos tendem a produzir mais frequentemente relativas NP; a percentagem de produção de relativas canónicas NP aumenta do 4.º para 9.º ano e diminui de forma pouco significativa no 12.º ano; a percentagem de produção de relativas canónicas PP aumenta gradualmente de 4.º para 12.º ano.

No que concerne à avaliação do desenho experimental utilizado, é importante salientar que as tarefas propostas, mesmo fornecendo um conjunto robusto de informação sobre as estruturas sintácticas em estudo, apresentam limitações, apesar de os testes terem sido aplicados numa fase-piloto e reformulados em função disso. Uma dessas limitações diz respeito ao vocabulário e à extensão de alguns enunciados, aspectos que poderiam ter sido mais trabalhados, no sentido de os testes serem mais acessíveis aos níveis de ensino mais baixos, o que de facto implicaria a aplicação de mais um teste-piloto. A complexidade de

alguns enunciados, sobretudo na tarefa dos juízos, poderá ter influenciado o desempenho dos sujeitos. Por outro lado, a extensão dos testes contribuiu para um certo cansaço manifestado pelos sujeitos de idades mais precoces, no final da realização das tarefas, ainda que a realização dos mesmos tivesse sido distribuída por várias sessões.

Em relação ao modelo teórico adoptado, é possível concluir que a gramática das relativas, sendo activada precocemente, de acordo com os princípios disponíveis ao longo do processo de aquisição, vai evoluindo gradualmente no decorrer das diferentes etapas desenvolvimento linguístico. O facto de os sujeitos não excluírem determinados enunciados da gramática do PE e de produzirem outros, que são entendidos como desvios à norma linguística, reforça a hipótese de fixação de valores de parâmetros assumida no presente estudo.

Anexos

Anexo I - Teste 1 - Enunciação de Juízos de Gramaticalidade

CÓDIGO DE IDENTIFICAÇÃO

Leia atentamente a lista de frases que encontra nas páginas seguintes e coloque no início de cada uma das frases os seguintes símbolos, respeitando as instruções fornecidas:

- d) Coloque um * (asterisco) no início das frases que considerar erradas;
- e) Coloque um ✓ (certo) no início das frases que considerar correctas;
- f) Coloque um ? (ponto de interrogação) no início das frases sobre as quais tem dúvidas quanto à correcção.

Exemplo:

* O presente que a Joana mais gostou foi o perfume.

1. Recebi uma carta que penso que não é para mim.
2. A velhinha cuja porta tu foste bater é minha avó.
3. O contrato do qual falámos dele no sábado tem irregularidades.
4. Foi raptado o meu primo que ele estava de férias na praia.
5. O assunto sobre o qual conversámos na semana passada foi tema de um debate.
6. O autocarro parou na vila que o meu pai disse que passámos por lá no fim-de-semana passado.
7. Começou o jogo cujo resultado eu apostei.
8. Em campo está o árbitro que todos os jogadores disseram mal dele.
9. O meu avô ofereceu-me um mealheiro cujo orifício dele eu acho que é pequeno para as moedas de 2€.
10. Arranquei duas folhas ao caderno ao qual já tinha arrancado as capas.
11. Encontrei a máquina que vou precisar amanhã.
12. Dei positiva ao aluno que julgo que lhe tinha dado negativa no ano passado.
13. O Presidente da República lançou a pedra que serviu de base ao edifício.
14. A cantora deu um autógrafo àquela minha amiga que tu a encontraste no Porto.

15. Escrevi uma composição sobre aquela menina desaparecida que a televisão já falou muito.
16. Os banhistas falavam de um barco que eu tenho a certeza de que ele foi roubado da marina ontem à tarde.
17. A minha mãe deu roupa ao menino cujo pai dele está desempregado.
18. O árbitro discutiu com o jogador que os adeptos acham que a Federação o castigou na época passada.
19. Afinal, o emprego que tanto lutaste desiludiu-te.
20. Fui obrigada a obedecer às regras que acredito que elas são as mais injustas de todas.
21. Os meus pais visitaram o país em que o terramoto se sentiu com mais intensidade nele.
22. A tia de quem eu falo muitas vezes é uma pessoa simpática.
23. Vimos na televisão a ponte que creio que o nosso primo trabalhou nela.
24. Foi fechada a casa de banho cuja porta te empurrei.
25. O miúdo cortou os rebentos à roseira que o jardineiro afirmou que tinha deitado fertilizante nela.
26. O crime que o juiz se pronunciou é horrendo.

27. A rapariga cujo pai dela é juiz é a melhor jogadora de futebol da selecção nacional.
28. O técnico instalou um jogo no computador cujo teclado estava estragado.
29. O jornal que tu me disseste que as notícias dele são falsas foi processado.
30. O clube de futebol que ofereci cinquenta bolas faliu.
31. Já entrevistei o escritor que eu acho que tu escreveste uma crónica sobre ele no jornal.
32. Comprei bichos-da-seda ao aluno a quem acho que comprei rebuçados no ano passado.
33. Teve um acidente o cliente que eu já tinha falado no seguro automóvel.
34. O músico inglês que eu creio que a rapariga gosta dele toca bateria.
35. O automóvel que eu penso que o tio viajou nele até ao Algarve tem mais de 50 anos.
36. A cana de pesca à qual o Miguel tirou o anzol não é minha.
37. Os alunos encontraram finalmente os materiais que necessitavam para elaborar o trabalho.
38. O cantor que entrou na sala deu autógrafos às crianças.

- 39.** O professor encontrou-se com um Encarregado de Educação que o director já lhe tinha dado autorização para entrar na sala.
- 40.** Entreguei dez brinquedos àquela instituição de que te tinha falado.
- 41.** Gosto muito do actor sobre o qual tu me falaste dele ontem.
- 42.** Foi feita uma reportagem sobre o futebolista que o Presidente disse que os adeptos lhe deram um soco.
- 43.** A escola convidou o escritor sobre o qual os alunos escreveram uma composição.
- 44.** A minha avó telefonou à minha prima que te tinha falado dela na terça-feira.
- 45.** Há profissões que a sociedade está a prestar cada vez menos atenção.
- 46.** O Afonso votou contra o aluno a quem o resto da turma ofereceu o lugar de delegado.
- 47.** Fugiu o prisioneiro que creio que ele estava inocente.
- 48.** Assim que o concerto terminou, conheci o actor a quem achámos muita piada.
- 49.** A Margarida comprou um carro ao qual eu penso que lhe roubaram a antena ontem.
- 50.** O rei que penso que casou duas vezes morreu ontem.
- 51.** Visitei a quinta cujos milheirais voei a bordo de um balão.

- 52.** O CD que o João diz que elas riscaram não é o meu.
- 53.** O condutor do carro que os médicos do INEM lhe prestaram assistência estava consciente.
- 54.** Tinha comprado ontem aquela lupa que acho que perdi na escola.
- 55.** O Mantorras assinou o livro que a minha mãe o tinha comprado na FNAC.
- 56.** O pai da Margarida entregou um barco àquela colónia de férias à qual lhe tinha oferecido cinco bicicletas no ano passado.
- 57.** Não gosto de sair à noite com colegas que eu não confio muito neles.
- 58.** As regras que os jogadores obedeceram são injustas.
- 59.** Entregámos os documentos ao banco que o meu amigo me disse que arrombaram o cofre-forte dele.
- 60.** O Tomás e o Bernardo encontraram-se com o amigo com o qual jogam ténis nas férias.
- 61.** Viajei com o capacete que o meu pai o deu ao meu irmão no aniversário.
- 62.** O meu avô conhece o general ao qual acho que lhe entregaram uma medalha de ouro durante a cerimónia.
- 63.** Foi comprada ontem a mota que os problemas dela estavam resolvidos.
- 64.** A disciplina cuja prova de aferição tu te preparaste melhor foi a de Matemática.

- 65.** Foram encerradas todas as associações às quais o Estado não lhes deu apoio financeiro.
- 66.** O jornalista filmou um automóvel cujo condutor eu creio que estava embriagado.
- 67.** O Francisco trouxe livros para o aluno que a professora disse que os pais dele tinham pouco dinheiro.
- 68.** A professora de Ciências mostrou o microscópio ao qual lhe faltava a lente principal.
- 69.** Passei pela escola onde vou no próximo ano.
- 70.** Nos últimos Jogos Olímpicos, foram instituídas novas modalidades sobre as quais eu penso que ainda ninguém falou neste programa.
- 71.** Os jornalistas entrevistaram o jogador que o clube lhe ofereceu um carro.
- 72.** O professor de Matemática a quem nós lhe demos um prémio já não está na escola.
- 73.** Foi encontrado o raptor que a polícia o deixou fugir em Setembro.
- 74.** A Mariana tirou a tinta à caneta que depois ofereceu à Catarina.
- 75.** A pedra que os turistas lhe deram um pontapé era a ponta de uma seta romana.
- 76.** Fugiu da cidade o Presidente da Câmara em quem o povo tinha votado nele.

- 77.** O prédio cujo quinto andar pertencia ao João está a ser remodelado.
- 78.** Conheci o jogador que chamam Mágico.
- 79.** Desapareceu o automóvel que o Pedro Lamy ganhou com ele o primeiro prémio.
- 80.** Figo e Pauleta conhecem dois jogadores que eles fazem muita falta à selecção.
- 81.** O Miguel adoptou um filho pelo qual dizem que esperou um ano.
- 82.** A Rita comprou uma mochila que lhe faltava um botão.
- 83.** Gosto muito do ciclista a quem a federação lhe deu um prémio de carreira na Volta a Portugal em Bicicleta.
- 84.** Comprei finalmente um carro que posso confiar nele.
- 85.** O meu pai comprou-me aquele chocolate que eu gosto.
- 86.** Antes do jogo, os jogadores leram as regras às quais tinham de obedecer.
- 87.** O Pelé conhece um homem que o pai dele viveu com os índios da Amazónia.
- 88.** O meu pai vende pizzas ao restaurante a que eu fui lá com os meus colegas da turma do ano passado.
- 89.** Encontrei-me com a mulher que ela estava grávida.
- 90.** Ofereceram um carro novo ao taxista a quem roubaram o táxi na semana passada.

- 91.** Os livros da biblioteca pertenceram à escola antiga que ela ardeu há dois anos.
- 92.** A lei que tu te manifestaste foi aprovada.
- 93.** O pai comprou um computador ao filho que a avó já lhe tinha comprado um telemóvel.
- 94.** Como recordação, fiquei com aquela bússola sem a qual não tínhamos conseguido chegar ao cimo do monte.
- 95.** Devolvi o computador cujo monitor dele é demasiado grande para a minha secretária.
- 96.** Os dois amigos ofereceram uma impressora à associação que o meu pai já lhe tinha oferecido um computador.
- 97.** Portugal prestou auxílio a um país que eu tinha estado de férias nele.
- 98.** O jogador que o treinador elogiou saiu do campo.
- 99.** No fim do espectáculo, encontrei o actor que o público achou muita piada.
- 100.** Entreguei a peça da mota avariada à oficina que o dono dela é meu amigo.
- 101.** Tirei uma fotografia à rapariga com quem o meu vizinho se casou.
- 102.** A minha mãe deu um beijo ao actor a quem a minha irmã lhe tinha pedido o autógrafo ontem.

- 103.** O meu amigo foi de férias para um país que os habitantes dele são quase todos muito pobres.
- 104.** Dei um alarme ao casal de emigrantes cuja vivenda foi assaltada.
- 105.** O gelado cuja chegada tu tanto suspiraste está esgotado.
- 106.** O teu pai acrescentou duas portas ao quarto que fica no sótão.
- 107.** Eu e o dono da fábrica falámos sobre um problema de que eu já falei dele muitas vezes a outras pessoas.
- 108.** As crianças costumavam brincar num jardim que lhe cortaram todas as árvores.
- 109.** O director falou-nos sobre o banco ao qual vendemos grande parte das nossas acções.
- 110.** Os jogadores almoçaram naquele restaurante que o seleccionador nacional também estava nele.
- 111.** A Joana e a Maria estiveram no parque aquático em que eu acho que estive lá com os meus pais.
- 112.** Está esgotado o DVD do concerto que eu fui.
- 113.** A Joana encontrou uma amiga que me disseram que ela cantou uma música no festival da canção.
- 114.** Comprei o jogo de computador sobre o qual li uma crítica na revista.

- 115.** Apresentei o João a uma amiga que ele dizia que a amava perdidamente.
- 116.** Passei por acaso pelo edifício ao qual os ladrões lhe roubaram os azulejos antigos.
- 117.** Emprestámos aquele jogador que não se pode contar.
- 118.** O pai da Inês encontrou as folhas que eu pensei que as tinha perdido no comboio.
- 119.** Os livros que eu penso que o jogador os deu tinham todos uma dedicatória.
- 120.** Encontrámos finalmente o senhor a quem o João lhe entregou as chaves do carro.
- 121.** O Ministro entregou aos habitantes da aldeia telemóveis novos cujos cartões estavam bloqueados.
- 122.** Já está à venda o telemóvel cuja marca tu tanto gostas.
- 123.** O colégio comprou uma carrinha a uma empresa que o meu pai disse que já lhe tinha vendido pneus usados há uns meses atrás.
- 124.** Vi na praia o médico de quem falaram dele no telejornal de domingo.
- 125.** A escola cujo director eu acho que é simpático apareceu na televisão.
- 126.** Conheci dois atletas que estou certo de que lhes entregaram medalhas olímpicas.

- 127.** Telefonei para o meu amigo do qual eu penso que já te falei dele.
- 128.** A instituição de solidariedade que o milionário doou um milhão de euros luta contra a pobreza.
- 129.** Foi premiado pelo Presidente da República o poeta que penso que a Câmara Municipal de Lisboa já lhe tinha dado um prémio.
- 130.** A RTP fez uma reportagem sobre a vila cuja floresta dela foi queimada.
- 131.** O Francisco entrou na escola sem aquele bibe que o Miguel sujou de tinta ontem.
- 132.** Caiu um prédio no centro do Porto que julgo que lhe fizeram obras de remodelação há pouco tempo.
- 133.** O homem a quem dei boleia é pai do teu melhor amigo.
- 134.** Vi na FNAC o jogador que eu sei o nome.
- 135.** O David Beckham apanhou uma bola cuja forma dela eu acho que era defeituosa.
- 136.** Visitei a exposição que eu tenho a certeza de que lhe vão entregar um prémio.
- 137.** O homem cujo filho o meu irmão jogou futebol é aquele.
- 138.** Aplicaram uma pena ao réu que eu sei que muitas pessoas acreditavam nele.
- 139.** Falei aos meus amigos sobre as novas regras que entram em vigor já este ano.

- 140.** Apanhámos umas flores que a minha avó jura que as pétalas delas são venenosas.
- 141.** Imprimi o teste sumativo ao qual eu penso que acrescentei poucas perguntas.
- 142.** Encontrei no metro o homem que o meu primo trabalhou para ele no Verão passado.
- 143.** Fui dar os parabéns àquela vizinha do João de quem se falou muito dela no telejornal.
- 144.** O concerto que acabamos de sair foi filmado pela RTP.
- 145.** O jornalista falou muito do quadro que eu acho que o júri do concurso do ano passado lhe entregou o primeiro prémio.
- 146.** A Carlota apanhou um bocado de neve que depois o João atirou para cima do carro.
- 147.** Os comentadores falaram muito mal do ciclista que o apresentador do programa disse que foi feito um abaixo-assinado contra ele.
- 148.** O concerto estava a melhorar no momento que eu tive de sair da sala.

Anexo II - Teste 2 - Transformação de duas frases simples numa frase relativa

CÓDIGO DE IDENTIFICAÇÃO

Neste exercício deverá transformar conjuntos de duas frases numa frase apenas.

Em primeiro lugar, deverá encaixar a frase 2 dentro da frase 1, tal como nos exemplos seguintes:

1) 1 O menino tem cabelo louro.

2 Esse menino saltou o muro.

O menino que saltou o muro tem cabelo louro.

2) 1 A menina cantou uma canção.

2 A mãe abraçou essa menina.

A menina que a mãe abraçou cantou uma canção.

3) 1 O cantor apresentou uma nova música às fãs.

2 Escreveu a letra dessa música.

O músico apresentou uma nova música cuja letra escreveu às fãs.

ATENÇÃO:

NÃO PODE UTILIZAR “E”, “PORQUE”, “MAS”, NEM QUALQUER OUTRA CONJUNÇÃO PARA UNIR AS FRASES.

NÃO PODE COLOCAR SINAIS DE PONTUAÇÃO ENTRE AS FRASES.

NÃO PODE REPETIR PALAVRAS.

NÃO PODE ALTERAR O TEMPO DOS VERBOS DAS FRASES.

O menino encontrou o amigo ~~e~~ ganhou o prémio.

Os atletas vestiram o equipamento ~~porque~~ o seleccionador escolheu.

O escritor assinou o livro ~~mas~~ tinha a história da sua vida.

O jogador passou a bola ao amigo ~~os~~ adeptos tinham pedido autógrafos a esse amigo.

1. O primo do João veio de França ontem. O primo do João é surfista.
O primo do João _____ veio de França ontem.

2. A banda cantou a música no final do concerto. Concorreu com essa música ao festival.
A banda cantou a música _____ no final do concerto.

3. A camisola é verde. A mãe comprou essa camisola ao Pedro.
A camisola _____ é verde.

4. A Joana entregou à amiga os apontamentos para o trabalho de grupo. Soube a matéria nova por essa amiga.
A Joana entregou à amiga _____ os apontamentos para o trabalho de grupo.

5. A minha mãe ofereceu o relógio ao meu pai. Eu usei esse relógio na festa de aniversário.
A minha mãe ofereceu o relógio _____ ao meu pai.

6. O quadro tinha uma moldura dourada. Eu coleí um autocolante nesse quadro.
O quadro _____ tinha uma moldura dourada.

7. A escola transportou no autocarro os alunos do 6.º ano. Fizeram uma inspecção a esse autocarro.
A escola transportou no autocarro _____ os alunos do 6.º ano.

8. O jogador discutiu com o colega por causa da falta. Esse colega tinha um equipamento azul.
O jogador discutiu com o colega _____ por causa da falta.

9. O actor convidou o amigo para o seu aniversário. Praticou natação com esse amigo.
O actor convidou o amigo _____ para o seu aniversário.

- 10.** Harry Potter negociou com o Bruxo uma proposta irrecusável. Travou uma batalha com esse Bruxo.
Harry Potter negociou com o Bruxo _____ uma proposta irrecusável.
- 11.** O jogador pôs no armário o desenho do filho. Nesse armário guardou o equipamento.
O jogador pôs no armário _____ o desenho do filho.
- 12.** O João emprestou ao amigo o dinheiro para o concerto. Encontrou esse amigo no autocarro.
O João emprestou ao amigo _____ o dinheiro para o concerto.
- 13.** O Director entregou ao actor uma medalha. Esse actor deu uma entrevista ao jornal.
O Director entregou ao actor _____ uma medalha.
- 14.** O empresário negociou com o jogador um contrato milionário. O jornalista entrevistou esse jogador.
O empresário negociou com o jogador _____ um contrato milionário.
- 15.** Os alunos deram ao bicho-da-seda folhas de amoreira tenrinhas. O professor ofereceu uma caixa nova a esse bicho-da-seda.
Os alunos deram ao bicho-da-seda _____ folhas de amoreira tenrinhas.
- 16.** A Floribela comprou um presente às duas crianças. Esse presente tinha um cartão autografado.
A Floribela comprou um presente _____ às duas crianças.
- 17.** Eu só conheci a rapariga hoje de manhã. O Pedro deu um beijo a essa rapariga na semana passada.
Eu só conheci a rapariga _____ hoje de manhã.

- 18.** Dei ao funcionário o relatório de contas. Ofereci um prêmio a esse funcionário no mês passado.
Dei ao funcionário _____ o relatório de contas.
- 19.** Os alunos assistiram à exposição de pintura em grupos de três. O Presidente atribuiu um prêmio a essa exposição.
Os alunos assistiram à exposição de pintura _____ em grupos de três.
- 20.** O carteiro entregou à senhora uma carta registada. A filha dessa senhora emigrou para a Alemanha.
O carteiro entregou à senhora _____ uma carta registada
- 21.** O Sr. João levou o carro à oficina por causa dos travões. O filho trabalha nessa oficina.
O Sr. João levou o carro à oficina _____ por causa dos travões.
- 22.** O guarda-redes defendeu o penálti. Emprestei as luvas a esse guarda-redes.
O guarda-redes _____ defendeu o penálti.
- 23.** O João colocou no cofre as jóias da mulher. Procurou o código desse cofre na agenda.
O João colocou no cofre _____ as jóias da mulher.
- 24.** A escola ofereceu um jantar aos alunos. O escritor entregou cem livros a essa escola.
A escola _____ ofereceu um jantar aos alunos.
- 25.** Eu frequento o parque infantil todas as 3.^{as} feiras. A Catarina Furtado ofereceu um baloiço a esse parque infantil.
Eu frequento o parque infantil _____ todas as 3.^{as} feiras.
- 26.** Os raptos fugiram de carro. A fotografia desses raptos foi distribuída.
Os raptos _____ fugiram de carro.

27. Ela deixou o filme em cima da mesa. O título desse filme era desconhecido.
Ela deixou o filme _____ em cima da mesa.

28. A jornalista escreveu uma crónica no jornal. Eu estudei com essa jornalista.
A jornalista _____ escreveu uma crónica no jornal.

Nesta segunda parte do exercício, deverá transcrever a frase 1 e continuá-la com a frase 2, tal como nos exemplos seguintes:

1) 1 O menino encontrou o amigo.

2 Esse amigo ganhou um prémio.

O menino encontrou o amigo que ganhou um prémio.

2) 1 O jogador passou a bola ao amigo.

2 Os adeptos pediram autógrafos a esse amigo.

O jogador passou a bola ao amigo a quem os adeptos pediram autógrafos.

3) 1 O rapaz de óculos falou com a menina.

2 O amigo jantou com essa menina.

O rapaz de óculos falou com a menina com quem o amigo jantou.

ATENÇÃO:

NÃO PODE UTILIZAR “E”, “PORQUE”, “MAS”, NEM QUALQUER OUTRA CONJUNÇÃO PARA UNIR AS FRASES.

NÃO PODE COLOCAR SINAIS DE PONTUAÇÃO ENTRE AS FRASES.

NÃO PODE REPETIR PALAVRAS.

NÃO PODE ALTERAR O TEMPO DOS VERBOS DAS FRASES.

O menino encontrou o amigo ~~e~~ ganhou o prémio.

Os atletas vestiram o equipamento ~~porque~~ o seleccionador escolheu.

O escritor assinou o livro ~~mas~~ tinha a história da sua vida.

O jogador passou a bola ao amigo ~~os~~ adeptos tinham pedido autógrafos a esse amigo.

29. O júri entregou o envelope ao apresentador. Esse apresentador iniciou o concurso.
O júri entregou o envelope ao apresentador _____.

30. O funcionário apresentou a carta de demissão ao director. Nomearam esse director há dois dias.
O funcionário apresentou a carta de demissão ao director _____.

31. A agência de modelos contratou a jovem. A revista publicou uma notícia sobre essa jovem.
A agência de modelos contratou a jovem _____.

32. Harry Potter descobriu a gruta. O Bruxo escondeu a varinha nessa gruta.
Harry Potter descobriu a gruta _____.

33. O mágico pegou no coelho branco. A assistente pôs esse coelho na caixa.
O mágico pegou no coelho branco _____.

34. Os coleccionadores tiraram fotografias aos automóveis antigos. Alguns Presidentes viajaram nesses automóveis antigos.
Os coleccionadores tiraram fotografias aos automóveis antigos _____.

35. Eu fabriquei o automóvel. A Shakira deu o nome a esse automóvel.
Eu fabriquei o automóvel _____.

36. Saiu da escola o rapaz. Esse rapaz chegou há pouco tempo a Portugal.
Saiu da escola o rapaz _____.

37. Um pintor inglês casou com uma atriz espanhola. Entregaram um prémio valioso a essa atriz.
Um pintor inglês casou com uma atriz espanhola _____.

38. Ganhou um prémio o advogado. Eu jantei com esse advogado.
Ganhou um prémio o advogado _____.

39. O aluno entrou por uma porta. Essa porta dava acesso à papelaria.
O aluno entrou por uma porta _____.

40. Já estreou o filme francês. Os actores desse filme francês são portugueses.
Já estreou o filme francês _____.

41. O pintor estudou na escola de artes. Ofereceu muitos quadros a essa escola de artes.
O pintor estudou na escola de artes _____.

42. O rapaz discutiu com a colega do colégio. O irmão gosta muito dessa colega.
O rapaz discutiu com a colega do colégio _____.

43. Pauleta jantou com um amigo. O irmão desse amigo foi campeão de natação.
Pauleta jantou com um amigo _____.

44. Fugiram da sala de estudo os alunos. Os professores castigaram esses alunos.
Fugiram da sala de estudo os alunos _____.

45. O Miguel rasgou o envelope. Esse envelope era da Maria.
O Miguel rasgou o envelope _____.

46. O Cristiano Ronaldo marcou o penálti. O guarda-redes defendeu esse penálti.
O Cristiano Ronaldo marcou o penálti _____.

47. O director da escola ofereceu uma mochila ao aluno. A turma enviou flores a esse aluno.
O director da escola ofereceu uma mochila ao aluno _____.

48. Despistou-se o automóvel. O Miguel roubou o espelho a esse automóvel.
Despistou-se o automóvel _____.

49. O Luís ofereceu um ramo de flores à menina. A irmã jantou com essa menina.
O Luís ofereceu um ramo de flores à menina _____.

50. Os trabalhadores participaram na manifestação. Aderiram muitas figuras públicas a essa manifestação.
Os trabalhadores participaram na manifestação _____.

51. Explodiu a central eléctrica. Eu trabalhei nessa central eléctrica.
Explodiu a central eléctrica _____.

52. A Joana ofereceu um livro à amiga. A mãe dessa amiga foi sua professora.
A Joana ofereceu um livro à amiga _____.

53. Representou neste teatro o meu primo. Dei o teu número de telefone a esse meu primo.
Estreou-se neste teatro o meu primo _____.

54. O homem deu um osso ao cão. A mulher fez festinhas a esse cão.
O homem deu um osso ao cão _____.

55. Os alunos homenagearam a professora. A escola ofereceu uma lembrança a essa professora.

Os alunos homenagearam a professora _____.

56. Perdi o leitor de MP3. A capa desse leitor de MP3 está na mochila.

Perdi o leitor de MP3 _____.

Bibliografia

- ALEXANDRE, Nélia Maria Pedro (2000), *A Estratégia Resumptiva em Relativas Restritivas do Português Europeu*, Dissertação de Mestrado, Lisboa: FLUL.
- ALEXIADOU, Artemis *et al.* (2000), "Introduction" in *The Syntax of Relative Clauses*, pp.1-52
Amsterdam: John Benjamins.
- ARIM, Eva *et al.* (2005), "Estratégias de relativização nos meios de comunicação social portugueses" in *Actas do XIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (APL)*. Lisboa: Colibri.
- BAGNO, Marcos (2001), *Português ou Brasileiro? Um convite à pesquisa*. São Paulo: Parábola Editorial
- BATORÉO, Hanna e DUARTE, Inês (1999), "Abertura de narrativas: Incidências no Ensino do Português como Língua Materna e Língua Estrangeira" in *Palavras*, N.º 15, Lisboa: APP
- BECHARA, Evanildo (1983), *Moderna Gramática Portuguesa*, 28.ª ed., São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- BORSLEY, Robert D. (1997), "Relative Clauses and the Theory of Phrase Structure" in *Linguistic Inquiry*, 28:4,629-647, Mass.: The MIT Press.
- BRITO, Ana Maria Barros de (1985), "Aspectos Sintáticos das Relativas em Português, Contribuição para uma Teoria Sintáctica Geral de Relativização" in *Actas do I Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa
- BRITO, Ana Maria Barros de (1991), *A Sintaxe das Orações Relativas em Português*, Dissertação de Doutoramento, Porto: INIC.

- BRITO, Ana Maria Barros de (1995), “As Orações Relativas Restritivas nas Variantes Culta e Oral em Quatro Línguas Românicas, com Incidência Especial em Português” in *Lusorama*, 27, pp. 70-81, Frankfurt: Instituto Camões.
- BRUCKART, José M. (1999), “La estructura del sintagma nominal: las oraciones de relativo” in *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*, Vol.I, pp.395-517, Madrid: Editorial Espasa Calpe.
- CHOMSKY, Noam (1965) *Aspects of the theory of Syntax*, Mass.: MIT (trad. port. de J.A. Meireles & E.P. Raposo, *Aspectos da Teoria da Sintaxe*, Coimbra: Livraria Arménio Amado:1978).
- CHOMSKY, Noam (1981), *Lectures on Government and Binding*, 7ª ed., Dordrecht: Foris, 1993.
- CHOMSKY, Noam (1986a), *Barriers*, S.J. Keyser (Ed.), Linguistic Inquiry Monographs. Mass.: MIT.
- CHOMSKY, Noam (1986b), *Knowledge of Language - Its Nature, Origine and Use*, New York: Praeger.
- CHOMSKY, Noam (1991), “Some notes on the Economy of Derivation and Representation” in FREIDIN, Robert (org.), *Principles and Parameters in Comparative Grammar*, Mass.: MIT Press.
- CHOMSKY, Noam (1995), *The Minimalist Program*, Mass.: The MIT Press [tradução portuguesa: Eduardo Paiva Raposo (1999), *O Programa Minimalista*, Lisboa: Caminho].
- CHOMSKY, Noam (1998), *Minimalist Inquiries: the Framework*, MIT Occasional Papers in *Linguistics*, nº 15, Massachusetts: M.I.T.

- CHOMSKY, Noam (1999), *Derivation by Phase*, MIT Occasional Papers in *Linguistics*, nº 18, Massachusetts: M.I.T.
- CHOMSKY, Noam (2002), *On Nature and Language*, Cambridge: Cambridge University Press.
- CLASHEN, Harald (1996), "Introduction" in CLASHEN, Harald (ed.), *Generative Perspectives on Language Acquisition*, Amsterdam: John Benjamins.
- COMRIE, Bernard (1981), *Language Universals and Linguistic Typology – Syntax and Morphology*, 2ª ed., Cambridge, Mass.: Blackwell Pub, 1989.
- CORRÊA, Vilma (2000), "Variação sintáctica em Portugal e no Brasil: orações relativas" in *Actas do XVI Encontro da APL*, Lisboa: Colibri.
- COSTA, João (1995), "Condições sobre o movimento no programa minimalista", *Comunicação apresentada na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa*, Novembro de 1995.
- COSTA, João (2008), "Do que as crianças sabem ao que temos de lhes ensinar", *Comunicação apresentada nas Jornadas sobre o ensino de português*, Maio de 2008.
- CRAIN, Stephen and THORNTON, Rosalind (1999), *Investigations in Universal Grammar. A Guide to Experiments on the Acquisition of Syntax and Semantics*, 2ª ed., Cambridge: The MIT Press.
- CUESTA, Pilar Vasquez e LUZ, Maria Albertina Mendes da (1971), *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa: Edições 70.
- CUNHA, Celso e Luís Filipe Lindley Cintra (1999), *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, 15ª ed. revista e aumentada, Lisboa: Edições Sá da Costa.
- DEMUTH, K. (1994) "Questions, Relatives and Minimal Projection" in *Language Acquisition*, 4: pp.49-71.

DÉPREZ, Viviane e PIERCE, Amy (1993), "Negation and Functional Projections in Early Grammar" in *Linguistic Inquiry*, 24:1, pp.25-67.

DIESEL, Holger (2004), *The Acquisition of Complex Sentences*, Cambridge: University Press.

DUARTE, Inês & BRITO, Ana Maria (1996), "Sintaxe" in FARIA, Isabel H.; PEDRO, Emília R.; DUARTE, Inês & GOUVEIA, Carlos (Orgs.), *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*, pp.247-302, Lisboa: Caminho.

DUARTE, Inês (1987), *A construção de topicalização na gramática do Português: regência, ligação e condições sobre o movimento*, Dissertação de Doutoramento em Linguística Portuguesa apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

DUARTE, Inês (1993), "Propriedades de COMP em construções completivas" in *IX Encontro Nacional da APL*, pp. 181-194, Coimbra: Colibri.

DUARTE, Inês (1996), "A Topicalização em Português Europeu: Uma Análise Comparativa" in *Actas do Congresso Internacional sobre o Português*, Vol. I, pp.327-360, Lisboa: Colibri.

DUARTE, Inês (2003), "O problema da unificação em linguística: a Resposta Generativista" in *Actas do XIX Encontro Nacional da APL*, Lisboa: Colibri.

FARIA, Isabel H. & DUARTE, Inês (1989), "O Paradoxo da Variação: Aspectos do Português Europeu", *Revista Internacional da Língua Portuguesa*, 1, pp.21-27, Lisboa: Associação das Universidades de Língua Portuguesa.

FERDINAND, Astrid (1996), *The Development of Functional Categories - The Acquisition of the subject in French*, Dordrecht: Holland Institute of Generative Linguistics.

FLETCHER, Paul and MACWHINNEY, Brian (1995), *The Handbook of Child Language*, Mass.: Blackwell Pub.

- FODOR, Janet D. (1998), "Unambiguous Triggers" in *Linguistic Inquiry*, 29:1, pp.1-36, Mass.: MIT Press.
- FOSTER-COHEN, Susan H. (1999). *An Introduction to Child Language Development*, United Kingdom: Longman.
- FRAGMAN, Cathy e GOODLUCK, Helen (2000), "Children's Knowledge of the Grammar of Restrictive Relative Clauses" in *Proceedings of the 24th Annual Boston University Conference on Language Development*, Vol.1, pp. 299-307, Mass.: Cascadilla Press.
- GIBSON, Edward e WEXLER, Kenneth (1994), "Triggers" in *Linguistic Inquiry*, 25:3, pp.407-454, Mass.: MIT Press.
- GIVÓN, Talmy (2001), "Relative Clauses" in *Syntax*, Vol.II., Philadelphia: P.A.
- GONÇALVES, Fernanda (2004), *Riqueza Morfológica e Aquisição da Sintaxe em Português Europeu e Português do Brasil*, Dissertação de Doutoramento em Linguística Portuguesa apresentada à Universidade de Évora.
- GUASTI, Maria Teresa (2002), *Language Acquisition, The Growth of Grammar*, Mass.: The MIT Press.
- GUERREIRO, Paula Cristina Gonçalves Batista (2004), *Construções de Inversão: um estudo de comportamento linguístico provocado em crianças e adultos*, Dissertação de Mestrado em Linguística e Didáctica do Português (Língua) apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- HYAMS, Nina (1996), "The underspecification of functional categories in early grammar" In Clashes, Harald (Ed.), *Generative Perspectives on Language Acquisition*, Amsterdam: John Benjamins.

- LABELLE, Marie (1990), "Predication; wh-movement and the development of relative clauses", *Language Acquisition* 1(1):95-119.
- LAMBRECHT, Knud (2000), "Predication second et structure informationelle. La relative de perception comme construction", *Langue Française*, 127, pp.49-66.
- LIGHTFOOT, David (1991), *How to set parameters: Arguments from Language Change*, Mass.: MIT Press.
- LUST, Barbara(2006), *Child Language. Acquisiton and Growth*, Cambridge: Cambridge University Press.
- MANZINI, Rita & WEXLER, Ken (1987), "Paramaters, binding theory and learnability" in *Linguistic Inquiry*, 18, pp.413-444, Mass.: MIT Press.
- MANZINI, Rita (1994), "Locality, Minimalism and Parasit Gaps" in *Linguistic Inquiry*, 25:3, pp.481-501, Mass.: MIT Press.
- MATEUS, Maria Helena Mira Mateus et al. (2003), *Gramática da Língua Portuguesa*, 5.ª ed. revista e aumentada, Lisboa: Caminho.
- Mc DANIEL, Dana, MCKEE, Cecile and CAIRNS, Helen Smith (1998), *Methods for Assessing Children's Syntax*, Mass.: The MIT Press.
- MENYUK, Paula (1988), *Language Development: Knowledge and Use*, Glenview: Scott Foresman and Company.
- MÓIA, Telmo (1996), "A Sintaxe das Orações Relativas sem Antecedente Expresso do Português", in GONÇALVES, Anabela; COLAÇO, Madalena; MIGUEL, Matilde & MÓIA, Telmo, *Quatro Estudos em Sintaxe do Português*, pp.149-188, Lisboa: Colibri.

- MONTRUL, Silvina A. (2004), "Topics, questions, embedding and movement" in *The Acquisition of Spanish: Morphosyntactic development in monolingual and bilingual L1 acquisition and adult L2 acquisition*, Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.
- PERES, João (1987), "Estrutura e interpretação das construções relativas" in *III Encontro Nacional da APL*, pp. 327-338, Lisboa: APL.
- PERES, João & MÓIA, Telmo (1995), *Áreas Críticas da Língua Portuguesa*, Lisboa: Caminho.
- PLATZAC, Christer (2000), "A complement-of-N⁰ Account of Restrictive and Non-Restrictive Relatives" in *The Syntax of Relative Clauses*, pp.265-308, Amsterdam: John Benjamins.
- POEPEL, David e WEXLER, Kenneth (1993), "The Full Competence Hypothesis of Clause Structure in Early German" in *Language*, Vol. 69, Nº 1. pp. 1-33.
- POLLOCK, Jean-Yves (1989). "Verb Movement, Universal Grammar, and Structure of IP" in *Linguistic Inquiry*, Vol.20, Nº 3, pp.365-424.
- RADFORD, Andrew (1986), "Small Children's Small Clauses" in *Bangor Research Papers in Linguistics*, nº1, pp.1-38.
- RADFORD, Andrew (1988), *Transformational Grammar: A First Course*, Cambridge: Cambridge University Press.
- RAPOSO, Eduardo Paiva (1992), *A Teoria da Gramática: A Faculdade da Linguagem*, Lisboa: Caminho.
- REBELO, José Luís Pereira (2000), *A Produção de Orações Relativas no Português Europeu em narrativas escritas por crianças dos 10 aos 15 anos*, Tese de Mestrado Interdisciplinar em Estudos Portugueses, Universidade Aberta.
- RIZZI, Luigi (1991), *Relativized Minimality*, Cambridge, Mass.: MIT Press.

SAFIR, Ken (1986), "Relative Clauses in a Theory of Binding and Levels" in *Linguistic Inquiry*, 17:4, pp.663-689, Mass.: The MIT Press.

SIM-SIM, Duarte e Ferraz (1997), *A Língua Materna na Educação Básica*, Lisboa, ME, DBE

SIM-SIM, Inês (1998), *Desenvolvimento da Linguagem*, Universidade aberta.

SOARES, Carla (1998), *As Categorias Funcionais no Processo de Aquisição do Português Europeu*, Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

TARALLO, Fernando (1985), "The Filling of the Gap: *pro-drop* Rules in Brazilian Portuguese", L. King & C. Maley (Eds.), *Selected Papers from the XIIIth Linguistic Symposium on Romance Languages*, pp.355-375, Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing.

VASCONCELOS, Manuela (1991), *Compreensão e Produção de Frases com Orações Relativas: um estudo experimental com crianças dos três e meio aos oito anos e meio*, Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

VELOSO, Rita (2007), "European Portuguese Relative Clauses in a Spoken Corpus, poster apresentado ao Corpus Linguistics 2007, realizado em Birmingham de 28 a 30 Julho [Citado a partir da versão disponibilizada na página: http://www.clul.ul.pt/equipa/rita_veloso.php].